A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark

PARQUES URBANOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS.
O PARQUE DA PONTE EM BRAGA : PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
CLARA ANTUNES MARTINS| FEVEREIRO 2010
SOB ORIENTAÇÃO DE:
PROF. DOUTOR MANUEL FERNANDES DE SÁ | PROF. ARQ. LUIS PEDRO SILVA

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio constante e incansável.
Aos meus amigos, pelo companheirismo e pelo incentivo diários.
Aos meus orientadores, pela partilha , pela paciência e pela colaboração únicas.
À Câmara Municipal de Braga e às demais entidades e fontes, pela atenção e pela informação disponibilizada.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS
RESUMO | ABSTRACT 11
INTRODUÇÃO 15

PARTE I
PARQUES URBANOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS 19

1| DEFINIÇÕES. PRESSUPOSTOS. 21
CIDADE
PARQUE URBANO

2| DE SISTEMA A MICROSSISTEMA URBANO 31

3| O SUBSISTEMA ESPAÇOS VERDES 37
ESPAÇOS VERDES
ESPAÇOS VERDES URBANOS
CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS VERDES

4| PARQUE URBANO 47
ESPECIFICIDADE DO PARQUE URBANO
DIVERSIDADE DE PARQUE. SELECÇÃO E CONFRONTAÇÃO. DUAS FAMÍLIAS

NOTAS DE RODAPÉ 55

PARTE II
O PARQUE DA PONTE 59

5| ANÁLISE DO LUGAR 61
COMPONENTES. INTERACÇÕES. TEMPO

5.1| COMPONENTES GEOFÍSICOS 65
RIO ESTE 66
MONTE PICOTO 67

5.2| INTERVENÇÃO HUMANA **71**
CAPELA DE SÃO JOÃO DA PONTE.QUINTA DA MITRA 72
JARDIM DE SÃO JOÃO 74
EMPRESA DO PARQUE 76
SUBESTAÇÃO DA PONTE EDP. 78
ESTADO NOVO. DÉCADA DE 50 78
DÉCADA DE 70 82
DÉCADA DE 80 84
DÉCADA DE 90 86

6| DIAGNÓSTICO OPERATIVO **89**
UTILIZAÇÃO 92
CADASTRO 94
MOBILIDADE 96
BIOFÍSICO 98
FUNCIONAL 100

7| O TODO PELA(S) PARTE(S). SISTEMA COMPOSTO POR SUBSISTEMAS **103**
LOCALIZAÇÃO. ESPECIFICIDADES. PROBLEMAS.

7.1| SUBSISTEMA " OS GALOS" 106
7.2| SUBSISTEMA " PONTE DE SÃO JOÃO — PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA" 110
7.3| SUBSISTEMA " PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA — PONTE DOS PELAMES" 114
7.4| SUBSISTEMA " CENTRO POENTE" 118
7.5| SUBSISTEMA " CAMPO DE JOGOS" 122
7.6| SUBSISTEMA " ENVOLVENTE ESTÁDIO 1º DE MAIO" 126
7.7| SUBSISTEMA " JARDINS " 130
7.8| SUBSISTEMA " AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES" 136
7.9| SUBSISTEMA " LARGO DA DEVESA" 140

8| PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO **145**
RECONHECIMENTO. DIRECTRIZES.
IDEOGRAMA-SÍNTESE 153

9| PROPOSTA DE INTERVENÇÃO **155**
INTENÇÕES.

MEMÓRIA DESCRITIVA 157
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO ESCALA 1/1000 159
PLANTA DE ALTERAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES ESCALA 1/1000 160
PERFIS 161

ESQUEMAS COMPARATIVOS 164
CADASTRO 168
MOBILIDADE 170
PERCURSOS 172
PORMENORES-TIPO 174
BIOFÍSICO 176
ARBORIZAÇÃO 178
FUNÇÕES 180
CONFRONTAÇÃO ESPAÇOS VERDES URBANOS. 184

NOTAS DE RODAPÉ 187

CONSIDERAÇÕES FINAIS **189**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 193
REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS 195
FONTES 195

RÉSUMÉ

Cet essai synthétise deux recherches complémentaires et simultanées ayant pour objectif celui d'investiguer le concept parc urbain ainsi que l'ensemble des interactions propres à sa constitution dans la ville contemporaine.

Dans la premier partie, sans objet ni contexte spécifiques, nous commençons par une réflexion à propos de la relation de l'homme et la superficie terrestre, sur laquelle il s'établit puis, spécifiquement, la façon dont, à travers des siècles de constitution de structures urbaines ,la flore, qu'il annule constamment pour garantir son système de survie en société, est préservé et réintroduite dans la ville. En distinguant les différentes formes trouvées par les villes contemporaines de réintégrer les espèces végétales et de les faire coexister en milieu urbain avec les productions humaines, nous comprenons l'intérêt du parc urbain, quel rôle joue-t-il, que le défini-t-il, quelles réponses contient-il et que signifie-t-il dans les structures urbaines. L'approfondissement de ce concept et de ses questions urbaines intrinsèques relèvent de l'entendement des diverses formes et contenus, de l'infinité de façons de résoudre cette demande, individuelle et collective, d'espace vert et, plus précisément, des variantes de parc réalisés par chaque ville.

Dans la seconde partie, nous exposons le travaille issu d'une réflexion restreinte a un cas particulier — o Parque da Ponte — lequel, parfaitement défini en ce qui concerne ses limites et problèmes, s'annonce moteur et point de mire de toute la problématisation. Conscients du faite qu'il ne fonctionne guère comme parc de la ville de Braga, malgré son potentiel, du à sa position relativement au centre urbain et à la concentration unique d'événements géophysiques, nous défendons l'urgence d'une intervention urbaine. Celle-ci sous-entend l'analyse de ses composants et de leurs validité au sein de la ville tout comme ses fragilités, qui déterminent qu'il ne soit ni microsystème urbain cohérent ni comprit et utilisé comme parc par les habitants.

En une proposition d'intervention urbaine sur ce parc urbain, qui vise le rendre à la structure et à la dynamique urbaines nous pensons la réalisation d'un espace vert adapté aux besoins actuelles des habitants de la ville dans le sens de sa récupération comme lieu d'attraction et de vie urbaine, nous accumulons les connaissances acquises tout au long de cette problématisation théorique et pratique.

RESUMO

O presente trabalho sintetiza duas buscas complementares e simultâneas cujo objectivo é aprofundar o conceito parque urbano e consequentemente compreender o conjunto de interacções intrínsecas à sua constituição na cidade contemporânea.

Na primeira parte, isenta de objecto e de contexto específicos, começa por investigar-se a relação do homem com a superfície terrestre sobre a qual se estabelece e, especificamente, o modo como, ao longo dos séculos de constituição de estruturas urbanas, a flora, que anula para construir o seu sistema de sobrevivência em sociedade, veio sendo reintroduzida e preservada, humanizando-a de modo a *tê-la* na cidade. Distinguindo as várias formas constituídas pelas cidades contemporâneas de integrar elementos vegetais e de fazê-los coexistir com as valências urbanas, compreendeu-se a especificidade do parque urbano, o que o define, que respostas contém e o que significa nos sistema urbanos actuais. A problematização sobre este conceito e as questões genéricas intrínsecas a ele fizeram-se do conhecimento da multiplicidade de formas e de conteúdos, da infinidade de modos de responder ao desígnio de espaço verde de estar, individual e colectivo, de concretizar parque em cada cidade.

Na segunda parte, expõe-se o trabalho desenvolvido sobre um caso particular — o Parque da Ponte —, motor e objectivo da especulação teórica, de limites definidos e de problemas inerentes à sua singularidade e à da estrutura urbana a que pertence. Diante do seu não funcionamento como parque da cidade de Braga, apesar do potencial que encerra, nomeadamente pela posição relativa no centro urbano e pela singular concentração de elementos geofísicos, entendeu-se necessário pensar uma proposta de requalificação urbana. Nesse sentido, analisaram-se os seus componentes e respectiva validade na cidade bem como as fragilidades que determinam que falhe como microssistema urbano coerente e que comprometem a sua utilização como parque pelos bracarenses.

Num plano de intervenção, cuja intenção primeira é devolver o Parque da Ponte à estrutura e à dinâmica urbanas concretizando-o como espaço verde pensado para responder às necessidades actuais dos cidadãos e recuperá-lo como foco de atracção pelas suas valências singulares, sintetizam-se os resultados da investigação teórico-prática desenvolvida.

ABSTRACT

This work presents two complementary and simultaneous searches aimed at deepening urban park as a concept and, therefore, understand the set of interactions intrinsic to their formation in the contemporary city.

In the first part, exempt of subject and specific context, we begin to investigate the relationship between man and land surface, on which he establish, and specifically how, over the centuries, flora, that he annull to set up urban infrastructure and to build his system to survive in society, has come to be preserved or reinstated, in town. Distinguishing the various forms established by contemporary cities to incorporate vegetable species and to make them coexist with the urban valences, we understand the specificity of the urban park, what define it, which answers and meanings it has in the current urban systems. The reflection on this concept and their general intrinsic questions were based on the knowledge of the multitude of forms and ways to respond to the individual and collective need of green spaces and spaces in each city.

In the second part, we put the work on a particular case - o Parque da Ponte em Braga - engine and purpose of theoretical speculation, which presents its owns particularities and problems related to the specific urban structure to which it belongs. Before his disfunction as a park in the city of Braga, despite its potential, mostly because of its relative position in the city centre and the unique concentration of geophysical evidences, we considered necessary to propose a urban intervention. In this way, we analyse its components and their validity in the city as well as its fragilities that make it fail as a urban *microsystem* and compromise its use as a park by citizens.

In na intervention proposal, whose primary intention is to return the Parque da Ponte to the structure and the dynamic of the city, realizing it as green space designed to fulfil the current needs of citizens and recover it as the focus of attraction for its natural valences, we summarize the results of our theoretical and practical research.

INTRODUÇÃO

O tema proposto decorre do intuito primeiro de constituir este trabalho de investigação como parte integrante da minha formação enquanto arquitecta e torná-lo num momento de aquisição de conhecimentos e ferramentas de reflexão que determinem, como as demais etapas do percurso académico, um modo eficaz de pensar e projectar na prática futura. Este tema advém, ainda, da vontade pessoal de concentrar esforços num trabalho de cariz urbanístico, como consequência do interesse crescente pelo sistema de relações que determina cidade e por entender a importância do urbanismo no domínio e prática arquitectónicos.

Consciente da dimensão e complexidade inerentes ao pensar a cidade, entendeu-se fundamental definir um campo de acção de contornos concretos que possam constituir base de análise e ponto de partida da reflexão.

Escolhido o Parque da Ponte em Braga, consciente do potencial e dos problemas que constitui na cidade de Braga pretende estudar-se o estado actual das suas dinâmicas para, depois, avançar uma proposta de requalificação urbana. O início da pesquisa e recolha de informações tornou claro um conjunto de relações que este espaço particular estabelece com a malha urbana em que se insere, relações estas que não são exclusivas a este caso específico, são comuns e fundamentais às cidades contemporâneas no modo como os parques urbanos integram o sistema cidade. Considerando a importância desta evidência, redireccionou-se a reflexão para uma busca interessada na eficácia destes espaços nos sistemas urbanos a que pertencem, para além da especificidade de cada um. Deste modo, este trabalho aponta o estudo do parque urbano como conceito a definir e entender, explicitando e problematizando o conjunto de relações que o gera e caracteriza como microssistema da cidade a que pertence.

O presente trabalho tem como objectivo explícito iniciar uma abordagem ao urbanismo como ciência, visando familiarizar-me com as questões que a cidade levanta, enquanto sistema e organismo vivo.

Da problematização centrada num dos seus componentes, o parque urbano, espera desvendar -se o conjunto de razões que originam, definem e caracterizam este microssistema para entender e apreender as relações parque urbano/cidade, microssistema/sistema.

Esta reflexão aponta a compreensão das variáveis comuns, num contexto não particularizado, especulando um modelo/base , síntese de conceitos e ideias subjacentes ao binómio parque urbano—cidade, aplicável a qualquer estrutura urbana. Encontrado o protótipo de relações intrínsecas à cidade, avançam-se as condições da pertinência e da validade do parque urbano como microssistema integrado na malha e na vivência urbanas.

É, ainda, objectivo implícito deste ensaio treinar um novo modo de pensar. Obrigar-me a uma primeira aproximação abstracta a cada problema novo para poder encaixá-lo numa matriz sobre a qual tenha já havido alguma problematização. Importa fomentar a busca dos conceitos intrínsecos a um objecto para ser capaz de, desde o primeiro contacto, identificar pontos de coincidência com anteriores raciocínios que permitam associar, automaticamente, respostas e patamares entretanto alcançados e constitui-los premissas das novas interrogações e especulações.

Diante destes propósitos, a construção de um raciocínio pertinente e direccionado iniciou-se no reconhecimento das questões enunciadas pelo Parque da Ponte, que pretende dissecar as relações que os seus componentes mantêm entre si e com a malha urbana que integram, e que permitam intuir os conceitos subjacentes ao problema, parque urbano. Esta análise ocorreu, simultânea no tempo, à pesquisa ponderada de elementos teóricos que clarifiquem os antecedentes do parque urbano na cidade como premissas seguras do desenvolvimento da problematização propriamente dita. Antes de avançar uma reflexão sobre o conceito importou definir cidade e definir parque urbano, no sentido de identificar o que se quer referir com cidade e com parque urbano, antes da reflexão que a completará.

Esta delimitação confunde-se com o início da reflexão sobre os seus significados e constitui-se como ponto de partida para a investigação nas formas como cidade e parque urbano interagem e se relacionam entre si. Da afirmação e exploração desta interacção determinante enunciam-se os conceitos subjacentes a uma e a outra definições e o que implicam uma sobre a outra como sistema e microssistema, respectivamente.

Compreendida a evolução no comportamento humano e no modo como resolve a sua necessidade de contacto na cidade com os elementos da superfície terrestre anteriores à existência humana, sintetizam-se e classificam-se o conjunto das formas concretizadas em ordem a esse desígnio, componentes do subsistema espaços verdes.

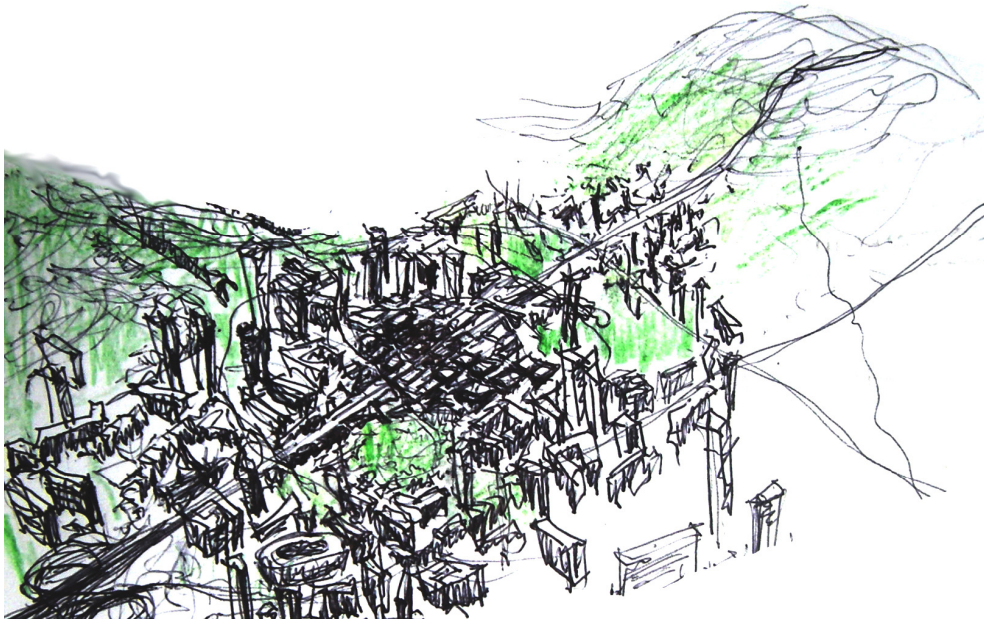
Distinguindo os diferentes tipos de espaços verdes concretizados na estrutura urbana apreende-se finalmente a especificidade do parque inscrito na malha. No sentido de compreender esta peça urbana e as razões da sua validade enquanto espaço verde e de o caracterizar analisam-se diversos exemplos de parques em cidades contemporâneas. Desta familiarização com a multiplicidade de modos de responder ao desígnio especifico de parque na cidade depreende-se, por um lado, a impossibilidade de averiguar todos os problemas e respostas e, por outro, quão especifico é cada parque resultado da singularidade do lugar e do sistema que o determina. Apesar desta variedade de resoluções que o parque urbano significa — intrínseca à diversidade de formas, de equipamentos, de valores que pode conter e que o podem definir e de como o seu conteúdo e desenho são indissociáveis do sistema a que pertencem — distinguem-se, tendo em vista , o objecto seleccionado, dois modos de resolução, o do espaço verde sacrificado para integrar novos programas urbanos, respostas às novas exigências humanas, e do parque projectado de raiz como microssistema ordenador de espaço verde e de espaço interior e exterior de diferentes vocações. Diante da constatação da infinidade de questões a tratar numa hipótese apenas teórica, o estudo reorienta-se e centra-se definitivamente no Parque da Ponte.

Consciente das limitações das considerações teóricas e da impossibilidade da sua transposição directa num trabalho a um nível que não estritamente abstracto, o exercício prático de intervenção sobre um microssistema real e delimitado, no seguimento da especulação e das elações dela resultantes, comprovam a sua utilidade, pertinência e validade, enquanto precedência fundamental do processo de projecto.

Aplicando os conhecimentos adquiridos e levantando novas questões, inicia-se a análise objectual, primeiramente histórica, derivada da consciência da consolidação temporal do Parque da Ponte como espaço de uso público, e depois analítica, diagnosticando o estado actual. Encontram-se, deste modo, as premissas de uma actuação que pretende fazê-lo microssistema integrado na cidade de Braga.

O avanço de uma proposta de intervenção, como resolução dos problemas que, actualmente, se observam na ineficaz relação do Parque da Ponte com a estrutura urbana de Braga, constitui-se como síntese e avanço dos conhecimentos maturados ao longo da investigação teórico-prática sobre o conceito parque urbano.

PARTE I
PARQUES URBANOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS



1| DEFINIÇÕES. PRESSUPOSTOS.

Como ponto de partida para o presente trabalho, entende-se necessário explicitar primeiro, cidade e parque urbano, enquanto conceitos a empregar de modo recorrente e cujos significados se pretendem claros. Ainda que estas definições venham naturalmente a complexificar-se, agregando novos conceitos e atravessando linhas de raciocínio que lhes somem valências, é fundamental delimitar, por um lado, o que se quer dizer com cidade e com parque urbano, e por outro lado, apontar o que se sabe e o que necessita averiguar-se sobre estes.

CIDADE.

A cidade advém, primeiro de tudo, da necessidade do homem de existir, de ser, de demarcar-se no território, e intrinsecamente, *"des besoins d'intéractions des gens et des avantages que celle-ci procure"* [1].

Constitui-se, assim, um sistema complexo de relações que o homem empreende com o lugar, em que decide estabelecer-se por oferecer um conjunto de condições que permitem obter respostas às suas necessidades básicas, e com os demais indivíduos, partilhadores dessa condição humana com os quais necessita interagir.

Inerente a esta necessidade de interacção, o homem constitui-se, simultaneamente, indivíduo e ser pertencente a um grupo, a uma entidade colectiva. Acrescentam-se, portanto, às necessidades individuais comuns a todos os homens, as implicações decorrentes da sua consciência social e, consequentemente, a necessidade de gerir o sistema de relações que originam.

O comportamento humano determina a organização do espaço que a cidade constitui, ao fixar-se no território, ocupa e edifica, para dar respostas às funções de que necessita, originando a concentração de construções, de actividades e de serviços. Assim, a cidade equivale ao espaço organizado para o homem pelo homem, demarcando no território os lugares onde constrói a sua estrutura e actua como indivíduo e como ser social.

> *"Habitar significa tener un lugar fijo en el espacio (...) pero para que el hombre pueda permanecer en este lugar (...) no debe ser concebido como simples punto (...) este lugar ha de tener cierta extensión. El hombre debe poder moverse en una cierta esfera"* [2]

Com o decorrer do tempo, as necessidades básicas e as capacidades do homem vão mudando e a forma das cidades é redefinida de acordo com os novos modos de pensar e de estar, donde resultam novos modos de distribuição no território, causa e efeito das novas necessidades de relação entre os componentes urbanos.

A evolução do comportamento humano determina a evolução na forma das aglomerações urbanas e, inevitavelmente, a evolução na noção de cidade.

De facto, tendo-se designado por cidades os primeiros aglomerados populacionais ordenados pelo homem, de contornos e características perfeitamente estáveis e definidos, a progressiva mudança das formas da ocupação humana até um espaço organizado de limites difusos e relações múltiplas entre os diversos centros urbanos que as caracterizam, motiva a distinção entre cidade tradicional e cidade contemporânea.

Tendo em consideração o objectivo deste ensaio, busca de respostas a questões que as actuais formas do espaço urbano colocam, utilizar-se-á a palavra cidade *tout-court* para designar as cidades contemporâneas desta dissertação. Deste modo, ao longo do presente estudo, a palavra cidade, empregue genericamente, significará, portanto, **espaço organizado, reconhecível no território como reflexo inequívoco da intervenção humana, que concentra uma diversidade de componentes e serviços; criação física do homem, complexa, de relações múltiplas, necessária e indissociável da sua condição de existir** e remeterá naturalmente para as formas conhecidas dos espaços urbanos actuais.

DEFINIÇÃO

PARQUE URBANO.

Da noção de parque urbano importa clarificar que se trata de um conceito *recente*, absolutamente indissociável das formas urbanas contemporâneas, produto de entendimentos e concretizações distintas e sucessivas no tempo sobre o binómio homem-natureza. É à questão *quão recente* que, em seguida, se procura responder.

Com efeito, interessa compreender, no tempo, a evolução no conhecimento humano e no da sua necessidade de relação com o meio para encontrar os motivos e as formas que deram origem a esta produção urbana contemporânea.

O homem fixa-se em determinado ponto da superfície terrestre, é, existe. A existência humana implica necessariamente uma relação do individuo com o território em que se inscreve e em que procurará sobreviver.

Esta interacção homem—natureza é, assim, inevitável, indissociável do ser (humano), da sua existência sobre o território, da sua actuação sobre este.

Desta consciência e desta necessidade de interacção advém uma resposta eficaz num determinado tempo num determinado espaço, a qual é redefinida a cada momento, a cada lugar, a cada dado, a cada exigência nova, reconhecidos pelo homem.

Com efeito, é do entendimento do significado do meio para o homem e da sua acção sobre este, reformulados paulatinamente, que advêm os fundamentos para a concepção actual das necessidades e das formas de interacção com os elementos anteriores à sua existência, entre eles o conceito de parque urbano.

Deste modo, entende-se preponderante compreender as reflexões subjacentes a esta dependência ao longo do tempo uma vez que auxiliarão a interpretar o momento actual.

Domínio do homem

Do momento em que o homem se fixa em determinado lugar e entende a possibilidade de retirar os elementos necessários à sua subsistência através da domesticação dos elementos vegetais e do controlo dos seus recursos data a compreensão efectiva da dependência contínua com a natureza.

Apreendida esta interacção produtiva, a agricultura, o homem, racional e imaginativo, busca rentabilizar a sua acção sobre o território, aperfeiçoando técnicas de cultivo que lhe permitem subsistir e mais tarde produzir excedentes que determinam tempo extra para concentrar-se noutras concretizações humanas; iniciam-se uma serie de actividades entre os diferentes grupos.

> *"nous semons du blé, nous plantons des arbres, nous fertilisons la terre par l'irrigation, nous confinons l'eau des fleuves et nous redressons et détournons leurs cours. Bref, au moyen de nos mains nous essayons de créer en quelque sorte une seconde nature* (alteram naturam) *au sein du monde naturel."* [3]

As obras dos autores de Roma antiga[4], concentradas na transmissão dos saberes e das técnicas que permitam aos *patricii* retirar das suas propriedades agrícolas o máximo rendimento, primeiras referências escritas à relação homem-natureza, afirmam a necessidade de uma interacção frutífera com a superfície terrestre, ao mesmo tempo que evidenciam a consciência do efeito transformador que esta acção humana implica.

Jardins de cultivo e jardins senhoriais

Na especificação de condições favoráveis a uma relação proveitosa dos grandes proprietários, explicam a necessidade de áreas de terreno, de tamanhos e características distintas, destinadas a diversos tipos de jardins para cultivo (de vegetais, de árvores de fruto, de plantas medicinais) assim como a delimitação de uma área de terreno reservada ao deleite do proprietário.

Consciente da sua capacidade de transformação e configuração de novos lugares no meio, o homem pensa, pela primeira vez, a domesticação dos elementos com uma intenção de recreio próprio e não apenas produtiva. Reordenando, controlando os elementos naturais e integrando-lhe elementos escultóricos e arquitectónicos, aos senhorios é reservado o prazer de usufruir de um lugar exterior delimitado, onde estar, passear-se e isolar-se em intima relação com os elementos do território.

Em finais do século XV, a possibilidade de explorar o espaço até ao infinito, a partir de um

único ponto de observação, conquistada com o domínio da perspectiva linear significa, para a percepção humana, uma transformação da concepção espacial. PERSPECTIVA

Esta está igualmente na origem de um conceito novo, *paysage*, empregue pela primeira vez em francês, em 1493, para designar "*un tableau représentant un pays*". Recorrendo a este novo método de representação, os pintores da Flandres tornam pictural, pitoresca, a extensão de superfície terrestre ainda não humanizada, direccionando a atenção do homem para o território, dignificando assim a sua apreensão.

> *"[...] je le voudrais [le bâtiment] sur quelque petit coteau ou tertre [...] la face et abord du logis soit illustre et transparent, si qu'on le puísse bien voir de toutes parts, et que chose du monde ne l'empêche, ayant le ciel de touts côtés ouvert [...] qu'il n'y ait rien à l'environ qui mécontente l'oeil"*[5]

Destas duas conquistas, resulta uma nova preocupação, a do domínio visual sobre a propriedade e o território. Esta implica transformações na organização do espaço; nas *villas*, a concepção de *loggias* e espaços internos voltados para o exterior, que, de um ponto de vista elevado em relação ao terreno envolvente, permitam enquadrar um fragmento das formas livres da natureza; e decorrente deste alcance visual torna-se preponderante ordenar os jardins privados, de modo que estes, tal como os elementos naturais, sejam motivo de apreciação visual.

A partir desse momento, esta busca de uma ordem própria aos jardins, de leis para a sua formalização que ao serem aplicadas os tornem produtos tão agradáveis como o são as manifestações da natureza, regida ela também por leis e princípios, constitui-se como premissa maior na interacção do homem sobre o meio.

Com efeito, no inicio do século XVII, as produções teóricas e os desenhos destes jardins indispensáveis a todas as propriedades de homens cultos e poderosos, constituem ainda reflexo desta vontade de encontrar um modelo de execução perfeito. Acabando por distinguir-se, na Europa, duas direcções radicalmente opostas. ORDEM

Em França, em resultado dos tratados de Jacques Boyceau e Claude Mollet, concretiza-se "*l'art du jardin"*, uma visão do jardim como um todo. Uma obra de arte a ser levada a cabo por homens conhecedores de várias ciências que, inspirados na ordem e na harmonia presentes na natureza, visariam estabelecer um diálogo coerente entre os diversos jardins e elementos. Ordenar os elementos com recurso à geometria, pensando os diferentes canteiros como partes de um único jardim, acaba por constituir-se como modelo "*jardin à la française*".

Em Inglaterra, com as referências de John Milton e William Temple, aos Jardins do Éden e ao jardim *sharawadgi* chinês, respectivamente, apontam-se as premissas para um modelo de jardim que, entendendo a natureza como modelo, pretende recriá-la. Baseado no conceito chinês, o jardim inglês desenvolve-se numa ideia de perfeição associada à irregularidade e à imprevisibilidade.

Ao longo do século XVIII, à razão e à ordem geométricas sobrepõe-se uma visão cada vez mais sensível do homem em relação ao meio em que existe. Em 1756, a obra de Edmund Burke *Sublime & Beautiful*, sintetiza conceitos novos da beleza, apoiados na irracionalidade, na diversidade e na aleatoriedade existente na natureza. Os jardins constituem-se assim como uma natureza artificializada, recriação entre muros do mundo vegetal e mineral anterior à intervenção humana.

Feito à imagem da natureza e entendido como reprodução desta, o jardim, como o evidencia Horace Walpole, em 1770, influenciado pelas pinturas de Kent, constitui parte da paisagem pelo que pode fundir-se à natureza sem recorrer a barreiras físicas que o delimitem no espaço.

Sensível às formas do território, o homem pretende uma relação de bem-estar na natureza, uma existência o menos dissociada possível dos elementos que a definem. A intervenção humana

esforça-se, deste modo, na criação de paisagens integradas e coerentes, para resultarem equilibradas e agradáveis *"a l'oeil et a l'esprit"*[6].

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

O momento de radical transformação da forma urbana, consequência das revoluções industrial e democrática, na Europa e nos Estados Unidos da América, corresponde a importantes reajustes nas necessidades humanas de elementos e de lugares de relação com o território não urbanizado. Com efeito, o crescimento exponencial das cidades resulta num conjunto de problemas de concentração e de insalubridade, motivadores de uma série de medidas e planos de higienização.

Conscientes do problema de densidade que a proliferação industrial fomenta, os planos de higienização propõem espaços não construídos, grandes eixos de circulação e amplas áreas de estar que permitam a renovação do ar. Desta intenção decorre a integração de elementos arbóreos e vegetais na estrutura urbana que, como defende Hegel em 1835[7], permitam harmonizar o construído.

Simultaneamente, assiste-se a uma reformulação do conceito de paisagem aplicado assim à realidade urbana, *townscape*, o que denuncia a compreensão radicalmente nova de que a paisagem deixa de restringir-se às manifestações geofísicas da natureza. [8]

O homem entende, assim, que não necessita de estar no campo para manter uma interacção com o meio. Nesse sentido, esta relação homem-natureza é transposta para as cidades pela recriação privada de um jardim, por um lado, e pela introdução de elementos vegetais antes apenas existentes no território não urbanizado, por outro.

Esta nova necessidade colectiva de componentes que remetam para o espaço não humanizado, manifestada quer nos domínios privados quer nas estruturas urbanas, reitera a democratização da arte dos jardins e induz dois lugares distintos reservados à natureza: jardim e parque.

> *"Le parc se doit de posséder le caractère de la nature sauvage et du paysage, aussi la main de l'homme ne doit-elle pas être trop visible et ne se faire remarquer que par des chemins bien entretenus et des bâtiments adéquatement repartis.[...] si un tel aménagement doit représenter la nature, ce doit être une nature amenagée pour l'usage et le plaisir de l'homme.*
> *[...] tout alterne et se combine pour produire le plus riche et le plus divers des effets, de la même manière que l'on orne diversement les différent salons à l'intérieur d'une maison."*[9]

JARDIM E PARQUE

Em 1834, no seu livro *Andeutungen über Landschaftgärtnerei, o* Principe Pückler descreve parque e jardim como *duas coisas muito diferentes*[10] . Para este teórico alemão, o parque deve resultar de uma intenção *global, única* através de um processo projectual assente sobre um conceito bem definido que fundamenta e torna coerentes cada componente e cada detalhe no todo que é o parque.

Entre as suas considerações de concepção do parque, Pückler defende-o como espaço público. Ao compreender os valores educacionais e terapêuticos que o cultivo e o tratamento de espécies vegetais e arbóreas representam, deixa de ser exclusiva dos grandes proprietários, a necessidade de espaços de deleite e de íntima relação com a natureza.

Com as primeiras noções de relaxamento mental generaliza-se, no final do século XVIII, a abertura ao público de várias propriedades reais e privadas[11] . A constatação dos efeitos benéficos do contacto com elementos vegetais sobre a saúde humana motiva, no decorrer do século XIX, a criação de novos parques, abertos nas cidades por forma a garantir, a todos cidadãos, fácil acesso ao bem-estar físico e mental, e, indirectamente, o aumento da produtividade dos trabalhadores. [12]

Deste modo, o parque, transferido para o interior das aglomerações, é pensado como lugar de uso público com o intuito duplo de higienizar a malha urbana e de oferecer um espaço amplo que, ao acumular elementos da paisagem natural, recrie o território anterior à intervenção humana.

> *"[...] étant indissociable du problème plus vaste de l'extension future de votre honorable ville, le probleme des espaces verts destinés au loisir public devrait immédiatement revêtir une importance primordiale et être abordé avec une exigence, une détermination et un intérêt tout particulier. C'est là la seule façon de bien traiter cette question."*[13]

Em finais do século XIX, a obra teórica e o *Central Park* de Frederik Law Olmstead sintetizam esta urgência de inserir na malha urbana um grande espaço público, uma reprodução artificial da natureza que funcione como momento urbano a que os cidadãos possam deslocar-se para refugiar -se da cidade.

PLANEAR

A par da importância de integrar *landscape gardening* ao planeamento urbano democrático, afirma que o parque, construído para isolá-lo do contexto urbano, deve influenciar o espírito do homem dirigindo-se à sua imaginação.

Olmsted introduz ainda um tipo novo de parque, o parque natural, fora das cidades, um lugar de características paisagistas tão singulares que as vias de comunicação e a malha urbana se estenderão até esta forma alternativa do homem se reencontrar na natureza.

> *"Un parc suffisamment bien agencé prés d'une grande ville deviendra certainement un nouveauu centre pour elle. En plus de la décision de l'emplacement, de la taille et des limites du parc, il faudra donc veiller à construire de nouvelles voies de communication entre les quartiers eloignés de la ville déjà existents et ceux projetés."*[14]

Os parques e os jardins constituem-se como recriações artificiais do território não urbanizado, produções humanas conscientes no sentido de acrescentar à sua existência a natureza, que a revolução industrial e o desenvolvimento urbano foram submetendo e afastando do homem.

Apesar do crescente interesse em devolver à cidade a relação com a natureza, o modo de vida preconizado pelas cidades modernas é incompatível com os cuidados quotidianos que os jardins necessitam. A uma velocidade subitamente distinta nas estruturas urbanas alcançadas pela revolução industrial, à interacção homem-meio sobrepõem-se a estandardização e a internacionalização como modos de vida moderna.

Em finais do século XIX, constitui-se uma nova disciplina, o urbanismo, que visa tratar as necessidades do homem e das cidades, adoptando por isso uma nova designação que engloba jardins e parques, espaço verde. Sucedem-se as propostas urbanísticas consequência da consciência generalizada da importância de conceber um plano que equacione desde o princípio o crescimento das cidades e que regule os espaços livres na malha urbana.

> "*It is wellnigh universally agreed by men of all parties, not only in England, but all over Europe and America and our colonies, that it is deeply to be deplored that the people should continue to stream into the already over-crowded cities, and should thus further deplete the country districts."*[15]

CIDADE-JARDIM

Perante a *atracção* que caracterizam as cidades, Ebenezer Howard em *Garden Cities of To-morrow*, reedição do seu ensaio de 1898, afirma "*it is obvious, therefore, that no remedy can possibly be effective which will not present to the people, or at least to considerable portions of them, greater attractions that the cities now possess."*[16.]

Assim , propõe um novo modelo de cidade, a cidade-jardim, como a combinação perfeita das vantagens da cidade, lugares da sociedade, do conhecimento, das relações e das dinâmicas humanas, com os valores do campo, lugar das matérias-primas indispensáveis à sobrevivência do homem, da beleza inspiradora do arte e da cultura.

De dimensões máximas predefinidas, idealizadas como autosuficientes e acumuladoras de actividades agrícolas e industriais, várias cidades-jardim foram concretizadas. Projectada, em 1903, por Unwin e Parker, *Letchworth* em Inglaterra constitui-se como a primeira cidade-jardim realizada segundo os princípios da distribuição racional dos equipamentos públicos, das vias de comunicação e das propriedades privadas, assim como dos elementos vegetais e arbóreos generosamente plantados pela cidade.

Apesar do sucesso das cidades concretizadas a partir deste modelo, as cidades-jardim não se generalizam como solução; as estruturas urbanas do século XX crescem desregradas sobre o território, agravando-se os problemas decorrentes do aumento demográfico. A densificação das cidades e a consequente precariedade nas condições de vida urbana conduzem ao aparecimento de diversas pospostas higienistas fundadas na criação e na gestão de espaços livres e de espaços verdes.

Em 1906, Forestier defende um *système de parcs*, um programa completo que coordena as várias formas de espaços verdes necessárias à estrutura urbana, pensado à escala da cidade e à escala regional.

Na Carta de Atenas, 1933, e na *Ville Radieuse* de Le Corbusier, 1922 , os espaços verdes proclamam-se como vazios higienistas fundamentais à cidade, como espaços de uso público, de recreio, democráticos, acessíveis; lugares para o homem se reencontrar com os elementos do território, redefinido, humanizado, que os blocos sobre *pilotis* permitem apreender como um *continuum* verde.

SURFACES VERTES

Numa concepção não apenas higienista do espaço verde, à necessidade racional de espaço soma-se uma exigência nova, transportar o homem para fora do ritmo e das obrigações urbanas. O espaço verde torna-se lugar condensador e reflexo dos valores da cidade; lugar útil, de concretização social, onde o homem interage com o meio e com os demais indivíduos.

> *"Les surfaces vertes [...] n'auront pas pour unique fonction l'embelissement de la cité. Elles devront, avant tout, jouer un role utile, et ce sont dês installations de caractère collectif qui occuperont leurs pelouses: creches, organisations pré ou post scolaires, cercles de jeunesse, centres de délassement intellectuel ou de culture physique, salles de lectures ou de jeux, piste de course ou piscines en plein air."*[17]

Deste modo, estas propostas modernistas respondem à falha de espaço e de verdes urbanos com novos fragmentos de cidade construídos sobre o território livre das periferias; reclamam extensões de superfície verde que as cidades industriais não podem conter.

A este espaço útil para a cidade Roberto Burle-Marx em *Jardins no Brasil*, 1947, acrescenta-lhe função educativa, no aprofundamento do conhecimento das espécies, e evidencia o carácter pedagógico que o jardim pode constituir uma vez que, ao alertar para o valor da natureza, sensibiliza a sua protecção e preservação. Entende, ainda, o jardim, público ou privado, como transição perfeita entre a arquitectura e a natureza não disciplinada, por um lado, e traço de união entre o homem e a natureza, por outro.

Decorrente das conquistas de velocidade e de facilidade de deslocação, a cidade moderna, como o ressalta Lewis Mumford, em 1960, é sintomática dos efeitos perversos que a máquina permite, surgindo descontrolada e desregrada no território. Em torno dela, e contrariamente aos princípios enunciados na Carta de Atenas, emergem concentrações-dormitório, que dilatam os limites da cidade e a afastam do campo.

Mumford defende uma estratégia de novos centros, *extra-urbanos*, que concentrem funções, serviços e espaços públicos que lhes permitam autonomia e dinâmica própria e humana.

Espontâneos ou pensados a uma distância facilmente acessível, simultaneamente antecipadora de congestionamento automóvel, os *suburbs* e as grandes superfícies verdes transformar-se-iam em centros-satélites.

O HOMEM NO MUNDO

A segunda metade do século XX engloba um conjunto de reacções à cidade moderna e aos seus valores industriais que, ao sobreporem-se ao ser humano, esmagam a individualidade e descuram a relação do homem com o mundo. Sucedem-se teorias que visam solucionar através do desenho e do planeamento de espaços verdes urbanos a possibilidade de voltar a clarificar a posição do homem face ao que o rodeia.

> *"[…] ces sites élevés, ces lieux culminants d'où l'on perçoit l'étendue du pays sont-ils des lieux privilégiés pour intérioriser, aujourd'hui de façon inconsciente, autrefois sans doute de façon evidente, les liens qui unissent l'homme au monde, au cosmos, si l'observateur si trouve grandi lorsqu'il couvre son territoire du regard, il y prend aussi mieux qu'ailleurs la place de sa dimention relative."* [18]

Com efeito, num mundo desorganizado desarticulado, confuso na hierarquia de valores que fazem a cidade e a sociedade, a interacção do homem sobre a paisagem, organismo vivo em constante transformação, permite-lhe reencontrar-se com os elementos, situar-se no tempo e no espaço.

Num momento em que o homem errante vai em frente sem direcção, a natureza, à qual pertence e de onde vem, tem de ser redescoberta, segundo Pierre Sansot, como parceira privilegiada na compreensão do lugar metafísico do homem, da ordem das coisas, do lugar que ocupa no mundo.

> *"[…] nous l'oublions par une sorte d'ingratitude ou par une fâcheuse distraction, ou encore parce que nous nous enfermons dans nos projets ou nos préoccupations (parfois vitales) parce que nous ne savons plus trop ouvrir les yeux, entendre l'inouï,l'inhabituel, le trop familier. [...] L'ouverture à autrui joue son role et on a eu raison d'en manifester l'importance. Mais il existe aussi cette ouverture au monde lui-même, cette capacite de marcher sur un sol ferme sans vaciller, cet accord à la pierre, à la plante, au trottoir."*[19]

CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

Paralela a esta desatenção à natureza, o homem sabe que depende dela a sua sobrevivência e começa a aperceber-se do significado da sua acção desregrada sobre ela. Ao despertar humano para os efeitos que a sua existência provoca na natureza, soma-se a consciência de que as consequências das suas acções sobre ela, como parte integrante e determinada por esta, se sentem, inevitavelmente, sobre o homem.

O homem consciencializa-se da necessidade de pensar e controlar a sua acção sobre o meio, da urgência de protegê-lo para permitir a sua própria sobrevivência. Denota-se uma verdadeira consciência ecológica no modo de estar do homem; o conceito *oekologie* tinha sido introduzido por Haeckel em 1866, mas acaba por ser interiorizado pelo homem e pela sociedade no decorrer do século XX.

> *"[...] nature; celle-ci n'aurait sans doute jamais rien signifié pour nous si nous n'avions pas agi sur elle."*[20]

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, o domínio das técnicas audiovisuais e a facilidade de comunicação entre os pontos geográficos, a paisagem não se resume a uma construção pessoal baseada somente na experiência pessoal do meio.

Se o homem contemporâneo é bombardeado de imagens, incorpora memórias e experiências não presenciais, então o seu olhar e percepção são parciais, são condicionados antes mesmo do contacto visual, e a sua selecção dos elementos do *continuum* terrestre não é tão própria nem tão única. Inserido numa estrutura urbana necessariamente social, o modo de compreender, de actuar e, sobretudo, o olhar do homem obedecem, de forma mais ou menos consciente, a um conjunto de parâmetros sugestionados pela sociedade a que pertence, impregnados do tempo e da região que o definem.

> *"L'appareil sensoriel, certes, est fondamentalement le même chez tous les êtres humains; et tous, le fait est prouvé, ont à peu prés la même capacité de discrimination des données sensibles de l'environnement. Ce n'est pas à ce niveau, physiologique, que se situe le problème; c'est à celui de l'interprétation que les cultures font de leur environnement. Or cette interprétation — ce que, par example, nous percevons en termes de paysage — est forcément typée, datée, inscrite dans le contexte singulier d'un certain mode de vie, à une certaine époque."*[21]

Dos espaços verdes modernos, fundamentais ao respirar urbano e propiciadores de equilíbrio humano psicológico, avança-se, nas cidades contemporâneas, para um acréscimo de exigências que implica uma nova complexidade na relação do homem com o meio.

PARQUE URBANO

Na cidade contemporânea, já não são suficientes espaços verdes higienistas nem instigadores de compreensão metafísica do homem no mundo, são necessários espaços que encerrem, em si mesmo, um conjunto de relações próprias advindas de uma interdependência com o sistema urbano que integram.

O conceito de parque urbano reflecte esta evolução de espaço verde para espaço verde indissociável da cidade; origina-se no sistema urbano, complexo, para responder ao organismo vivo e à interacção dos seus componentes.

Mais do que necessitar de um espaço que o situe no mundo, que domine a natureza, o homem precisa de um lugar que incorpore todas as valências, todas as funções, todos os significados que a cidade comporta como produção humana.

> *"le dépassement de la polarité civilisation-nature dans les conditions de la ville moderne a invalidé le prototype historique du parc en tant qu'image de la nature. Le parc ne peut être conçu comme un modele d'un monde utopique en miniature, protégé de la réalité vulgaire. Plutôt qu'un refuge, le parc contemporain ne peut être vu que comme un environnement defini par les préoccupations de l'habitant de la ville, à travers des besoins récréatifs et des plaisirs déterminés par les conditions de travail et aspirations culturelles de la société urbaine contemporaine.*
>
> *Le concept d'«espace vert » s'épuise devant la réalité du parc culturel. Ainsi nous nous opposons à la notion d'Olmsted, répandue pendant le XIXe siècle, que «dans» le parc, la ville n'est pás censée exister»"*[22]

O parque urbano, distinto do espaço verde moderno, define-se na dependência que mantém com a estrutura urbana, constitui-se como parte da cidade com autonomia e características próprias tão segregado por ela como a ela subordinado. O parque urbano não pode "afastar-se" da cidade, nem esconder-se dela, advém dela e interage com ela continuamente.

PRIMEIRA DEFINIÇÃO DE PARQUE URBANO

Parque urbano entende-se como **criação física do homem, espaço exterior ordenado, de uso público, integrador de elementos naturais, humanizados, e de elementos arquitectónicos, com funções, usos e dimensões definidos pelas necessidades das cidades do homem. Componente fundamental à cidade, motivador de distâncias e relações indispensáveis ao existir do homem em sociedade.**

2| DE SISTEMA A MICROSSISTEMA URBANO

Num momento espontâneo e próprio de colocação perante o problema, que se propôs investigar, enunciou-se o que se conhecia de parque urbano. Desde estas primeiras considerações sobre esta peça urbana e o que significa na cidade, confirma-se a sua inquestionável complexidade e materializa-se, desde logo, um raciocínio, entretanto maturado, que se configura como motivo, motor e ponto de partida para a problematização.

É este modo de pensar e de equacionar o parque na estrutura urbana que se entende necessário expor por considerá-lo enunciado(r) das questões que a esta problematização interessa aprofundar.

A cidade, como anteriormente se expôs, constitui-se como estrutura dinâmica totalmente resultante das necessidades inerentes à existência humana. Com efeito, o homem existe em determinado ponto do universo, onde para sobreviver tem de empreender um conjunto de acções que lhe permitam assegurar a sua *prosperidade biológica*[23].

São estas acções, naturalmente reflexo das necessidades e do pensamento humano num dado espaço-tempo, e o modo como são pensadas e concretizadas que determinam a cidade e a evolução das suas formas.

Da característica única do homem, de pensar e imaginar, e da capacidade de transmitir o conhecimento às gerações seguintes através da linguagem resulta uma constante reformulação da consciência e do agir humanos. Assim, a forma da cidade revela a sucessão dos desígnios da vida humana em sociedade e resulta da complexidade de processos-respostas, novos, substituídos, reformulados e abandonados, sobrepostos ao longo do tempo.

A estrutura urbana, ordenadora de um conjunto de componentes, sujeitos a renovações constantes, e gestora de todas as relações, físicas e abstractas, decorrentes desses mesmos componentes encontra-se em contínua transformação.

Fazendo-se mais das relações entre os seus componentes do que da sua soma, da articulação dos seus *layers* do que da sobreposição estrita dos seus objectos, a cidade é sistema, ordenadora das variáveis que a caracterizam e das complexas interacções entre todos os seus elementos físicos, abstractos e simbólicos.

> *"[...] quando é a interacção entre as partes que cria o comportamento do todo, só então, podemos falar de sistema."*[24]

Com efeito, o sistema urbano advém da gestão e conjugação das respostas, dos significantes necessários ao todo que constitui; é o sistema urbano que determina um componente novo, que molda cada uma das suas partes, que dita a sua transformação física, que gere a comunicação entre os seus pontos, que torna obsoleto um *layer* em detrimento de outro; que se reordena constantemente.

Feita de indivíduo e de sociedade , de regra e de excepções, de público e de privado, de lugares e de trajectórias, a cidade é sistema complexo, mais, é organismo vivo, estruturado(r) das dinâmicas indivisíveis do ser humano e da interacção com os demais participantes do cenário urbano.

Assim, o entendimento da cidade pressupõe cercar a interpenetração de cada um dos seus componentes, de todas as suas redes, de todos os seus *layers* e, sobretudo, considerá-los em simultâneo.

A consciência desta complexidade e desta simultaneidade é determinante na análise de qualquer fenómeno ou objecto urbano e fulcral no momento de filtrar, da infinidade de questões e de ordens da cidade, os dados próprios ao problema.

> *"[...] por entre a arte de conciliar múltiplos sub-sistemas (interacções sociais, trocas económicas, fluxos de informação, etc.), ganhe corpo uma estrutura dos sítios e das coisas"* [25]

Desvelar e isolar, na cidade, *ordens, layers, processos* corresponde já a uma estratégia, um momento de abstracção, e subentende a necessidade de desmultiplicá-la para poder contornar a sua complexidade intrínseca e assim avançar na sua compreensão.

Nesse sentido, e do mesmo modo que entendemos a cidade como sistema, designaremos por

subsistemas as ordens de resposta, os conjuntos ordenadores de grandezas e valências próprias, que, por essa razão, se autonomizam[26], se destacam como preponderantes na organização dos múltiplos produtos urbanos, físicos e abstractos, concretizados. Estes, dinâmicos, interdependentes entre si, a "distâncias" relativas e com valores distintos uns sobre os outros determinam, no modo como coexistem e interagem, a cidade.

Assim, a estrutura urbana pode ser assimilada pela compreensão isolada, e logo entrosada, dos subsistemas que a caracterizam; o subsistema espaço público, o subsistema equipamentos, o subsistema vias de comunicação, o subsistema rede de transportes públicos...sistemas *menores*, com autonomia e gestão próprias que, mais do que peças, implicam significados específicos no sistema urbano.

Isolar as diversas formas constituídas pela cidade para responder a determinado desígnio humano e sobretudo buscar compreender o modo como estas redes são montadas, sobrepostas e simultâneas, no tempo e no espaço, é indagar a complexidade urbana, o sistema.

Da identificação destes subsistemas, suas relações e simultaneidades, ressaltam unidades, de contornos físicos reconhecíveis, que encerram respostas de ordens diversas. Detentoras e reguladoras de valores e valências próprias, estas unidades implicam, portanto, repercussões físicas e abstractas sobre toda a estrutura urbana. Momentos ordenadores de peças urbanas, de formas, conteúdos, significados, usos e importâncias diversas, constituídos da interacção entre os seus componentes.

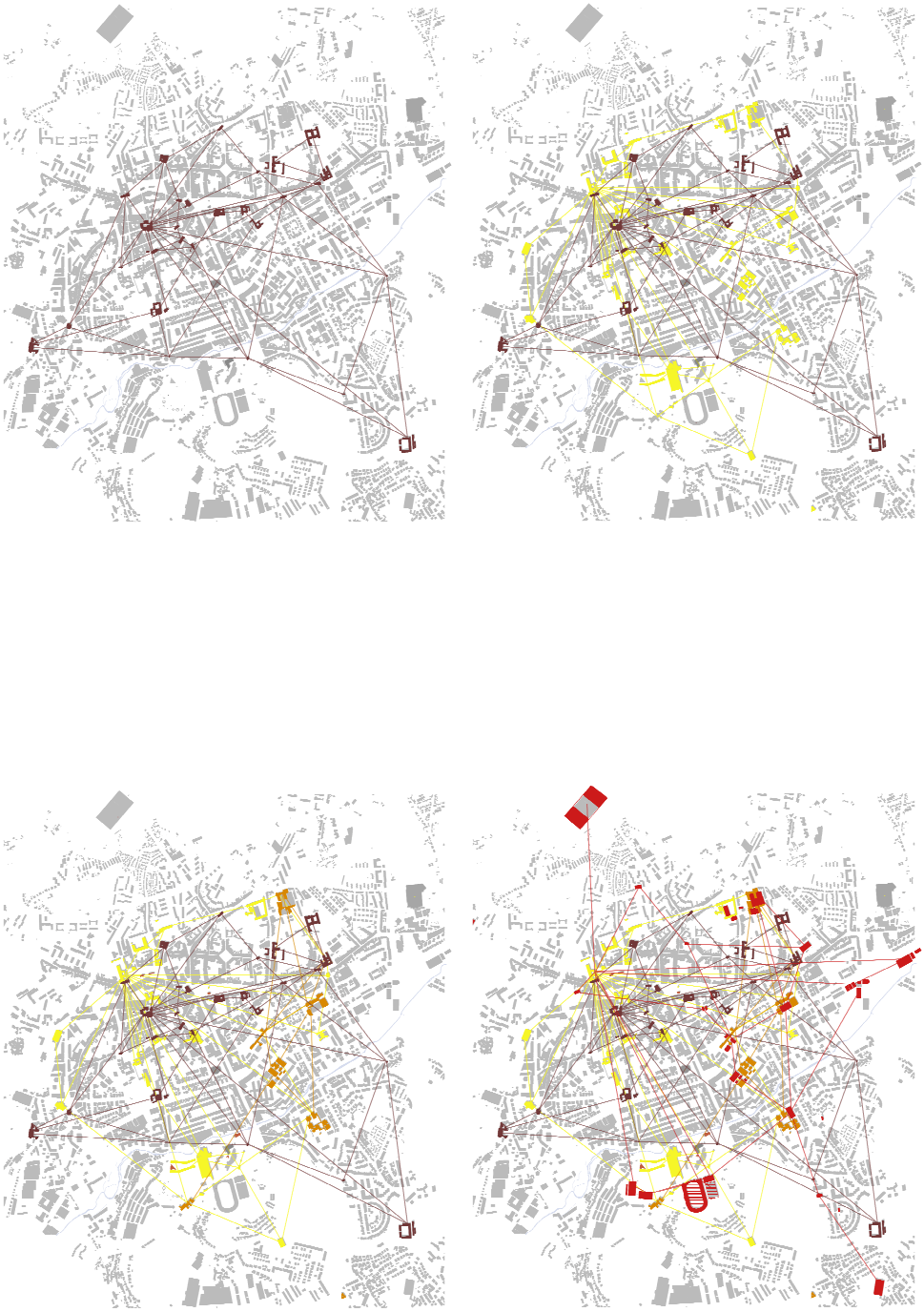
Prosseguindo no raciocínio da cidade como estrutura das respostas às necessidades do homem, designaremos estas excepções da malha, na concentração e na gestão de significados e de relações, especificas e localizadas, simultaneamente determinantes para o todo, como microssistemas urbanos.

Surgida espontaneamente aquando dos primeiros estudos sobre o objecto Parque da Ponte, a designação microssistema sintetiza(va), primeiro, a compreensão de que este parque urbano se caracteriza por uma dinâmica própria forjada nos seus componentes e nas relações geradas entre eles e é, portanto, sistema; segundo, o entendimento de que se constitui como entidade dinâmica delimitável no território urbanizado, objecto circunscrito nele.

No sentido de clarificar o raciocínio e os significados subjacentes aos conceitos acima enunciados, alicerces da compreensão da complexidade do parque urbano e a que se recorrerá ao longo desta investigação, entende-se necessária a aplicação-explicação dos mesmos a um objecto concreto.

Os esquemas que seguidamente se apresentam foram *construídos*, tendo em mente o objectivo prático deste trabalho, sobre a cidade de Braga, sem que se perca a universalidade destes conceitos, passíveis de serem aplicados a qualquer cidade, contemporânea ou não.

Neles são identificados alguns dos seus subsistemas, dos seus *layers* e evidencia-se a pertença de cada equipamento urbano a determinada (s) rede(s) de relações. Ainda que o sistema urbano seja ainda muito mais complexo do que as relações de proximidade e de resposta entre os constituintes destes subsistemas enunciados, o modo como se apresentam e como se materializa este ponto de vista, esta ordem de leitura da cidade, esta sucessão de esquemas, esclarece a simultaneidade dos acontecimentos urbanos. Importa ressaltar, mais do que identificar todos o elementos que fazem a cidade, sistema de relações, como cada equipamento, cada elemento urbano não pertence estritamente a um só subsistema e que é da intersecção entre as diversas redes de relações que advém a complexidade e a especificidade de cada sistema urbano.



BRAGA

ESQUEMAS DA INTERSECÇÃO E RELAÇÃO ENTRE OS SUBSISTEMAS



Esquemas explicativo da complexidade e variedade das interacções entre os Múltiplos subsistemas

3| O SUBSISTEMA ESPAÇOS VERDES

"Ciò che un tempo si intendeva unitariamente come area verde, ha oggi per l'abitante della città nomi e aspetti infiniti: maggesi, cinture verde, strisce verde, bosco, zone a fauna protetta, romantici giardini civici, parchi popolari, ipermercati extraurbani, spianiate sui bolovard, impianti sportivi all'aperto, lingofiumi e gardini privati." [27]

A designação *espaces verts*[28] nas cidades contemporâneas , preservada da carta de Atenas e do esforço de racionalização próprio do movimento moderno, já não se resume a uma superfície sem desenho e com uma intenção, meramente higienista, de ar e de sol; encerra o conjunto de formas concretizadas para respondem aos desígnios humanos de natureza no sistema urbano.

ESPACES VERTS

Ao longo do século XX, mais especificamente desde o final da segunda guerra mundial assiste-se a uma crescente sensibilidade no que respeita a procura de respostas concretas à necessidade urbana de reencaixar na sua realidade elementos próprios do território não urbanizado [29]. Com efeito, as cidades contemporâneas revelam, na sua conquista de superfície, diversos lugares onde o homem enuncia a não urbanidade, isto é, englobam na sua estrutura uma variedade de soluções pensadas, desenhadas e executadas no sentido de introduzir natureza no sistema urbano.

Afirma-se, recorrendo à palavra natureza, a necessidade humana de recolocar, no seio dos processos próprios à vida em sociedade, componentes *diferentes dos da urbe*, aproveitando a imagem que desperta e é transversal a todos os homens, para remeter directamente para a *flora humanizada* presente nas cidades.

Contudo, *"Defitivamente la naturaleza no existe, hace poco digitalizamos el último metro del planeta y ya lo tenemos dentro de nuestro bolsillo artificializador."*[30]

Compreendendo e concordando com os teóricos contemporâneos que consideram esgotado o sentido original da palavra natureza, a mesma não deixará, contudo, de ser empregue neste estudo; importa, desde já, esclarecer o que com ela, se pretende significar.

Ao designar *natureza* invoca-se a imagem predefinida, construída no imaginário de seres pensantes, dos seres, vivos e inanimados, e respectivos processos complexos e independentes da existência humana.

Da consciência e da capacidade humana de escolha e de intervenção sobre os fenómenos da superfície terrestre consolidou-se a vontade de tomar entidades da *natureza,* ou imaginadas como tal, e integrá-las intencional e controladamente na sua esfera, segundo os seus desígnios e ordens de actuação.

É o conjunto de formas, concretizadas no sentido de inserir na dinâmica urbana estas valências, e o seu significado intrínseco, que actualmente entendemos como espaços verdes urbanos e que, como o haviam intuído Frederick Law Olmsted, em 1870 e, em 1906, Jean-Claude-Nicolas Forestier, se constituem como um todo complexo — o subsistema espaços verdes. Fundamental às aglomerações contemporâneas e aos processos próprios da sua expansão no território, este subsistema ordena os diversos modos de integrar elementos vegetais e arbóreos na malha urbana, seus componentes.

Com o intuito de aprofundar este subsistema, em seguida, tomam-se aglomerações urbanas contemporâneas concretas, centrando a atenção no *layer* verde próprio de cada dinâmica urbana, com o intuito de desvelar as partes que determinam este todo.

Importa esclarecer que este *layer* sintetiza as respostas à demanda humana de evocar, na sua esfera, como individuo e como ser social, a relação com o meio em que se inscreve. Deste modo, o subsistema espaços verdes é ordenador do conjunto de lugares privados, privados de uso público e públicos constituídos no espaço urbano por cada cidadão e pela cidade.

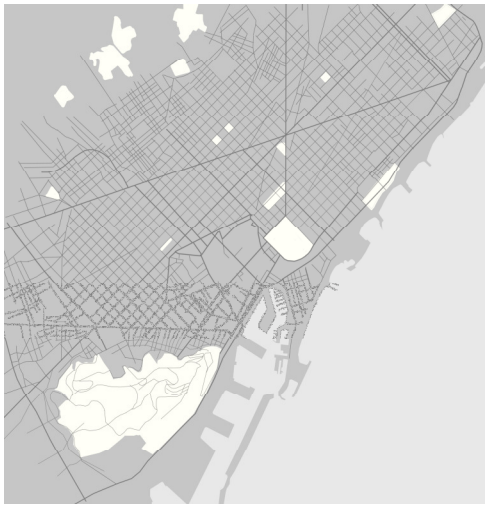
Tendo em consideração o enfoque desta investigação , dos elementos privados e públicos que determinam o subsistema de espaços verdes nas cidades contemporâneas investigar-se-ão aqueles que dizem respeito às respostas do sistema urbano, de responsabilidade e de usufruto colectivos.

Escolhendo isolar, por exemplo, em Barcelona, Nova Iorque, Paris, Londres, Porto, o subsistema dos espaços verdes urbanos, obtiveram-se conjuntos heterogéneos, compostos por múltiplas parcelas, de dimensões e contornos distintos, que não se encontram uniforme nem equitativamente dispersos pelo espaço urbano.

Com efeito, em qualquer destas cidades são evidentes várias massas verdes com dimensões,



PARIS



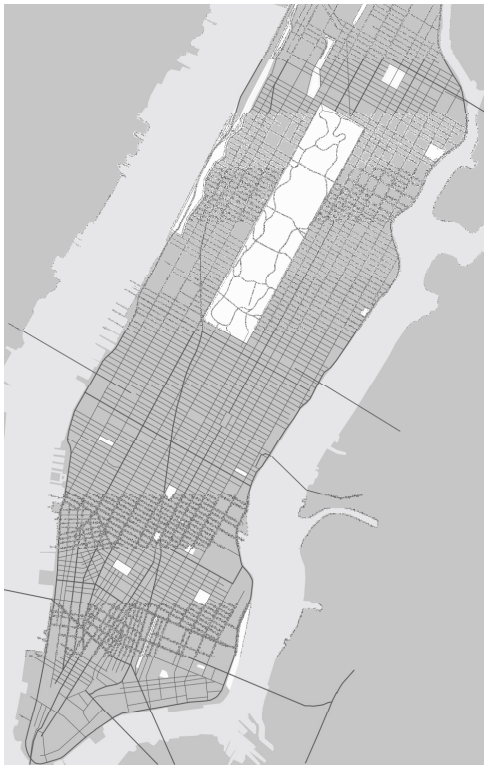
BARCELONA



LONDRES



PORTO



NOVA IORQUE

ESQUEMAS DOS
SUBSISTEMAS ESPAÇOS VERDES
EM 5 CIDADES CONTEMPORÂNEAS

concentrações, contornos e posições diversos assim como elementos verdes pontuais e lineares. Juntos denunciam a complexidade de fenómenos urbanos intrínsecos à sua constituição no espaço urbano como tal, isto é, cada um destes momentos resulta primeiro da vontade humana de inserir *natureza* no sistema e, sobretudo e inevitavelmente, do tempo, do espaço em que se concretizam e da capacidade do próprio sistema urbano. Assim se explica que o *layer* verde de Barcelona seja único e necessariamente distinto do de Nova Iorque, de Paris, de Londres, ou de qualquer outra cidade.

Das diferentes soluções concretizadas paulatinamente nas estruturas urbanas resulta um subsistema de espaços verdes, cuja ordem espacial só pode ser entendida através do conhecimento dos processos urbanos, que segregam cada um dos componentes, e das dinâmicas próprias do subsistema que constitui. Contudo, é possível encontrar, nesta análise objectual, abstracta, tipos de resposta advindos das mesmas intenções e que resultaram em soluções idênticas, ainda que adaptadas à especificidade e à capacidade de cada cidade.

Na consideração dos subsistemas, confirma-se a coexistência na estrutura urbana de espaços verdes de características e de dimensões especificas que resultam de intenções distintas e funções complementares na subestrutura que configuram. Perante a diversidade destes espaços públicos, caracterizados pela presença de flora, que determinam cada subsistema e que caracterizam cada estrutura urbana, torna-se necessário distinguir os tipos de espaços verdes urbanos e respectivas funções .

Antes mesmo de analisar o *layer* verde isoladamente, importa observar as partes que definem este todo, concentrar-se, à parte as diferentes configurações que estas assumem, nas suas posições relativas, isto é, considerar o subsistema relativamente ao respectivo sistema urbano.

Nesta perspectiva, evidenciada nas figuras anteriormente apresentadas, distinguem-se duas famílias: espaços verdes inscritos no território urbanizado, de contornos perfeitamente delimitados coincidentes com construções ou com vias de circulação; e, manchas verdes *a priori* exteriores à superfície impermeabilizada pela urbanização, cujos limites são difíceis de determinar, sem recurso às fronteiras administrativas, já que continuas, ainda assim divididas e pertencentes a cidades diferentes.

Assim reconhecidas, estas duas famílias constituem-se como componentes muito distintos; a primeira premeditada e concretizada pelo homem no seio dos processos de urbanização, enquanto que a segunda poderia entender-se como o negativo do território transformado pelo homem. No entanto, se como já se referiu, a totalidade da superfície terrestre é conhecida e controlada pelo homem e está, necessariamente à mercê da sua intervenção, então estes lugares aparentemente intocados resultam igualmente da actuação humana, na medida em que é ele que decide o quanto interfere sobre estes.

Designar as zonas praticamente não humanizadas como rurais ou não urbanas pela simples oposição à cidade é tão insuficiente e falso quanto é, actualmente, inválida a dicotomia cidade-campo. Afinal, a cidade contemporânea, *expuesta a la inestabilidad de los modos de producción del tardo-capitalismo*[31] , estende-se pelo território, redefinida continuamente nos seus limites difusos e na sua heterogeneidade.

> *"Ese artefacto-ciudad del que hablamos aparece como uma amalgama, un material hasta ahora desconocido, un conglomerado de elementos naturales, artificiales e inmateriales, al mismo tiempo poroso y fibroso, con áreas densas y estables, constituido por elementos antitéticos que han roto con la precisión de los límites tradicionales. "*[32]

Então os lugares de topografia e fauna praticamente inalterados, mais do que limites ou antíteses da malha urbanizada, complementam-na e constituem-se como partes dela. E a sua existência enquanto espaços verdes não transformados depende tanto do homem quanto resultam ou da, ainda existente, possibilidade de escolha de lugares disponíveis, idóneos e mais favoráveis à expansão da *cidade explodida e fragmentada* [33]; ou da vontade colectiva de salvaguarda das mesmas, perante a *espectacularidad intrínseca del lugar* [34].

Assim, entende-se como adequada a designação *franja periurbana* [35], no que respeita esta família de espaços verdes urbanos. Esta *constituye la mayor parte de la superficie de la ciudad*[36], composta pelos *"espaços abandonados sem uso humano explícito que aguardam ser urbanizados"*[37] e pelos lugares propositadamente preservados da acção humana.

Constituindo-se ambos como reservas de espaço verde, estes componentes distinguem-se pelo valor urbano que lhes é atribuído; os primeiros, não reconhecidos pela sociedade revelam instabilidade, como *terrains vagues*, territórios expectantes, propriedades sujeitas às leis de mercado, à valorização motivada por quaisquer transformações urbanas nas suas imediações que os retirem dessa sua condição de *amnésias urbanas*[38]; os segundos, pelo contrário, considerados pela cidade e voluntariamente reservados são entendidos como valores seguros e somados à *identidad natural de la ciudad* [39].

De facto, desde que a Ecologia[40]alertou para o impacte que qualquer intervenção humana implica sobre os sistemas complexos e interdependentes que ditam o equilíbrio biológico do planeta[41], a actuação do homem tem vindo a alterar-se significativamente, resultando numa gestão cada vez mais calculada da humanização da superfície terrestre, determinando a protecção de lugares da intervenção humana. A decisão do grau de actuação sobre determinada região da superfície terrestre obedece a critérios específicos, definidos, em Portugal, pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB). Este organismo governamental reconhece e gere *Áreas Protegidas*, zonas bem delimitadas, consideradas de interesse nacional, e classificadas como parques nacionais, parques naturais ou reservas naturais[42].

Parques nacionais. *"área com ecossistemas pouco alterados pelo homem, amostras de regiões naturais características, paisagens naturais ou humanizadas, locais geomorfológicos ou habitats de espécies com interesse ecológico, científico e educacional."*[43]

Parques naturais. *"área que se caracteriza por conter paisagens naturais, seminaturais e humanizadas, de interesse nacional, sendo exemplo de integração harmoniosa da actividade humana e da Natureza e que apresenta amostras de um bioma ou região natural."*[44]

Reservas naturais. *"área destinada à protecção da flora e da fauna."*[45]

Preservar no território *lugares* de qualidades assumidas colectivamente como valores inestimáveis e irrecuperáveis, donde a necessidade de serem assegurados, não é suficiente nos desígnios de *verde* do homem contemporâneo já que a possibilidade de usufruir destes lugares protegidos é tão reduzida quanto, como ser humano, está embrenhado numa cidade que estrutura continuamente. Resultado da sua fúria destruidora-construtora, a proximidade ao selvagem, ou praticamente inalterado, é inversamente proporcional à extensão e densificação da superfície urbanizada.

> *"La urbanización va avanzando por un incremento de la densidad en el interior de las ciudades y por una ampliación continua del perímetro, siempre a expensas del espacio libre."*[46]

Deste modo, para além da franja verde periurbana, são programados, no seio do sistema urbano, lugares de relação com a *natureza* para que os cidadãos possam usufruir quotidianamente dos benefícios intrínsecos a esta interacção.

Com efeito, no espaço urbano feito da complexidade e da sobreposição dos produtos humanos que concretiza para sobreviver[47], projectam-se, mais ou menos consciente da sua artificialidade, espaços verdes urbanos , respostas à demanda humana de relacionar-se com a superfície terrestre, de situar-se no universo.

Os elementos vegetais e arbóreos acrescentados aos espaços livres constituem uma entrada nova a considerar,, sobretudo porque inseridos com intuitos diversos, assumem múltiplas configurações e dimensões. Em seguida, analisamos a família dos tipos de espaços verdes *construídos* pelo homem, que completa o subsistema.

> *" [...] le «plan de ville» est insuffisant s'il n'est complété par un programme d'ensemble et un plan spécial des espaces libres intérieurs et extérieurs pour le présent et l'avenir, — par un systèmes de parcs. "* [48]

Analisando as figuras pares anteriormente apresentadas, identificam-se aglomerações consideráveis de *flora humanizada,* áreas verdes de dimensões *significantes* à escala urbana. Perfeitamente delimitadas, com características e desenhos muito variáveis, acusam, pela descontinuidade no território e pelos limites perfeitamente reconhecíveis, a intervenção humana. Em função da sua posição no espaço urbanizado distinguem-se entre parques suburbanos e urbanos.

Parques suburbanos. *"[...] déterminés par les besoins de la ville et régulièrement répartis. Ils sont un refuge à portée des habitants où, dans les tranquilles aspects de scènes naturelles, ils viennent oublier les tracas de la ville[...] des arbres seulement, des grandes pelouses, le moins possibles de routes, de constructions ou d'ornement inutiles."*[49]

Parques urbanos. *"Ils sont de tous les styles, ils ont tous les caractères. [...] Ils sont le lieu de promenade facile et raproché. Ils concourent à l'embelissement de la ville autant qu'a son hygiène. Mais ils ne doivent pas être seulement de pur ornement; il est indispensable qu'ils présentent de grandes pelouses, des ombrages pour les jours et les heures de délassement et de repos. [...] les jeunes gens doivent y trouver terrains de jeux. [...] Leur étendue est très variable."*[50]

Por apresentarem dimensões e expressões inferiores relativas na globalidade do sistema urbano, não é possível numa analise à escala da metrópole, identificar os lugares pontualmente marcados por vegetação e/ou arborização. Os espaços verdes urbanos, que em seguida se enumeram, surgem na estrutura com intenções de resolução de questões especificas, próprias do lugar, em que são executadas, e da envolvente potencialmente afectada, mais do que pretenderem ter influência ou serem usadas por toda a cidade.

***Ruas, alamedas, avenidas, ramblas, parkways, boulevards*.** Árvores plantadas a distâncias regulares ao longo dos principais eixos de circulação rodoviária e pedonal da malha urbana.

***Jardins urbanos, praças e outros espaços exteriores públicos*.** Espaços livres da malha urbana, pensados para uso colectivo, reflexo das lógicas da urbanidade, onde os elementos vegetais são utilizados e manipulados como complementos. Árvores, arbustos, flores são adicionados aos materiais urbanos e com estes caracterizam e valorizam o espaço disponível.

***Separadores viários, rotundas e espaços adjacentes a vias de comunicação*.** Pequenos hiatos de vegetação plantados junto às infra-estruturas viárias como forma de garantir a permeabilidade do solo em lugares sem função nem designação urbanas.

> *"[...]nuestra relación con la naturaleza es algo primário. las emociones que ella nos suscita nacieron durante la olvidada prehistória de la humanidad y son, por consiguiente, muy profundas y reconditas. como las experiencias infantiles que se borran de la memória consciente, las sentimos pero muy pocas veces podemos expresarlas con claridad."* [51]

Preservados ou construídos, os lugares-componentes do subsistema espaços verdes resultam da necessidade de interacção do homem com os elementos do universo, que Wilson defende como genética no ser humano na sua *teoria da biofilia* [52].

No entanto, tornar frequente na cidade, industrial, pós-industrial, mineral, funcional, infinita, a *flora* e, consequentemente, a *fauna,* sob as diversas formas enumeradas significa mais do que satisfazer este desígnio humano. Com efeito, este contacto sensorial e quotidiano é tanto mais procurado, concretizado e ordenado na estrutura urbana, quanto mais se comprovam os benefícios físicos e psicológicos dele decorrente. Os elementos vegetais são manipulados e integrados no sistema urbano, consequência do conhecimento das funções que nele desempenha, complementares das das produções humanas e inigualáveis por estas.

Árvores, arbustos, flores são utilizados na concepção dos espaços livres como dissimuladores e atenuadores da aridez que é cidade; como seres fotossintéticos que contribuem para a melhoria da qualidade do ar, *"como descontaminante e oxigenador"*[53], *"como elemento redutor da contaminação acústica, amenizador da temperatura e como humidificador do ambiente"*[54]; como *"controladores de la erosión"*[55].

Mais, são seres vivos, antíteses dos produtos inanimados característicos da urbe, que a completam e à existência humana por significarem bem-estar físico e mental, por completarem as necessidades espirituais individuais e pela *"conotação [...] como elemento de tradição que identifica o Jardim com o paraíso e como elemento de relaxação. "* [56]

E ainda que totalmente humanizados porque produtos da selecção, do desenho, da premeditação do homem, a observação e a convivência quotidianas com estes elementos permitem uma satisfação interior que os demais artifícios urbanos não conseguem igualar.

Por serem transversais a todos os homens, as imagens, que os elementos visuais despertam, pelo contacto, por vezes não mais que visual, encerram uma dimensão universal, a acumular às suas funções, ecológica e estética. A estas, somam-se a pedagógica e educativa[57], *"la naturaleza y los espacios verdes en la ciudad permiten que el urbanita y los jóvenes ciudadanos se relacionen con nociones de cronobiología (el paso cíclico de estaciones, la duracion del dia, etc.), la vida y la muerte, la sexualidad o el conocimiento de los animales y la flora, lo que es beneficioso tanto desde el punto de vista intelectual como social."*[58]

Interiorizados pelos cidadãos como participantes activos da qualificação do espaço público e motivo de sentimentos positivos, de bem-estar e de evasão mental, é na interacção com estes elementos vegetais humanizados que o cidadão procura despender o seu tempo livre.

A resposta às necessidades humanas espirituais não se totaliza no *verde* que, nas ruas e nas praças, as árvores e as plantas enunciam; assim, constituem-se na cidade espaços de uso público onde a concentração destes símbolos permite ao cidadão situar-se no mundo, transportando-o , através destes, para lá dos produtos e das matérias urbanizados e, assim, reencontrar-se como individuo. Os parques, pela percentagem de cobertura vegetal e pela concentração de seres vivos, nitidamente superiores às das ruas arborizadas, dos jardins e das praças, em extensão, mas igualmente no modo como caracterizam o espaço livre, surgem como lugares privilegiados potenciadores desta interacção.

Projectadas e concretizadas no seio da estrutura urbana, estas áreas verdes são uma pausa no território e nos signos urbanos. Radicalmente distinta dos materiais e dos significados das demais produções humanas, a vida vegetal, que as caracteriza, implica no ser humano, instintivamente, bem-estar.

É, portanto, nos parques que o homem mais espontaneamente se entrega ao ócio desprendido das preocupações, das responsabilidades e das vontades que o fazem cidadão. Entregue a si mesmo, reencontra-se como individuo, momentaneamente isolado do que a pertença ao sistema

urbano encerra de respostas procuradas e das implicações mais ou menos positivas dela delas decorrentes.

No entanto e tratando-se de uma necessidade própria de ser humano, esta busca é comum a todos os homens. Então, o espaço da individualidade é igualmente espaço de partilha dessa vontade e consequentemente de interacção social. Com efeito, a intenção de *verde* que o parque encerra é de lazer e de busca individual onde, simultaneamente e como resposta urbana, partilha espaço com os demais, confirmando a sua pertença à sociedade.

> *"We have to look round for a favourite spot and adapt our choice to sunny and shady spots and the people who are already there.*
> *[...] the park tales on an almost metaphysical dimension, for its encourages people to forget their everyday status, thus enabling them to find their true selves and open themselves up to enjoy precious but fleeting moments."*[59]

A distinção de categorias de espaços verdes urbanos, baseou-se na dimensão e no conteúdo de cada um, através do registo das características visíveis e transversais aos sistemas urbanos considerados. Em seguida apresentamos o quadro onde se sintetiza a classificação resultante desta aproximação, no sentido de clarificar os tipos de espaços verdes urbanos que assumimos como fundamentais e complementares na resposta à necessidade humana de incorporar elementos vegetais e arbóreos no território humanizado.

	DIMENSÃO|ESCALA	POSIÇÃO URBANA RELATIVA	COMPONENTES	INTENÇÃO PRIMEIRA
PARQUES NACIONAIS PARQUES NATURAIS RESERVAS NATURAIS	nacional (internacional) regional	independentes exteriores ao espaço urbano	Ecossistemas originais [Biótopo e biocenose] praticamente inalterados	preservar
PARQUES SUBURBANOS	regional urbana	afastados do centro urbano	Espécies vegetais e animais autóctones ou alóctones. Topografia remodelada [biótopo e biocenose novos resultado da intervenção humana] + Pavimentos. Construções. Mobiliário. Ornamentos	complementar
PARQUES URBANOS	urbana	inscritos na malha urbana		
JARDINS PÚBLICOS PRAÇAS	urbana local	inscritos na malha urbana	Pavimentos. Mobiliário. Ornamentos + Espécies vegetais plantadas segundo desenho específico	desenhar
ALAMEDAS AVENIDAS PARKWAYS	urbana local	inscritos na malha urbana	alinhamentos de árvores e arbustos	separar peão do trânsito
SEPARADORES VIÁRIOS ROTUNDAS ESP. ADJACENTES A VIAS RÁPIDAS	local	inscritos na malha urbana	Cobertura vegetal planeada [herbácea e/ou lenhosa]	contrastar permeabilizar

A exposição dos tipos de espaços verdes urbanos que compõem este complexo subsistema, pela comparação estrita das dimensões e do conteúdo, e a análise das intenções distintas que estão subjacentes a cada família, foram esclarecedoras das diversas formas que o sistema urbano concretiza para integrar a natureza e os seus significados. A distinção genérica dos espaços e das respostas que estes constituem permitiu, igualmente, encaixar o objecto de estudo no subsistema e ter consciência de que é parte de um todo coerente.

Desta hierarquia de espaços verdes e respectiva classificação, diante da dimensão, do conteúdo e da localização do objecto Parque da Ponte na cidade de Braga entendemo-lo como parque urbano.

Assim, entender que intenção urbana motiva espaços verdes de características tão variadas, que usos se efectivam, que cidadãos os utilizam e que papel desempenha cada uma destas formas no subsistema pressupõe um estudo aprofundado que a esta investigação não interessa, senão no que respeita a categoria parque urbano.

4| PARQUE URBANO

"no other open space, be it a square or a boulevard, an arcade or a promenade, is able to do what a park can. Its quite substancial contribution takes the disciplines of the ecology, aesthetics, sociology and sports. A great many interests and needs are concentraded in a park." [60]

Definir o parque urbano como lugar onde a vegetação é objectivo e fundamento da sua instituição na cidade permite reconhecer a componente vegetal como determinante na concepção dum espaço público com intenções concretas, sem limitar, contudo, a designação à mera concentração de plantas em determinada área urbana.

Evolução lógica das sucessivas aberturas ao público de propriedades privadas, que marcaram o século XVIII, e da constatação do bem-estar físico e do relaxamento mental que o contacto com a vegetação proporciona ao homem, os primeiros parques públicos concretizados em Inglaterra, a par das primeiras plantações sistemáticas de árvores em ruas e praças, reflectem a vontade humana de introduzir (a) *natureza* na cidade. Com efeito, a compreensão dos efeitos benéficos dos elementos vegetais nos sistemas urbanos, impregnados das lógicas da industrialização, conduz à abertura de espaços, que pela concentração daqueles elementos, são constituídos como capazes de combater as doenças e o mal-estar físico contribuindo, indirectamente, para o aumento de produtividade dos trabalhadores[61].

Durante o século XIX, o parque público das cidades europeias, baseado no modelo britânico, era, praticamente sempre, composto por elementos vegetais e plantas dispostos sobre uma topografia redefinida; com percursos pavimentados desenhados entre a área ajardinada e o lago, igualmente artificial, onde o utilizador era convidado a usufruir de todo o espaço, pontuado com elementos escultóricos e mobiliário urbano, estrategicamente dispostos.

Fruto dos avanços tecnológicos e científicos alcançados ao longo do século XX, as soluções e as exigências do ser humano multiplicam-se, implicando transformações consideráveis no conceito de parque urbano. E se a comprovação cientifica dos efeitos positivos dos espaços verdes urbanos sobre a *mental fatigue*[62] assegura a flora e a fauna como componentes do parque urbano, este vai acrescentando às funções ecológicas, estéticas e sociais, inerentes ao conceito original, usos e componentes novos e específicos, dedicados à recreação e ao lazer.

> *"[...] l'abitante della città è un individuo libero, ben piazzato, che dispone de grande mobilità e di una illimitata scelta di possibilità, un individuo che inoltre cambia senza sosta il suo modo di apparire e la sua subcultura, assumendo senza soluzione de continuità il ruolo di pendolare e quello di vacanziere, alternando shopping e cultura, giardinaggio e incontri sociali."* [63]

Actualmente, o cidadão espera, do parque urbano, respostas precisas a um conjunto de desígnios, diversos e inter-relacionados, próprios de cada área urbana e de cada sociedade. O desenho do parque faz-se da combinação de espaços concretizados para resolverem questões concretas, que se sucedem e se complementam. Síntese ordenadora de valências especializadas, o parque urbano contemporâneo pode apresentar uma diversidade de desenhos e de componentes. Nele, e do mesmo modo que são consideradas as demais valências, a vegetação é introduzida e modelada pelo homem com intenções predefinidas.

Assim, mais do que justapor os elementos vegetais e arbóreos para constituir lugares de predominância verde, propiciadores da interacção do homem com a *natureza*, configuram-se , no parque urbano contemporâneo, espaços especializados em espécies vegetais, complementados por equipamentos urbanos em maior ou menor número e tamanho. Com efeito, a área verde do parque contemporâneo faz-se de jardins temáticos complementares, momentos pedagógicos, recreativos ou culturais. Totalmente programados, a construção e o usufruto de cada um destes espaços têm implícito um objectivo, um propósito a alcançar; a relação do individuo, com a fauna e a flora reproduzidas, é, portanto, interessada.

A especialização e a diversidade de respostas que fazem parque contemporâneo, e cidade, procedem da vontade humana de obter, constantemente e de todas as suas interacções quotidianas, algo em troca, desde as relações interpessoais [64] à relação com a *natureza*.

Deste modo, ainda que válida a definição enunciada aquando da distinção dos diversos componentes urbanos do subsistema espaços verdes, que poderia sintetizar-se na descrição de parque urbano apresentada no *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, segundo o qual *"[...] actuellement, la majorité des parcs urbains d'une certaine dimension sont composés d'un*

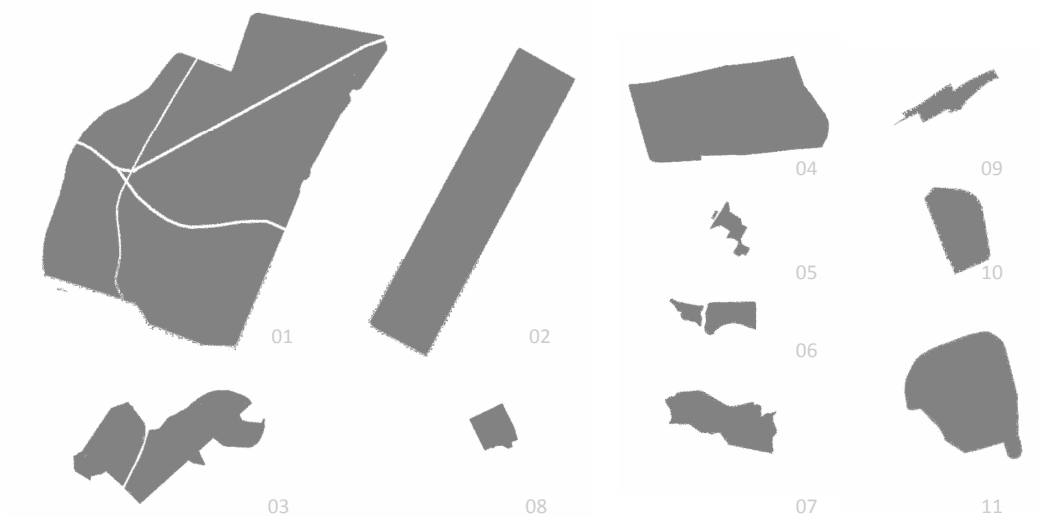
certain nombres d'espaces affectés à des activités différentes, intégrés dans un cadre naturel représentant entre 60 et 90 % de la superficie du terrain d'assiette."[65], compreende-se quão vaga e indefinida é esta denominação.

Com efeito, esta não é suficientemente esclarecedora do conteúdo, das formas, dos objectivos desta categoria de verde urbano, sobretudo desde que o acréscimo de exigências e de valências e a especialização funcional transformaram estes espaços de predominância vegetal em entidades complexas, em microssistemas urbanos ordenadores destes espaços de interacção interessada com flora e fauna humanizadas acrescidos de funções específicas.

Assim, no sentido de aprofundar as questões intrínsecas ao parque urbano e sobretudo avançar na especificação do que contém e do que significa este momento na cidade em que existe, observaram-se diversos parques de tempos e de lugares distintos.

Diante da variedade e quantidade de parques inscritos nas malhas urbanas, seleccionaram-se parques que, ou por apresentarem pontos de contacto evidentes com o objecto de estudo, o Parque da Ponte, ou por constituírem reflexos fulcrais de um modo de concepção do parque, enunciam a infinidade de formas de concretizar este *espaço verde* e sintetizam as questões fundamentais no desenho do parque.

Integraram esta análise comparada os seguintes parques: o Bois de Boulogne [01]; o Central Park [02]; Landschaftspark Duisburg-Nord [p03]; o Hyde Park [p04]; o Parc André Citröen [05]; o Parc de Catalunya [06]; o Parque da Cidade do Porto [07]; o Parc de la Ciutadella [08] ; o Parc del Poblenou [09]; o Parc de La Villette [10], e o Regent's Park[11].



PARQUES SELECCIONADOS
À MESMA ESCALA

Sem a pretensão de expor ou compreender cada parque, esta amostra pretende através da comparação de exemplos concretos, propositadamente distintos, confirmar a complexidade inerente ao problema, parque urbano, ao mesmo tempo que busca na multiplicidade de respostas desvelar as invariantes que os determinam e fazem parques urbanos.

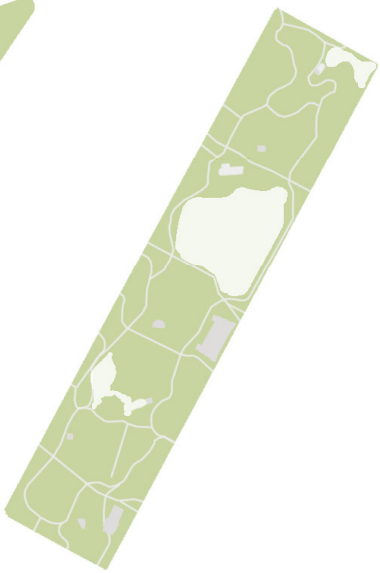
Com o intuito de condensar os dados e características singulares dos parques considerados, segue-se um quadro-síntese das informações e dos elementos que compõem cada objecto. Restrito aos exemplos que seleccionamos, resulta da acumulação sistemática das informações que o reconhecimento das inúmeras possibilidades de constituir-se parque urbano implicou .

	Bois de boulogne	Central park	Landschaftspark Duisburg-Nord	Hyde park	Parc André citroen
Localização	Paris	Manhattan	Duisburg	London	Paris
Ano abertura ao público	1852	1859	1994	[1637-1660]	1992
Área	850ha	341,15ha	200ha	+/- 300ha	14ha
Pré-existências	maciço florestal	terreno desfavorável à construção	Industrial	propriedade real Caça	Industrial
Flora					
Autóctone	+++	++	+	++	++
introduzida	+	+	O	+	++
Espécies					
arbóreas	++	++	+	+	++
arbustivas	++	++	+	+	++
Arvores de fruto	O	O	O	-	-
Acuaticas	++	++	O	+	O
Herbáceas vivazes	++	++	+	+	++
Fauna					
aves	++	++	+	++	+
Peixes	+	+	+	+	+
Mamíferos	+	+	-	+	-
Repteis	+	+	+	+	+
Anfíbios	+	+	+	+	+
Água					
Pré-existente	+	-	-	O	O
artificial	++	+++	O	++	+
Lago	+	+		+	O
Cascatas|fontes|outros	+	+			+
Pavimentos Circulação					
Atravessamentos rodoviários	+++	+++	+++	+	O
Percursos Pedonais	++	++	++	++	+++
Ciclovias|Circuitos atletismo	++	++	+	+	O
Mobiliário urbano					
Esculturas	+	+	+	+	+
Fontes	+	+	-	+	O
Equipamentos públicos					
Desportivos	++++	++++	++	++	O
Serviços|restauração	+++	++	++	+	O
Culturais	+	++	++	+	O
Zoológico	+	++	-	+	O
edifícios de uso privado					
Mantidos	-	O	O	+	O
Reocupados| novos	+		+++	+	

PARC DE CATALUNYA	PARQUE DA CIDADE	PARC DE LA CIUTADELLA	PARC DE LA VILLETTE	PARC DEL POBLENOU	REGENT'S PARK
Sabadell	Porto	Barcelona	Paris	Barcelona	London
1992	1993	1872	1994	1992	1835 [parcial]
40/45ha	83ha	17,83ha	55ha	11,92ha	197ha
pequenos bosques	terreno desfavorável à construção	ciudadela militar	matadouros da cidade	Industrial	propriedade real residência
++ ++	++ O	++ ++	++ ++	++ O	+ +
++ ++ O + ++	++ ++ ++ ++ ++	++ ++ O + ++	++ ++ + O +	++ ++ O ++ ++	++ ++ - + ++
+ ++ - + +	++ ++ + + +	+++ + - + +	+ + - + +	+ - - - -	+++ 0 - + -
O	+	O	+	+	O
++ + -	0 + -	++ + +	- O ++	O O O	+ ++ O
+ ++ ++	O ++ ++	O ++ +	O ++ ++	++ ++ ++	O ++ ++
+ O	- -	+++ ++	- +	+ -	+ +
O ++ ++ O	- + - O	- + + +	- ++ +++ O	+ + - O	++ ++ +++ +
+ +	+ -	++	O	O	++ -



01



02



03



08



04



09



05

10



06



11



07

ESQUEMA COMPARATIVO
DOS PARQUES SELECCIONADOS
À MESMA ESCALA

RELAÇÃO ENTRE SUPERFÍCIE
IMPERMEÁVEL E COBERTURA VEGETAL

ÁREA PAVIMENTADA
EDIFICADO
SUPERFÍCIE RELVADA E/OU ARBORIZADA

Sumariamente caracterizados, entende-se fundamental iniciar a comparação destes parques do ponto de vista da área e da configuração física que apresentam, como peças urbanas de contornos limitados inscritos nas respectivas malhas urbanas.

Da observação do esquema ao lado confirma-se a diversidade de tamanhos e de formas que o parque urbano adopta e como estas características de objecto urbano, de contornos reconhecíveis, são únicas, irrepetíveis, inteiramente ditadas pelo sistema urbano que o segrega.

Esta constatação enuncia a impossibilidade de afirmar os parâmetros físicos a *cumprir* ou de estabelecer limites concretos de concepção deste objecto.

Perante a infinidade possível na forma e na superfície que o parque urbano pode adoptar na cidade, avança-se para uma procura de respostas concretas, centrada no conteúdo. Considerando o componente determinante da sua pertença ao subsistema de espaços verdes urbanos, importa analisar, precisamente, quão presentes estão os elementos vegetais.

Assim, na figura destaca-se, por contraste, a percentagem de superfície verde efectiva face à área pavimentada de permeabilidade nula ou reduzida.

Se é, nesta observação, evidente que a proporção da flora no todo é variável de caso para caso, é igualmente clara a relação do decréscimo da cobertura vegetal e de elementos arbóreos face à área de terreno impermeabilizado por construções ou pavimentação com a data de concretização do parque. Com efeito, enquanto que nos parques concluídos em finais do século XIX, o verde é componente dominante do parque, nos parques do fim do século XX denota-se um reequilíbrio na relação área permeável/área impermeável.

Por outro lado, evidencia-se uma característica comum a todos os parques, a necessidade de desenhar percursos múltiplos, de oferecer um conjunto de opções, de circuitos que distinguem e conectam espaços com vocações diversas, quer sejam de preponderância vegetal ou mineral.

Sob uma forma irrepetível e inteiramente segregada pelo sistema urbano em que se constitui, o parque contém necessariamente uma componente biofísica e uma componente urbana, ambas resultantes da intervenção humana. A escolha na introdução, ou manutenção, das espécies de flora e a construção de equipamentos e de mobiliário urbano são essenciais na concretização de um parque.

E é do modo como são combinados estes elementos que, desde que seleccionados pelo homem são humanizados e peças do conjunto, que advém sempre um produto único, feito de proporções específicas, de momentos e espaços de vocações diversas.

Deste modo, definir o parque como resultado da conjugação de flora e de construção humanas não significa um conjunto de características físicas ou de parâmetros concretos que o fazem parque. Esta denominação, de parque urbano não é mais do que enunciadora da variedade de formas e de parques consequência directa da proporção e do modo como estes materiais são conjugados.

Ainda assim, desta confrontação de parques urbanos em cidades distintas, confirmámos a variedade de formas e de elementos que compõem e que determinam este microssistema urbano, definitivamente mais do que um espaço verde ordenado.

Tendo em consideração o objectivo desta investigação e a necessidade de acumular elementos que concorram para esse propósito, concentrámo-nos, a partir das características concretas destes parques urbanos, no modo como reflectem a resolução dos novos desígnios humanos, associados ao espaço verde urbano.

Assim, distinguimos duas famílias de parques urbanos, dois tipos distintos de gerir as novas exigências de espaço público, a acrescentar à vontade do homem de contactar a *natureza*, de posicionar-se em relação a ela, de obter o que pretende.

Um. O parque urbano resultado da acumulação das várias respostas às necessidades humanas, que o decorrer do tempo significa; o verde, característica base e determinante do lugar, é "sacrificado" pelos novos espaços especializados, segredados pela cidade para cumprirem determinadas funções. Acrescentados em tempos diferentes, os componentes arquitectónicos, dispostos sobre a vegetação maioritária, subtraem verde e originam novas dinâmicas, novas relações entre as partes do todo.

VERDE À MARGEM DOS ESPAÇOS ESPECIALIZADOS

De tamanhos variáveis, dos 843 hectares do Bois de Boulogne, em Paris, aos 10 hectares do Parque del Centenario, em Buenos Aires, de formas diversas, circular como este ou oblongos como o Parque Tres de Febrero ou o Parc de Catalunya em Sabadell, estes parques resultam da subtracção de verde para a concretização de espaços funcionais. Antigas propriedades privadas adaptados a parques públicos, em alguns casos, ou abertos como lugares de uso público, escapes ao quotidiano da cidade industrial, vieram incorporando vários equipamentos, de maior ou menor dimensão. No modo como se dispõem vegetação, caminhos e construções, estes parques conservam respostas dos primeiros parques públicos (em desenho e em conteúdo) e denunciam o conjunto de fenómenos urbanos a que necessariamente se adaptaram.

Dois. O parque urbano produto das várias valências necessárias ao sistema urbano em dado momento; projecto de raiz, em que o verde é componente, tal como os demais. Premeditados e síntese de uma intenção global, elementos vegetais e arquitectónicos interagem como participantes activos do espaço que, sujeitos às mesmas regras, originam o todo.

VERDE PARTICIPANTE DOS ESPAÇOS

Estes parques urbanos resultam de uma estratégia de transformação de uma antiga área industrial, como o Parc André Citröen em Paris, o Parc Central del Poblenou em Barcelona ou o Duisdburg-nord landscape park, de um antigo aeroporto, como o Riemer Park em Munich, num novo espaço verde urbano, resposta às novas exigências do homem contemporâneo. Estes, tão diversos, em forma e em conteúdo, como os parques urbanos readaptados ao longo do tempo, caracterizam-se pelo desenho de conjunto, própria da resolução de problemas arquitectónicos, urbanísticos e paisagísticos ponderados em simultâneo.

Decifrar estas duas famílias de resposta à necessidade de parque urbano na cidade contemporânea, entender os constituintes fundamentais duma e doutra, o modo como se organizam e como persistem nas cidades contemporâneas em consonância com as exigências do homem é preponderante para acumular os dados necessários à constituição de um parque urbano com ou sem precedências históricas.

Identificar dois tipos permitiu compreender como de dois modos distintos se concretizam as respostas às necessidades contemporâneas de espaço verde propositadamente de estar e de lazer.. Por um lado, os parques que vêm agregando novas funções para se manterem no sistema urbano como lugares válidos , como respostas efectivas a esta necessidade de reencontrar valores, emoções, que nas suas produções não consegue; por outro lado, os parques segregados pela cidades contemporâneas, necessário ao individuo que exige um lugar ordenador de todas as respostas que pretende simultâneas e interdependente.

Em ambos, é explicita a obrigatoriedade de resolver questões muito mais complexas do que a vontade humana de se reencontrar na *natureza* tendo resultado num momento urbano com configurações e características tão diversas e tão especificas e exigentes quanto o são as necessidades que nele se pretendem ver respondidas pelo cidadão e pelo sistema urbano que o ditam.

Assumir estes dois tipos de parque urbano advém da necessidade de situar o objecto e objectivo desta investigação teórica, o Parque da Ponte, perante a tomada de consciência da infinidade de parques urbanos válidos. À medida que se consolida esta convicção da

impossibilidade de circunscrever todas as respostas e de como são singulares, específicas a cada parque e respectivo sistema urbano, consequência das ilimitadas opções de concretização, exigências e capacidades que o homem não cessa de superar, necessitamos não perder de vista o objectivo desta pesquisa de enfoque genérico.

Assim, no sentido de acumular ferramentas operativas concretas para a resolução do Parque de São João da Ponte , entende-se fundamental, ao invés de avançar numa *batalha perdida* de acumular formas e intenções próprias a uma amostra de parques, que jamais poderia conter e compreender todas as questões, analisar detalhadamente o objecto, o Parque da Ponte.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] AAVV, *Dictionaire de l'urbanisme et de l'aménagement - 1ere. ed.. - Paris : Presses Universitaires de France*, 1988.

[2] Bollnow, O. Friedrich - *Hombre y Espacio.* Barcelona : Labor Ed., 1969.

[3] Cícero[106-43 a.C.], *De Natura Deorum* , II, 60, 151-2 in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie.* Paris: Éditions de la Villette, 2003.

[4]Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie.* Paris: Éditions de la Villette, 2003.

[5]Alberti, Leon Battista , *De re aedificatoria*, livro IX,1485 in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003

[6] Girardin, René-Louis de, *De la composition des paysages*, 1777 in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003

[7] Hegel, Georg Wilhem Friedrich, Esthétique, 1835 in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie.* Paris: Éditions de la Villette, 2003

[8] Baudelaire, Charles , Les fleurs du mal, 1857, in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003

[9]Pückler, *Andeutungen über Landschaftgärtnerei*, in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie.* Paris: Éditions de la Villette, 2003

[10] Pückler, *Andeutungen über Landschaftgärtnerei*, in *Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice.* Porto : Câmara Municipal, 2006.

[11] O *Hyde Park*, o *Regent's Park* em Londres, o *Bois de Boulogne* em Paris são exemplos de propriedades reais abertas ao público

[12] *Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice.* Porto : Câmara Municipal, 2006.

[13]Olmsted, Frederik Law, *Les parcs urbains et l'extension des villes,* 1873, in Le Dantec, J.P. - Jardins et paysages: une anthologie. Paris: Éditions de la Villette, 2003

[14]ibidem.

[15]Howard, Ebenezer, *Garden-Cities of Tomorrow*, 1902, in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003

[16] ibidem.

[17] Carta de Atenas, 1933, chapitre exiger , in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003, p 397.

[18] Cueco, Henri, *Approches du concept de paysage*, 1982, in Le Dantec, J.P.- *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003, p.518

[19]Sansot, Pierre, *Variations paysagères*, 1983, in Le Dantec, *J.P. - Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003 p481-483

[20] Corajoud, Michel, *Le paysage c' est l'endroit où le ciel et la terre se touchent*, 1992, in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003. P.538

[21]Berque, Augustin, *Douter du paysage*, 1994 in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003. p.538 p616

[22]Tschumi, Bernard, *Le parc du XXIe siècle*, 1987, in Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003. p. 554

[23] Expressão de Lewis Mumford in McHarg, Ian , *Proyectar com la naturaleza*, Gustavo Gili,2000 (1ºediçao inglesa 1967) p. XII

[24]Portas, Nuno, *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. Lisboa : Livros Horizonte, [1969], 3ª edição 2007.p.45

[25] ibidem.p.89

[26] Trata-se de uma autonomia relativa já que não existem sem cidade, são consequências desta e absolutamente dependentes deste todo que, com os demais subsistemas, determinam.

[27]Geuze, Adriaan, "*Nuovi parchi per nuove città."* in Lotus n.º 88, 1996, p.51.

[28] Espaces verts_" locution évocatrice mais imprécise dont il semble que l'inventeur en France fut, aux environs de 1925, Jean-Claude-Nicolas Forestier" in Perrin, Jean-Bernard, *AAVV, Dictionaire de l'urbanisme et de l'aménagement - 1ere. ed.. - Paris : Presses Universitaires de France*, 1988.

[29] Le Dantec, J.P. - *Jardins et paysages: une anthologie*. Paris: Éditions de la Villette, 2003. (Le Dantec, 1996:322)

[30] Definição de naturaleza (avanzada) in Gausa, Manuel, *Diccionario metapolis arquitectura avanzada.* Barcelona : ACTAR, 2001.p.398

[31] Definição de ciudad(o multiciudad) por Alejandro Zaera in Gausa, Manuel, *Diccionario metapolis arquitectura avanzada*. Barcelona : ACTAR, 2001. p.399

[32] Definição de ciudad(o multiciudad) por Iñaki Ábalos & Juan Herreros em Diccionario de Metapolis Arquitectura Avanzada p.400

[33] Álvaro Domingues em Cidade e democracia : 30 anos de transformação urbana em Portugal : 30 años de transformación urbana en Portugal. Lisboa : Argumentum, 2006.p. 36

[34] McHarg, Ian , Proyectar com la naturaleza, Gustavo Gili,2000 (1ºediçao inglesa 1967)

[35] Palomo, Pedro J. Salvador, La Planificación Verde en Las Ciudades , Gustavo Gili, Barcelona, 2003.P.21

[36]ibidem

[37] Definição de espaços ruderais ou expectantes pelo arquitecto paisagista Paulo Farinha Marques na revista Arquitectura e vida n.º51 Agosto 2004.p.73

[38] Expressão de Francesco Careri citada em Domingues, Álvaro, Cidade e democracia : 30 anos de transformação urbana em Portugal : 30 años de transformación urbana en Portugal. Lisboa : Argumentum, 2006. p. 36

[39] McHarg, Ian , *Proyectar com la naturaleza*, Gustavo Gili,2000 (1ºediçao inglesa 1967)

[40] Em 1866,Haeckel introduz o termo Oekologie sem que coincida com a tomada de consciência efectiva e colectiva do impacte do Homem sobre os ecossistemas.

[41] *AAVV, Dictionaire de l'urbanisme et de l'aménagement - 1ere. ed.. - Paris : Presses Universitaires de France*, 1988.

[42] Vieira, Cristina Girão , *Cento e Picos Termos Sobre Conservação da Natureza*, do *site* do Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade*, http:// www.icnb.pt.*

[43] ibidem

[44] ibidem

[45] ibidem

[46] McHarg, Ian , *Proyectar com la naturaleza*, Gustavo Gili,2000 (1ºediçao inglesa 1967). p.57

[47] "A finalidade de um grupo humano não é construir uma cidade, é viver, manter a sua estrutura. [...]o grupo humano não se diferencia de um organismo vivo, um grupo de células cuja finalidade nao pode ser outra senao a manutençao da sua organizaçao, da sua estrutura complexa num ambiente que o é menos.." Laborit, Henri, *O homem e a cidade*. Mem Martins : Publicações Europa-América, [D.L.1990]

[48] Forestier, Jean-Claude-Nicolas, *Grandes Villes et systèmes de parcs*, 1906 in J-P. Le Dantec Jardins et Paysages: une anthologie p. 363

[49] ibidem

[50] ibidem

[51] Wilson , Edward O., *La creación: Salvemos la vida en la Tierra*. Buenos Aires. Katz: 2006. p.86

[52] teoria que explica o contacto com a natureza como necessidade humana intrínseca, na qual encontra bem-estar físico e mental.

[53]*Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice*. Porto : Câmara Municipal, 2006.

[54] ibidem.

[55] Palomo, Pedro J. Salvador, *La Planificación Verde en Las Ciudades* , Gustavo Gili, Barcelona, 2003.p.69

[56] *Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice*. Porto : Câmara Municipal, 2006. p.94

[57] Já defendidas por Pückler-Muskau em 1834 na obra *Andeutungen über Landschaftgärtnerei*, e ponto fulcral do pensamento de Roberto Burle-Marx no seu *Jardins do Brasil* de 1947

[58] Palomo, Pedro J. Salvador*, La Planificación Verde en Las Ciudades* , Gustavo Gili, Barcelona, 2003.p.69

[59] Citação de Pierre Sansot no artigo intitulado *A contemplation of french open spaces* in Baljon, Lodewijk - *Parks : green urban spaces in european cities : grüne freiräume in europas städten*. München : Callwey, 2002.Edition Topos. p.8

[60]Baljon, Lodewijk - *Parks : green urban spaces in european cities : grüne freiräume in europas städten*. München : Callwey, 2002.Edition Topos.P.5

[61] *Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice*. Porto : Câmara Municipal, 2006. p.44

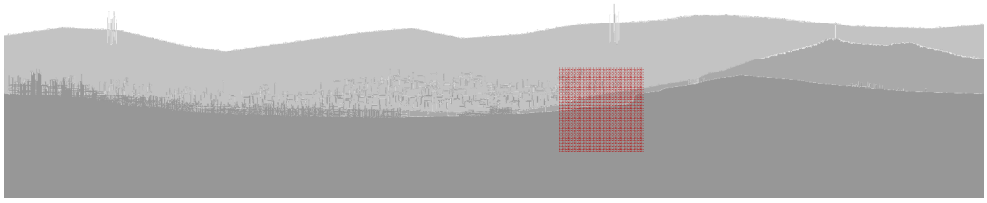
[62] Termo de Stephen Kaplan que expõe as características de um ambiente natural onde o homem possa recuperar da fadiga mental causada pela rotina urbana. Being away. Extent. Fascinating and compatibility são os factores que caracterizam um ambiente que permita atenuar os efeitos nefastos da vida citadina. Kaplan, R., *With people in mind: design and management of everyday nature*, 1998

[63] Geuze, Adriaan, *"Nuovi parchi per nuove città."* in Lotus n.º 88, 1996, p.51.

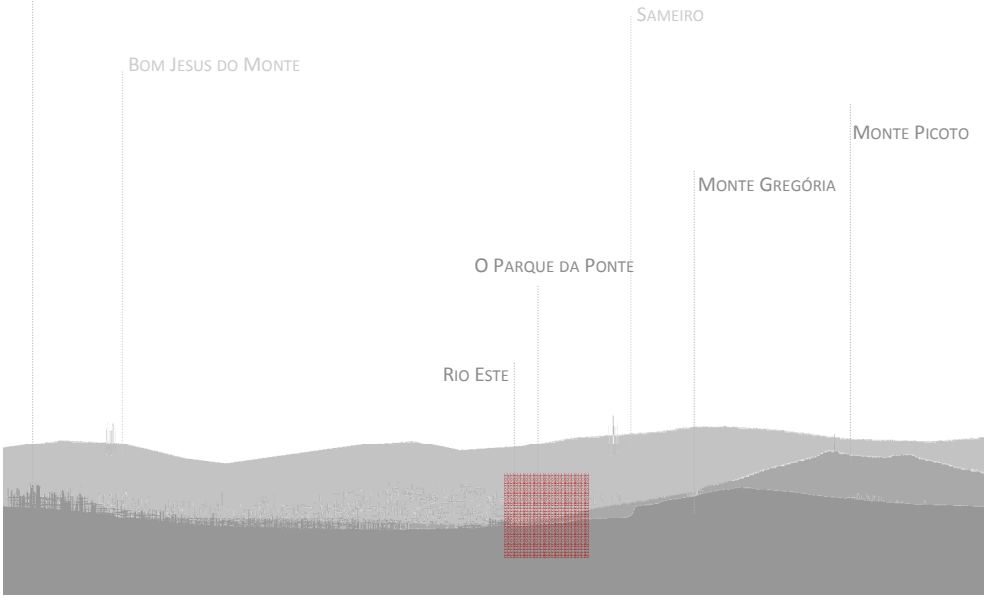
[64] " Este projecto pessoal substitui, com efeito, o projecto colectivo. Doravante, as trocas são essencialmente individuais e querem-se compensadas a curto prazo." Rémy, Jean - *A cidade : rumo a uma nova definição?*. Porto : Afrontamento, 1997.(1ª edição 1992)

[65] Definiçao de *parc por* Jean-Pierre Muret, in AAVV, *Dictionaire de l'urbanisme et de l'aménagement* - 1ere. ed.. - Paris : Presses Universitaires de France, 1988.p.540

PARTE II
O PARQUE DA PONTE DE BRAGA



Antigo Castro, escolhido para os primeiros assentamentos humanos na zona, seguramente, desde a Idade da Pedra [Período Neolítico] e que os Romanos viriam a denominar Cividade.
Centro da cidade.



Braga.O Parque da Ponte.
Relações Altimétricas.

5| ANÁLISE DO LUGAR

Restringir a investigação às questões particulares do Parque da Ponte permite ancorar a problematização e aprofundar, menos indefinidamente, o tema parque urbano, ao mesmo tempo que se inicia e concretiza a aproximação necessária como objecto da proposta de intervenção.

Na sequência dos esforços teóricos desenvolvidos até este momento, da distinção de duas famílias de resolução de parques e do reconhecimento da especificidade do Parque da Ponte , sabemo-lo produto de tempos e de intenções sucessivos, acumulados paulatinamente na malha urbana e na memória dos seus cidadãos. Deste modo, apresenta uma complexidade acrescida das relações pontualmente questionadas e das ordens reformuladas que determinam a sua singularidade.

Ainda que à proposta de intervenção interessem os problemas actuais, é fundamental compreender como, paulatinamente, se consolidaram as valências que o tornam verde urbano. Importa apreender como este momento urbano integrou e reordenou necessidades e acontecimentos urbanos, dando ênfase especial às valências que se consolidaram e que hoje determinam as hierarquias das interacções entre os seus componentes, o carácter e a validade, ou não, que fazem hoje o Parque da Ponte na cidade de Braga.

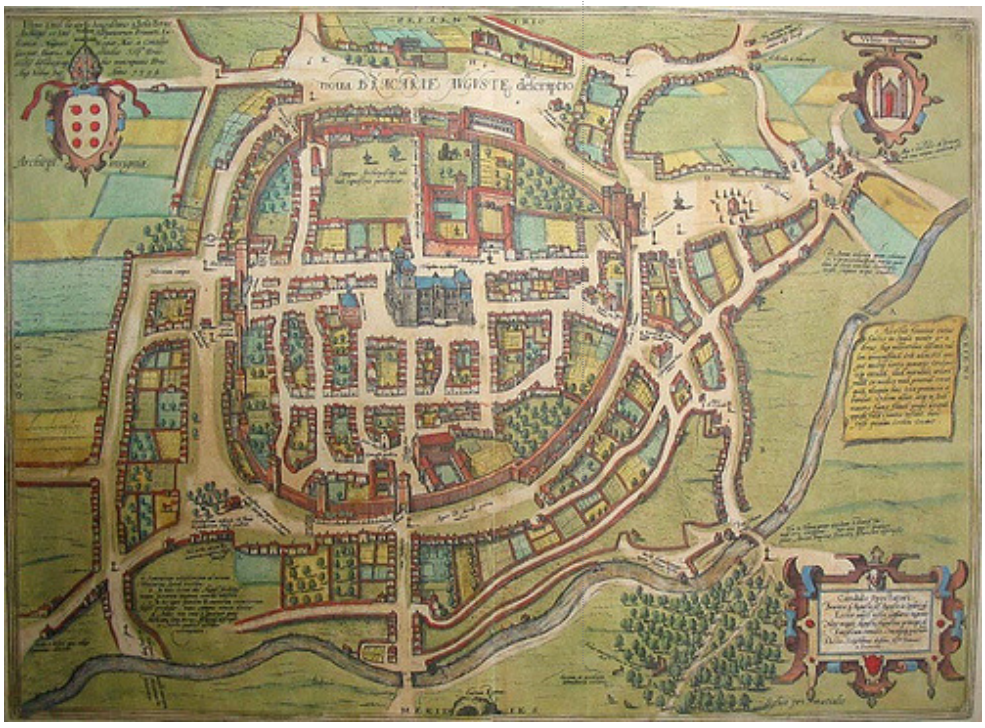
Constituída no alto da *cividade* em posição privilegiada no território, defendida pelos castros que a envolviam — o Castro Mau e o das Cabanas, a norte; o Castro da Consolação a nascente; o Castro de Ferreiros e da Falperra, a sul; e o Monte das Lamidas, a poente — a cidade de Braga, *" cercada de fertilíssimos campos (regados pelo Déste) e de frondosos arvoredos e prados sempre verdes"*[1] estende-se, sobretudo a partir de meados do século XX, sobre o terreno de topografia instável, ocupando vales e pequenas formações montanhosas.

O Parque da Ponte situa-se no extremo sul da Avenida da Liberdade e corresponde ao espaço de uso público compreendido entre a Ponte de S. João e a antiga Ponte dos Pelames, entre o rio Este e o Monte Picoto.

Prolongamento natural deste acontecimento geofísico, momento em que a encosta encontra o rio, e a pendente se suaviza, densamente arborizado, veio persistindo como espaço verde público, ao longo dos séculos.

A mais remota e segura referência ao lugar onde se constituiu o Parque da Ponte encontra-se na gravura de Georg Braun, de 1594, intitulada *Noua Bracarae Avgvste Defcriptio*, primeiro registo desenhado e conhecido da cidade de Braga.

Nesta, para além de evidenciado o aglomerado urbano, construído em torno da Sé Catedral, a cerca, os campos junto às portas desta e as edificações ao longo das vias que delas partem, encontra-se desenhado, a sul, um curso de água, pontuado de moinhos no troço entre a ponte de Guimarães e a ponte dos Pelames, bem como uma concentração arbórea a sudoeste, identificada como *Sylva Primatialis*, onde estão representados caminhos, uma fonte de águas amenas, *Fons Amonissimvs* e lebres, *leporum ac perdicum abundantia celebris.*



GRAVURA DA CIDADE DE BRAGA
GEORG BRAUN
1594

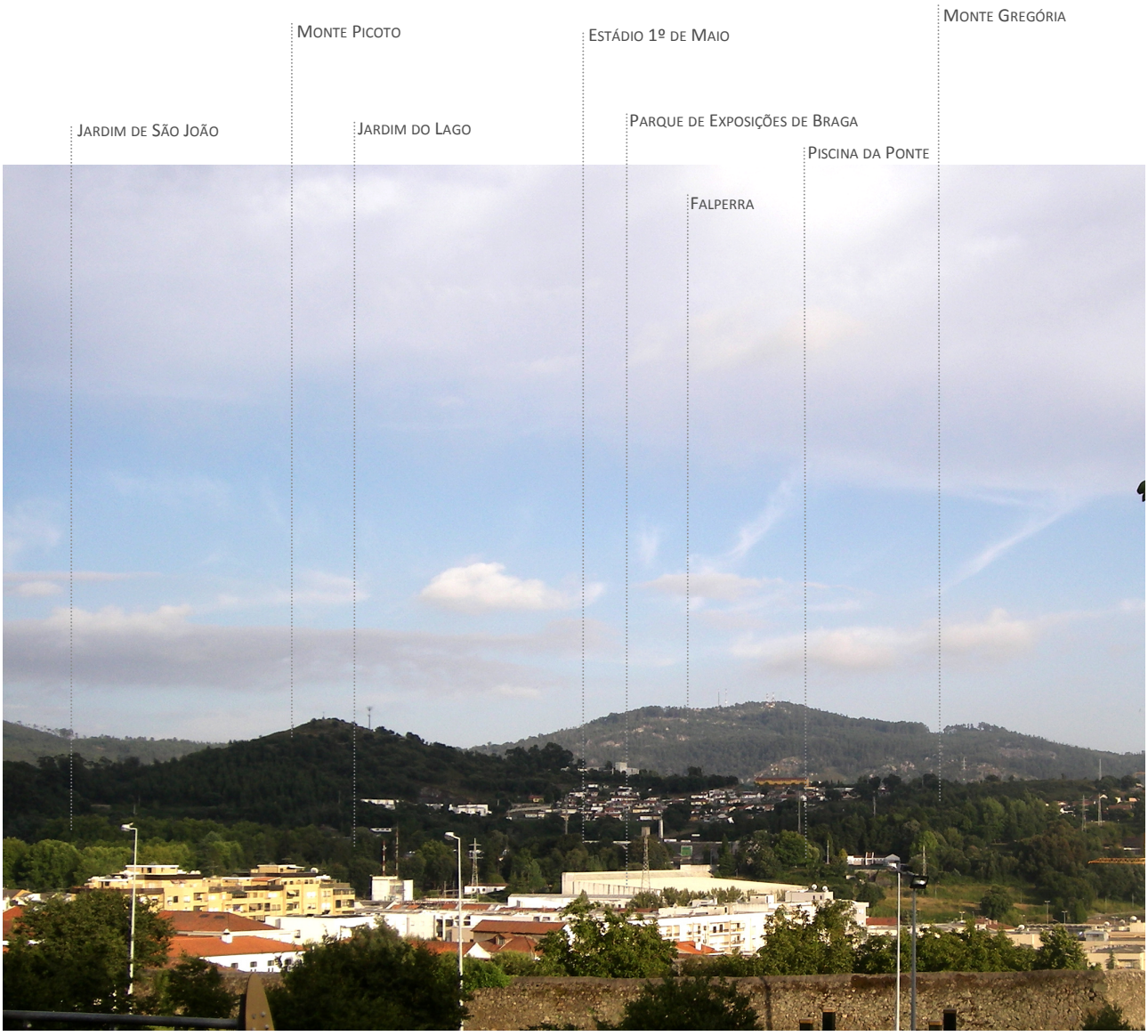
FONTE:
http://beatonuno.blogs.sapo.pt

A preservação das qualidades biofísicas originais deste lugar advém da conjugação de factores e de acontecimentos de importância urbana, a acrescentar à sua posição privilegiada na cidade, situado a um quilómetro do centro.

Primeiro, da não idoneidade de construção na encosta desta elevação montanhosa que termina no Rio Este; segundo, do reconhecimento da singularidade intrínseca do lugar que impede a sua *perda* aquando da expansão urbana; terceiro, da consolidação como espaço verde, de uso público; quarto, da reserva de espaço que constitui, com dimensão favorável à edificação de equipamentos necessários à dinâmica urbana.

Composto de elementos biofísicos e urbanos, este espaço verde de uso público inscrito na malha urbana, apresenta, de momento, menos respostas do que falhas no diálogo com o sistema urbano que o envolve e com os subsistemas a que deveria pertencer. Acumulador de usos, de memórias e de intenções sucessivas no tempo, o Parque da Ponte é lugar desordenado e complexo.

O Parque da Ponte
visto do alto da cividade
2009



5.1| COMPONENTES GEOFÍSICOS

“ [...] Ils ne le deviennet que pour l’homme qui se tourne vers eux pour jouir librement de leur spectacle et pour être lui-même au sein de la nature, sans poursuivre de finalités pratiques. C’est au moment où il se transporte vers elle que la nature change de visage. Les espaces exploités — ou inexploitables s’il s’agit du désert —, ce qui des siècles durant n’a retenu ni l’attention ni le regard, ce qui détournait l’homme par son aspect hostile et lui restait étranger, tout ceci devient beau, grand, sublime, devient object esthétique, paysage.” [2]

RIO ESTE

O rio Este nasce na Serra do Carvalho, a uma altitude de 512 metros, na freguesia de São Mamede de Este, numa zona de transição entre os concelhos de Braga e Póvoa de Lanhoso. Com confluência na margem direita do rio Ave, na freguesia de Touguinha, em Vila do Conde, o rio Este, pertence à bacia hidrográfica do rio Ave. E constitui-se como seu segundo principal afluente.

Actualmente, dos seus 52 km de extensão, 23,9 km atravessam o concelho de Braga, sobre o qual se constituíram diversas pontes de dimensões relativamente pequenas, consequência do reduzido caudal que caracteriza a história deste afluente.

Apesar da constatação, no *mapa de Braun,* de como a cidade medieval cresceu alheada do rio *que lhe fica próximo*— tendo-se desenvolvido para norte da Bracara Augusta que os romanos edificaram no cimo de uma colina, a *cividade* , provavelmente sobre um castro primitivo —, a existência de *"duas ruas ladeadas em toda a extensão com casas, a ligar o centro às margens do pequeno Rio Este"*[3] e as duas pontes, a ponte dos Pelames e a ponte de Guimarães, situadas no prolongamento das mesmas, denotam como não fora negligenciado *"o velho Aliste, fonte segura de subsistência, que permitia irrigar os campos e abastecer as fontes de culto."* [4]

O facto de não se verificar o desenvolvimento urbano na ou a partir das margens deste curso de água confirma-o como elemento geofísico de importância relativa pouco significativa para a aglomeração urbana, consequência do seu reduzido caudal, observável nesta gravura e referido em diversos documentos escritos. Numa memória da cidade de 26 de Maio de 1758, este curso de água é, mesmo, enunciado como *"piqueno rio chamado o d'Este[...]. Cria peixes de varias castas, como sao os barbos, escallos, bogas e algumas trutas. Tem dez assudes com seus moinhos e azenhas, tres pizoens e dous lagares de azeite."*[5]

Ainda que não tenha sido motivo de fixação humana, construíram-se, a nascente da Ponte de Guimaraes, onde o curso de água tinha maior inclinação, vários moinhos; pelo menos desde meados do século XIII, como o confirma a referência da venda de um moinho do rio Este feita no ano de 1254 no documento nº255 do "Liber Fidei". A possibilidade de edificação destes engenhos resulta na fixação de uma pequena população de moleiros e respectivas famílias, constituindo-se, entre a actual Ponte de São João e a Avenida 31 de Janeiro, um núcleo de moinhos, habitações e uma capela, designado por zona dos Galos.

Circunscrita no concelho, trata-se da mais remota relação, directa e profícua, estabelecida entre a cidade e o rio, que persistiu na malha urbana, também porque à moagem de cereais se acrescentaram, nos séculos XVIII e XIX, como em outros rios portugueses, novos engenhos de fabrico de papel, embora a actividade laboral se limitasse, neste caso, devido ao caudal diminuto , a alguns dias por semana.

No troço desde a antiga Congosta de Gavieiras, actual Avenida 31 de Janeiro, até à Ponte dos Pelames, especificamente, a despreocupação evidenciada pela ocupação total da margem direita do Rio Este, desde a abertura da Rua Conselheiro Lobato, em finais do século XIX, demonstra quão reduzido era o seu caudal, o risco de cheia e quão desconsiderada era a relação da cidade com este elemento biofísico.

O mesmo desinteresse pela relação com o rio é visível aquando da abertura de vias perpendiculares à antiga Rua da Ponte de Guimarães, depois do prolongamento da Avenida da Liberdade até à ponte com data de 1951. Com efeito, a resolução da intersecção das pendentes que conformam o vale do Rio Este, de modo a torná-las idóneas à construção e desenvolvimento urbano, denota, igualmente, o reduzido valor atribuído ao curso de água. Estas vias são definidas implicam a construção de um muro de contenção em granito que permite a definição de um plano paralelo ao rio , a cota superior, neste troço, a diferença de cotas entre a superfície do rio e as ruas varia entre os 3 e os 8 metros.

As inúmeras e prolongadas descargas não controladas provenientes das indústrias e outras actividades, construídas sobre as suas margens, durante o século XX, resultaram em concentrações anormais de metais pesados na água e, subsequentemente, em alterações significativas no ecossistema rio.

A persistência das espécies de fauna e flora originais, amplamente comprometida pela intervenção humana, é praticamente nula. Simultaneamente, e consequência da tomada de consciência e do interesse pela recuperação da qualidade da água e das suas margens, assiste-se à execução de estratégias, mais ou menos pontuais no curso do rio, no sentido da retoma do ecossistema. Restringindo o estudo das espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas, às actualmente existentes na área em estudo, encontram-se espécies autóctones, entre *indivíduos* resistentes às condições adversas e *indivíduos* reintegrados pela intervenção humana e espécies alóctones, introduzidas ou invasoras.

Assim, no troço em estudo estão presentes as seguintes espécies arbóreas: freixo *(Fraxinus angustifolia)* , choupo-negro *(Populus nigra),* salgueiro-chorão (*Salix babylonica),* salgueiro-branco *(Salix alba),* cedro *(Cedrela fissilis Vell),* carvalho roble *(Quercus robur)* e plátano bastardo *(Acer pseudoplatanus).* Entre estas, o freixo e o choupo-negro são espécies ripícolas, associadas aos cursos de água; o carvalho e o plátano são autóctones .

No que respeita a fauna, o reaparecimento das espécies de peixes e anfíbios está tão comprometido quanto a qualidade da água não é garantida ao longo de todo afluente e mesmo da bacia hidrográfica do rio Ave a que pertence. Por outro lado, a presença de aves e a diversidade de espécies depende das condições florísticas do lugar, tendo em consideração a dimensão e a densidade arbórea da fauna envolvente do rio Este, poderia ser significativamente menor, não fosse a presença das grandes massas florestais envolventes, Falperra, Bom Jesus, Sameiro, Picoto-Gregória.

MONTE PICOTO

> "O Monte Picoto tem giestas, pedras, eucaliptos — não se pode transformá-lo num objecto amável. Vale pela forma e sobretudo pela posição relativamente à cidade." [6]

De pendente acentuada e com cerca de 295m de altitude, o Monte Picoto surge em primeiro plano sobre *"o enquadramento longínquo sul-nascente da cidade [...] delimitado pelo alinhamento montanhoso do Bom-Jesus, Sameiro, Falperra e S. Marta da Cortiça (altitudes variáveis entre 500 e 580 m)"*[7]. O Monte Picoto , em conjunto com a concomitante Gregória, ainda que alcançados pelo crescimento urbano manteve-se, tanto quanto a sua forte inclinação o permitiu, virgem de transformação humana, sobretudo na vertente voltada para o centro da cidade.

Devido à curta distância que o separa deste, não mais do que a actual Avenida da Liberdade, esta elevação de terreno e respectiva massa florestal encerra um potencial e um valor imagético único, invariável perante o crescimento buliçoso da cidade.

E se *" a nordeste (Rua Santo Adrião - Largo da Devesa) a cidade já mordeu o monte com frente urbana flanqueada por um conjunto de socalcos rurais"*[8] , a sul, a malha habitacional avançou sobre o sistema Picoto-Gregória separando-o, quase que definitivamente, em duas elevações vizinhas; e o desenho do sistema viário, com a Estrada Nacional de ligação a Guimarães EN101, a Avenida Miguel Torga de entrada nas auto-estradas e a Via da Falperra o isolam no espaço urbano bracarense, e o atacam perifericamente, o monte resiste como elemento singular.

Formação rochosa de altitude considerável sobre o espaço urbano envolvente, conservadora, principalmente no enfiamento visual da Avenida da Liberdade, da flora original, o Monte Picoto,

mais do que espaço de uso público efectivo, constitui-se como reserva de espaço livre e verde. Mesmo o miradouro no seu cume, onde a cobertura vegetal é rarefeita, devido aos afloramentos graníticos, de onde se tem vista panorâmica sobre a cidade, é pouco procurado pelos cidadãos por ter vindo a ser alvo de utilizações marginais.

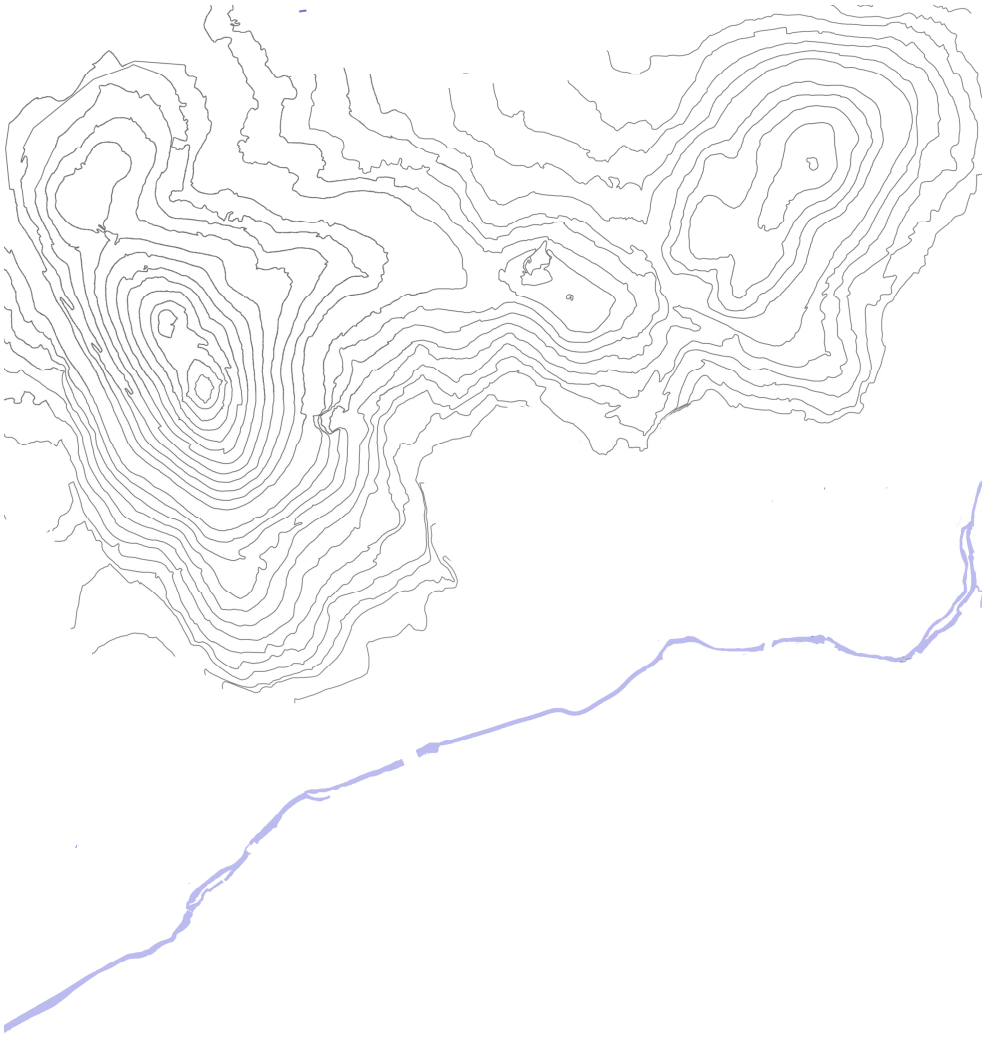
No que respeita a flora desta acontecimento geofísico, as espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas existentes decorrem da persistência do biótopo original, por um lado, e da sua adaptação à influencia do desenvolvimento urbano, por outro, nomeadamente consequências da poluição dele decorrente e de fogos florestais.

Assim , encontram-se espécies arboreas autóctones como o eucalipto (*Eucalyptus globulus Labill*), o pinheiro-bravo *(Pinus pinaster Aiton)* e o carvalho*(Quercus robur)* , e no que se refere às espécies arbustivas, estão presentes espécies espontâneas, a giesta*(Cytisus striatus),* o tojo *(Ulex europeus),* o feto *(Pteridium aquilinum)* e a silva *(Rubus sp),* e ainda uma espécie invasora, a mimosa *(Acacia dealbata).* Esta elevação rochosa apresenta coberto vegetal essencialmente herbáceo e arbustivo, no cume, enquanto que a concentração de árvores de médio e grande porte é mais importante no sopé, essencialmente na encosta nascente.

Consequência da reduzida e circunscrita densidade arbórea e da sua localização na malha urbanizada, as condições de refúgio e de reprodução de fauna no Picoto são desfavoráveis à avifauna e a espécies autóctones como o corço, o javali ou o lobo. Esta constatação é tanto mais compreensível sabendo-se das elevações montanhosas da envolvente próxima mais apelativas devido à extensão, densidade e diversidade de massa florestal disponível. poderão exceptuar-se algumas espécies de aves rupícolas, devido aos afloramentos graníticos.



O Monte Picoto do topo da Avenida da Liberdade. 2009.



Sistema Picoto-Gregória realtivamente ao Rio Este. esquema

5.2| INTERVENÇÃO HUMANA

Expostos os elementos geofísicos determinantes do lugar, inicia-se, em seguida, uma análise ponderada e sequencial dos componentes urbanos do actual Parque da Ponte.

Considera-se fundamental, mais do que simplesmente enumerar e caracterizar cada uma das suas valências, ordenar e sistematizar a sequência dos acontecimentos, isto é, reconhecer no tempo os momentos de constituição de cada edifício, de cada intervenção. Assim, reter-se-ão apenas os acontecimentos determinantes do Parque da Ponte de hoje, compreendendo o momento urbano da constituição de cada um e observando as razões e adaptações que determinam a sua persistência e o tornam parte do objecto-problema.

À medida que se acrescentam os componentes, entendem-se os diversos momentos do parque e o modo como este espaço público acumula valências de tempos e de ordens diversos. Cada esquema não pretende representar os aspectos do parque ao longo do tempo, pretende ser ferramenta útil na compreensão da história do lugar, no sentido operativo de conhecer, dos episódios sucessivos no tempo, os elementos que persistiram e determinam hoje o Parque da Ponte.

No último esquema, fim da análise histórica do lugar, o objecto de estudo está devidamente caracterizado, pelos significados e pela sucessão de acontecimentos, e retrata a complexidade que encerra actualmente

CAPELA DE SÃO JOÃO DA PONTE. 1612-1617.

Ainda que na gravura de 1594, esteja apenas representado um cruzeiro no final da então Rua da Ponte de Guimarães, os investigadores concordam que a inscrição de 1616 corresponde à data de reedificação da capela, durante o arcebispado de D. Frei Aleixo de Menezes [1612-1617]. A Capela de São João da Ponte ter-se-ia, então, constituído no lugar da acanhada construção, resultante do restauro de uma pequena ermida pré-existente, encomendado pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa [1505-1532], no inicio do século XVI.

Pensada para o culto dos moleiros e para instituir a irmandade para os festejos sanjoaninos, a capela é construída numa cota mais elevada no sentido de evitar que um aumento de caudal do Rio Este a demolisse. A escolha de edificá-la a poente da Ponte de Guimarães, relativamente afastada do núcleo habitacional e de moinhos dos Galos, resulta da intenção de acrescentar um lugar sagrado ao espaço, que pelo menos desde a Idade Média [9], vinha sendo cenário do arraial de São João. A relação visual com a capela é assegurada, apesar da distância, pela orientação nordeste-sudoeste do volume, com a porta de entrada alinhada pelo cruzeiro do extremo sul da Rua da Ponte, voltada para a ponte e a zona dos Galos.

Constituída por dois corpos, a Capela de São João da Ponte mantém o alpendre justaposto à fachada nordeste do de menor dimensão, *"sustentado por seis colunas toscanas assentes em socos de pedra e coberto por um telhado de três águas"* [10]. O outro corpo, mais elevado, tem as torres sineiras e, na fachada sul, um nicho com a imagem de São João Baptista, em granito tosco, provinda do Convento dos Remédios, demolido no ano de 1912. No interior, encontram-se as imagens do Santo Patrono, de Cristo Crucificado, da Santa Felicidade e de Nossa Senhora do Ó.

QUINTA DA MITRA

Durante o seu arcebispado, de 1590 a 1609, D. Frei Agostinho de Jesus mandou edificar no bosque, a sul do Rio Este, uma fonte, trata-se daquela que está representada na gravura de 1594, que tem inscrita a sua pedra de armas, e uma propriedade rústica, posterior já que não desenhada na mesma gravura, onde os arcebispos pudessem, na cidade, retirar-se para desfrutar do contacto com a vegetação.

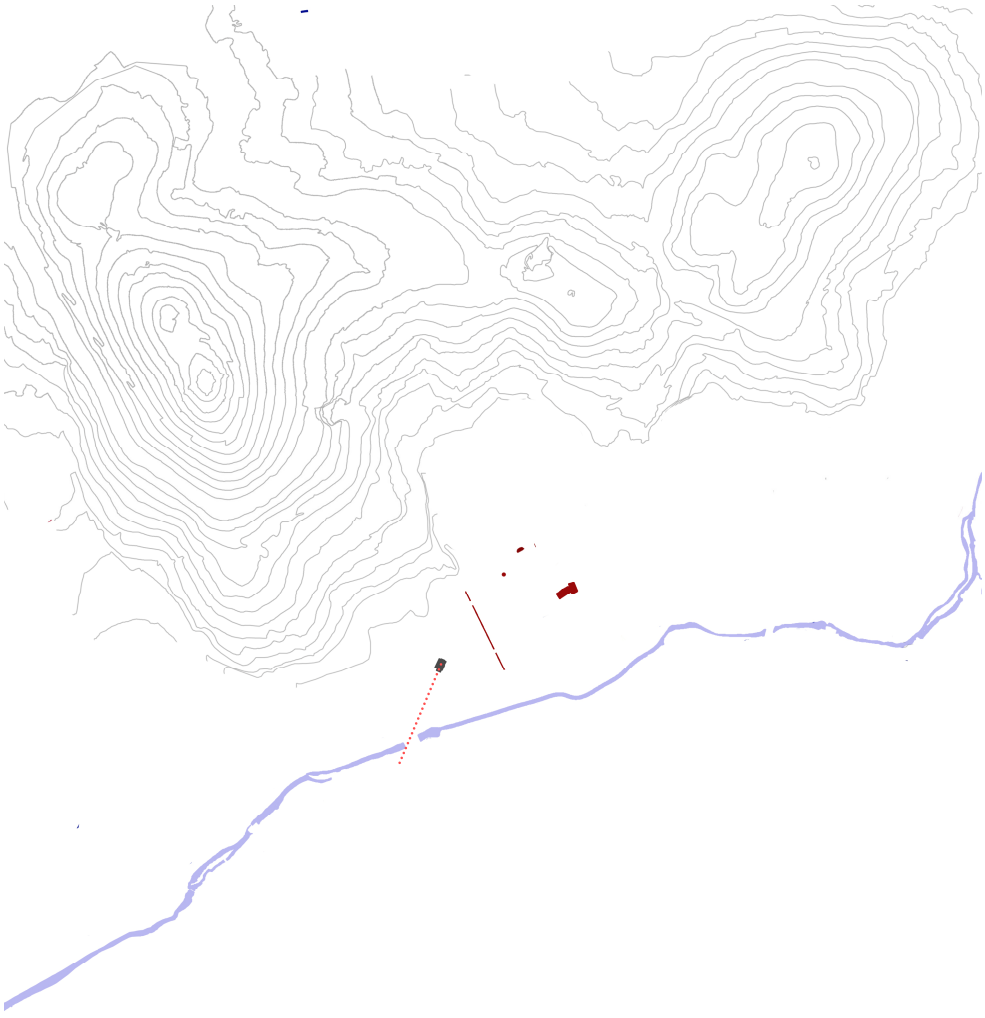
A Quinta da Mitra, como viria a ser designada, é constituída no *bosque* da margem sul do Rio Este, a qual, mesmo que situada a uma cota inferior à do centro urbano, está em contacto visual directo com a Sé Catedral.

A construção desta nova residência arquiepiscopal originou a privatização de uma área murada no sopé do Monte Picoto; cujo troço nascente persistiu, trata-se da parede em alvenaria de granito que actualmente separa fisicamente o jardim de S. João, envolvente da capela, do espaço verde a poente.

Na litografia de 1858, tomada do Picoto de S. João da Ponte, em primeiro plano, *", na margem sul do rio , com o seu jardim e mata, não está visível, a Casa da Velha Tapada do Arcebispo ou Quinta da Mitra"* [11]

Em 1925, João Pereira do Rio no seu livro *Memórias do Parque de S. João da Ponte* afirma *"[...] e mais ao fundo, tal qual um ancião, vêem-se ainda em pé as paredes de um prédio que servia de residência aos prelados durante o Verão[...] "*[12] denunciando os actos de vandalismo que deixaram em ruínas o edifício principal da Quinta.

Actualmente, deste domínio arquiepiscopal não resta mais do que uma pequena construção, provavelmente a casa do caseiro dos arcebispos e algumas casas de cariz rural que constituíram o antigo horto municipal, o troço nascente da delimitação da propriedade e a fonte, junto ao lago, do tempo de D. Frei Agostinho de Jesus.



Posição relativa da capela de São João e das reminiscências da Antiga Quinta da Mitra Esquema.

O JARDIM DE SÃO JOÃO. 1915.

> *"ali se vêem nos dias belos, constantemente, muitos passeantes, porque as condições do lugar são as mais idóneas para atrair os bracarenses"* [13]

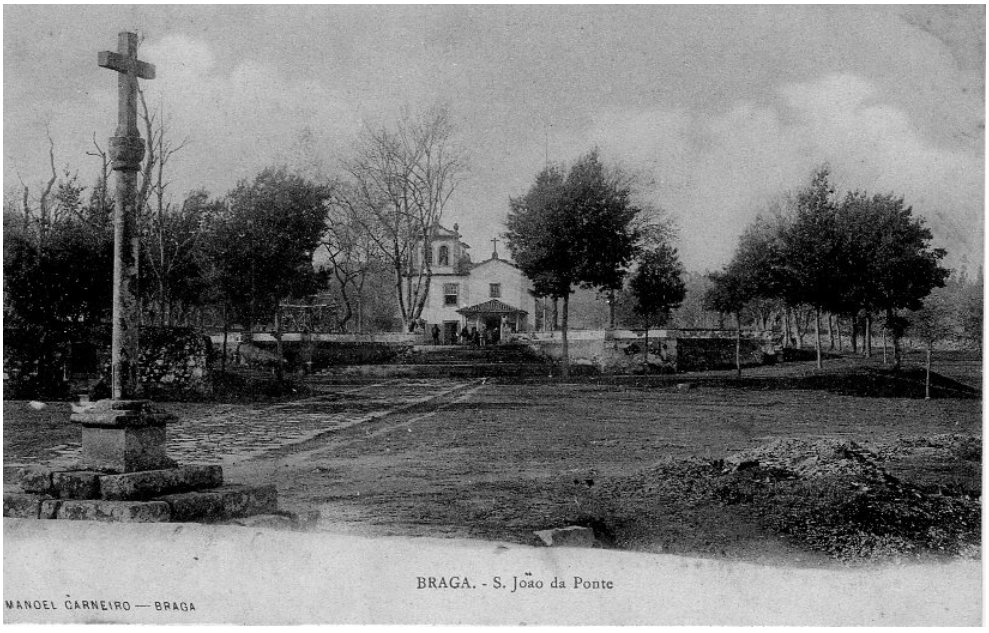
A construção da Capela de São João da Ponte e a Quinta da Mitra, ainda que propriedade privada, na encosta arborizada do Monte Picoto junto ao rio, constituem-se como pontos dinamizadores da massa verde e confirmam-na, paulatinamente, como espaço de estar e de encontro dos cidadãos, para além do dia de São João e respectivos festejos. De tal modo, que vários documento do ano de 1882 revelam a intenção de tratar a envolvente da capela, a nascente da propriedade arquiepiscopal, para torná-la lugar agradável.

Com efeito, reconhecido como lugar próximo do centro, de relação privilegiada com a natureza e de uso público regular , iniciam-se obras de reforma para torná-lo adequado ao passeio dos cidadãos. Em Junho desse ano, o jardim e o lago são alargados e o roteiro de Forjaz Sampaio Pimentel refere que*"[...] existe, melhorada e acompanhada de pequeno jardim e bom arvoredo, a capela de S. João. É pitoresco o sitio e de muita frequência nas tardes de estilo"*[14].

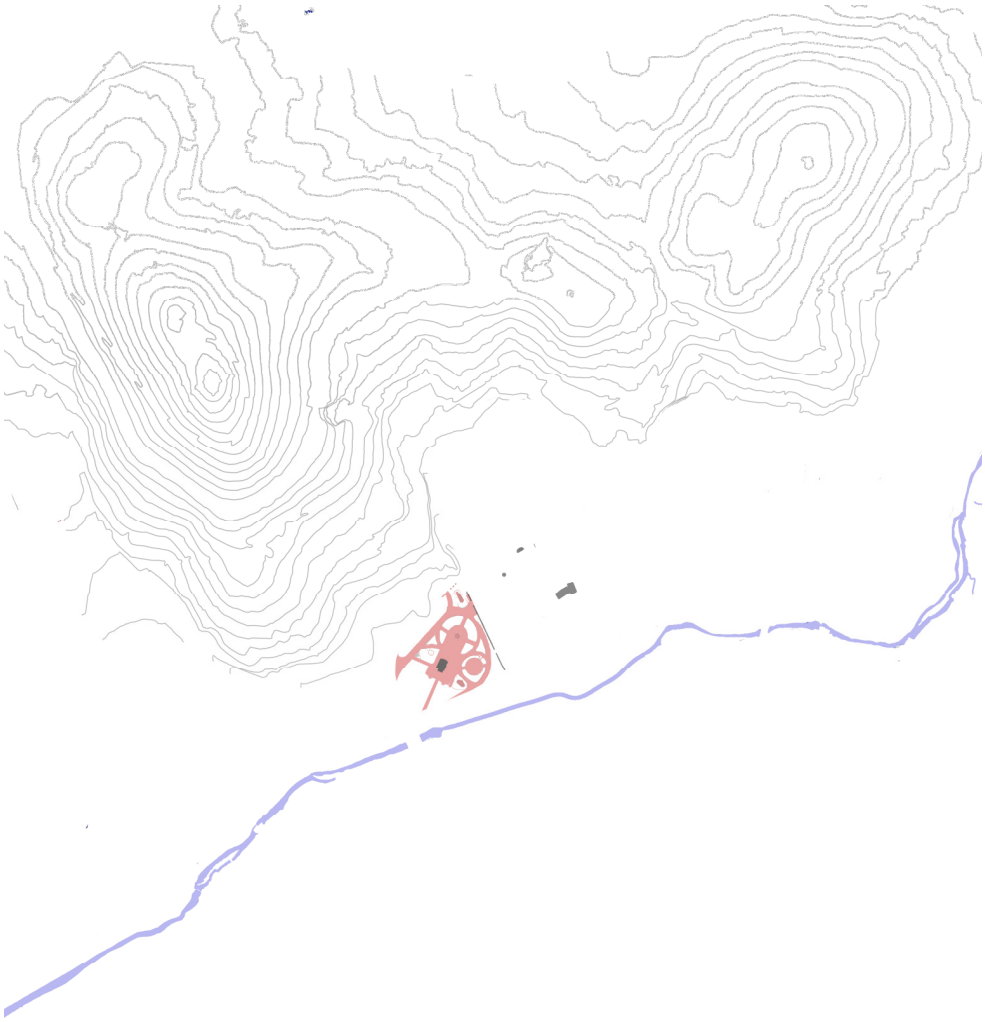
No inicio do século XX, a comissão promotora dos trabalhos do parque solicita planos para a reforma geral, primeiro ao pintor, decorador e mesario da Confraria de são João da Ponte, em 1898, e a Domingos Alves Fânzeres, em 1905. Contudo, nenhum destes é realizado; documentos de 1911 confirmam apenas a plantação de arbustos apropriados, a regularização de canteiros e de *ruas,* sob a coordenação de Abel Teixeira, e novo pedido de plano geral a Ernesto Korrodi, do qual não há registo. Ainda assim, o coreto construído no alinhamento sudoeste-nordeste com a capela e o antigo cruzeiro é da sua autoria.

Em 1915, "[...]a grande piscina em estilo romano… acha-se quase concluída e fica … ao lado daquele pitoresco local cada dia mais concorrido.[...] Todo o vasto recinto é ocupado de espesso arvoredo, animado por caprichosos canteiros [...] " [15].

Este redesenho do Jardim de São João, que inclui a construção do coreto, a *piscina* e respectivo mobiliário urbano, resiste e caracteriza a zona nascente do Parque da Ponte, apesar de ter sofrido entretanto intromissões. Absorveu pequenos volumes edificados e perdeu área com a redefinição do limite sudeste, aquando da abertura e pavimentação da rua no prolongamento da Avenida da Liberdade e da estrada nacional para Guimarães.



ENVOLVENTE DA CAPELA DE SÃO JOÃO ANTES DO DESENHO DE JARDIM.
1903.
FONTE: POSTAIS ANTIGOS DE BRRGA



Posição relativa do
Jardim de São João
Esquema.

O PARQUE DA PONTE.1927.

O decreto de Abril de 1911 que dita a passagem de todos os bens da Igreja para o Estado, resulta, em Novembro de 1919, na cedência da Quinta da Mitra à Câmara Municipal de Braga para ser destinada a horto e parque municipal. Sem eliminar-se o troço nascente da antiga separação entre publico e privado, esta área soma-se à do Jardim de São João, passando a designar-se o conjunto por Parque da Ponte.

Consequência deste considerável ganho de área, é criada por um conjunto de cidadãos beneméritos, em 1922, a Empresa do Parque da Ponte, que se propõe desenvolver um novo parque público, auto-suficiente do ponto de vista económico. Com o intuito de reformular toda a área verde e complementá-la com equipamentos desportivos, é encomendado ao arquitecto José Vilaça um plano geral. Assim, e seguindo-se o seu plano inauguram-se em Agosto, o Campo Júlio Lima, destinado à pratica de futebol que desde 1915 se praticava em vários pontos da cidade sem espaços próprios, e o Hipódromo Júlio Lima, inaugurado em Junho de 1923, o qual do mesmo modo que o Campo, se concretiza como recinto pensado para a corrida de cavalos dando resposta eficaz à realização de corridas e assistência. Concluem-se, igualmente, a *Avenida da Maratona* e novos caminhos no sentido de ligar os vários espaços do parque e as novas infra-estruturas desportivas. Em 1923, publica-se, no Diário do Minho, um projecto para o Casino, escritórios da Empresa e restaurante, da autoria do arquitecto João Moura Coutinho, que aproveitaria o pequeno edifício da Quinta da Mitra, porém não é realizado.

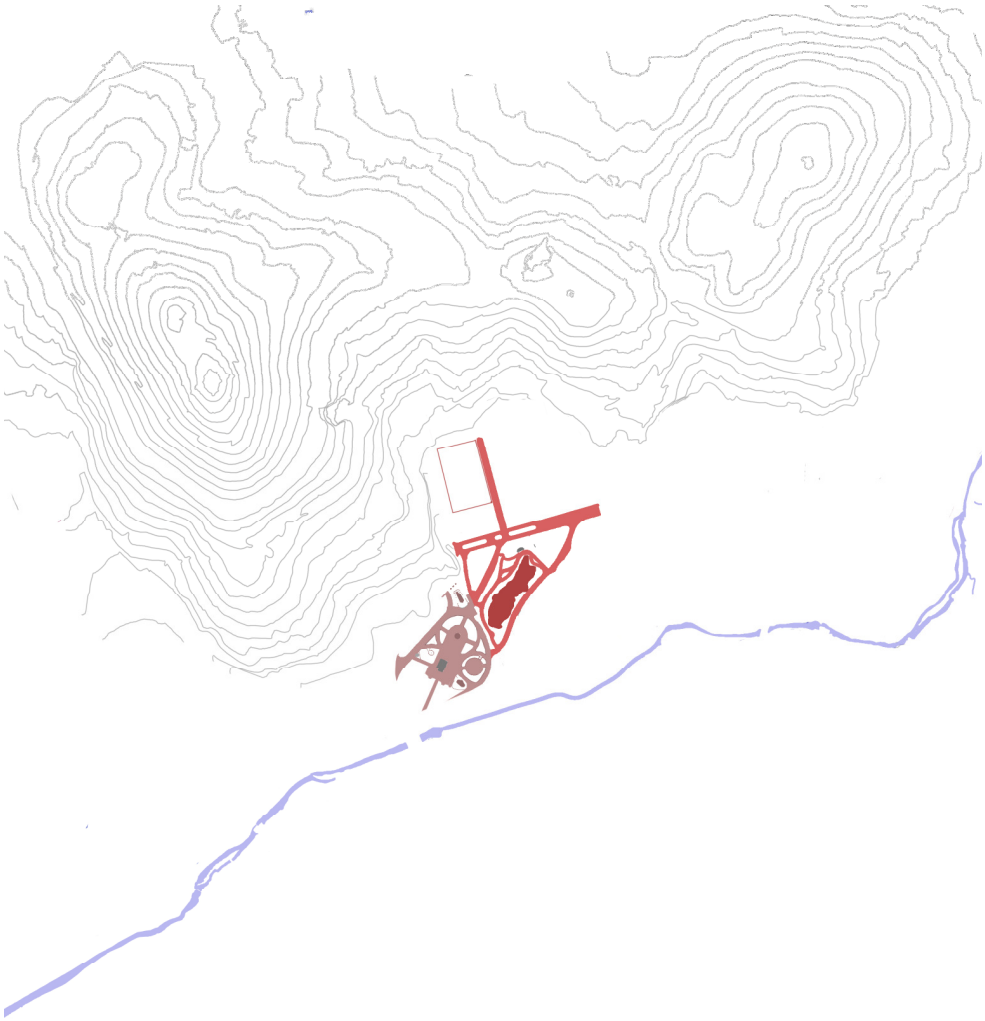
Com a inauguração da linha de transportes, a melhoria dos acessos rodoviários, iluminação da cidade e reformulação de novos espaços públicos de referencia, a cidade de Braga em pleno desenvolvimento *"reforça a sua capacidade regional e torna-se também cidade burguesa e cosmopolita"*[16] . O parque da Ponte participa deste progresso, como espaço publico de estar e de lazer, é termino da segunda linha de transportes, inaugurada em 30 de Junho de1923[17], à qual viria a ser acrescentada uma centena de metros alcançando praticamente o seu portão principal, em 21 de Junho de 1927 [18].

"Há poucos anos, quem conheceu a antiga Quinta da Mitra, campos de milho raquítico e vetustas uveiras enroscadas em árvores aleijadas e minadas pelo caruncho, desconhece o local./ Aquele largo trato de terreno encontra-se hoje bordado por canteiros de artísticos recortes, esmaltado por plantas e flores das mais belas, povoado de milhares de árvores[...]"[19]

Até 1927, concluem-se novos caminhos, o grande lago, com uma pequena ponte e uma gruta artificiais construídas em cimento, material tão exótico quanto algumas novas espécies, introduzidas aquando de alterações radicais na massa arbórea do parque, de acordo com o modelo seguido, o do Parque do Bom Jesus . A par da remodelação do parque, a Empresa entende necessário dinamizar a vizinhança do Parque e entra em conversação com a Câmara Municipal no sentido de encontrar apoio financeiro para a construção de habitação social na encosta do Monte Picoto, voltada para o Parque. Devido à falta de recursos económicos, a ideia de construir habitação social não é concretizada.

Findo este período intenso de obras e segundo as noticias dos jornais da cidade, no final da década de 20, o Parque da Ponte era um dos pontos principais de reunião e de estar colectivo da cidade, com várias formas de animação e eventos culturais, dirigidos a diversos públicos.

Das obras concretizadas pela Empresa do Parque da Ponte, perduraram os arranjos efectuados à área da antiga Quinta da Mitra, bem como a Porta e a Avenida da Maratona e ainda o alargamento sul do parque público, para a construção das infra-estruturas desportivas, mesmo que o Campo e o Hipódromo Júlio Lima tenham sido demolidos, constituem-se como embriões daquelas que, actualmente, compõem Parque da Ponte.



Posição relativa dos arranjos da Empresa do Parque Esquema.

SUBESTAÇÃO DA PONTE DA EDP. DÉCADA DE 20.

Construída na década de 20 pela União Eléctrica Portuguesa, aquando do fornecimento de energia eléctrica a Braga, implicou a abertura da Av. Dr. Pires Gonçalves. Desde então esta parcela mantém-se inalterada desde então, exceptuando-se a construção de um novo volume a nordeste das infra-estruturas originais com acesso e estacionamento privado a partir daquela via e que alberga funções da medicina do trabalho.

Com uma média de cerca de 15 visitantes diários e 3 postos de trabalho fixos tem ainda hoje impacto na dinâmica do Parque da Ponte por prestar serviço aos funcionários desta empresa que operam ou residem no distrito de Braga ou nas proximidades.

ESTÁDIO 1º DE MAIO. 1950.

A prática generalizada de futebol, em diversos campos improvisados, havia já conduzido à constituição do Sporting Clube de Braga, em 19 de Janeiro de 1921, e determinado a construção de um recinto apropriado à pratica deste desporto, o Campo Júlio Lima.

Os sucessos do clube e o fim do período de estagnação económica da cidade motivam a construção de um estádio, adaptado à popularidade que a modalidade havia alcançado na cidade. Assim, durante o regime do Estado Novo, a Câmara Municipal decide construir o novo estádio, no lugar do Hipódromo Júlio Lima, e lançar a primeira pedra a pretexto da comemoração do 20º aniversário da revolução de 28 de Maio, donde a sua designação de Estádio 28 de Maio.

Apesar de ter seguido o modelo do Estádio Nacional, o Arquitecto Engenheiro Travassos Valdez, responsável pelo projecto, sensível à posição do novo estádio relativamente ao centro da cidade, entende privilegiar a relação visual entre estes dois pontos elevados e interromper a bancada no topo norte. Ainda assim, o novo estádio, construído em pedra e inaugurado em 28 de Maio de 1950 pelos responsáveis do regime e do município, tem capacidade para 40 000 espectadores. Adjacente a ele, o Campo Júlio Lima torna-se campo de treinos do novo Estádio, o qual passa a denominar-se, após a revolução de Abril de 1974, Estádio 1º de Maio .

Construído para as competições disputadas pelo Sporting Clube de Braga, é lugar de encontros da liga profissional de futebol, consolidando-se, consequência da dimensão e capacidade, como palco de diversos eventos culturais e recreativos.

Com a inauguração em 2003 do novo Estádio Municipal de Braga, concebido pelo arquitecto Eduardo Souto de Moura, no âmbito do Euro 2004, o Estádio 1º de Maio vê-se orfanado de futebol profissional. A condição de ex-estádio municipal dita uma nova dinâmica de utilização do espaço, menos intensa no que respeita ao desporto, mantém-se como equipamento de uso colectivo regular.

Actualmente, partilha com o novo estádio municipal a realização de concertos e outros eventos que implicam grandes assistências, mantém protocolo com diversas associações desportivas e recreativas e é lugar de utilização regular por cerca de 80 músicos, resultado da criação de um complexo de autogestão, o *estúdio 6.* Com efeito, desde 2004 , o espaço sob as bancadas do estádio foi adaptado a salas de ensaio, insonorizadas, utilizadas por diversas bandas portuguesas de musica electrónica, hip-hop, metal e rock. Tendo em conta o sucesso deste projecto , ambiciona-se aplicar esta estratégia ao restante espaço disponível para ensaio de grupos de teatro e de artes performativas.[20]

QUIOSQUE- TABACARIA

A sul da Capela de São João, junto à via que liga a Avenida da Liberdade ao portão sudeste, encontra-se um pequeno volume construído na mesma altura e que vendia consumíveis em dias de jogo. Encontra-se actualmente fechado, sem uso.



Posição relativa Da subestação da ponte e do Estádio 1º de Maio esquema

PISCINA MUNICIPAL. DÉCADA DE 50

A primeira piscina pública da cidade de braga é construída pouco depois da conclusão do então designado Estádio 28 de Maio, a poente deste e com entrada pela Avenida da Maratona.

Concebida de acordo com o projecto do Engenheiro Alberto Vale Rego Amorim inclui um tanque para adultos, com 35 metros de comprimento por 22 de largura, concretizado no alinhamento daquela avenida, e um tanque para as crianças, em forma circular, a sul do primeiro. Os tanques são escavados numa superfície aplanada e relvada, com algumas árvores estrategicamente mantidas a nascente para sombreamento. O pequeno volume, construído a sul dos mesmos e num plano superior, sugerido pela pendente do sistema Picoto-Gregória, encerra os balneários de apoio e facilita a vigilância.

A rotação deste volume face ao tanque principal e à Avenida da Maratona, denota a intenção de adaptar-se à topografia do terreno e minimizar o ensombramento. Simultaneamente, edificá-lo a sul do espaço de utilização directa da piscina significa não obstruir o lado norte, favorecendo a vista sobre o centro da cidade.

Componente do subsistema piscinas municipais, regista, actualmente, elevados níveis de afluência durante os meses de Verão.

VIDEOTECA MUNICIPAL. DÉCADA DE 50.

Desde o decreto de 1919 e cedência da propriedade da Mitra à Câmara Municipal, funciona, nas pequenas dependências existentes, associadas ao cultivo do terreno adjacente, o Horto Municipal constituído como parte na estratégia de auto-suficiência económica e de gestão das obras do Parque da Ponte.

No sentido de redinamizar o Parque que com o abrandamento do investimento da década de 40 havia significado tempos de menor afluência, a Câmara Municipal decide, em sessão do dia 21 de Novembro de 1949, construir uma Estufa Municipal, edifício complementar destas pequenas casas rurais. Este novo volume de planta rectangular, fachadas simétricas e minoritariamente envidraçadas, cobertura em estrutura de ferro e vidro, encontra-se junto ao portão sul, aberto no muro em granito que resta da antiga propriedade arquiepiscopal.

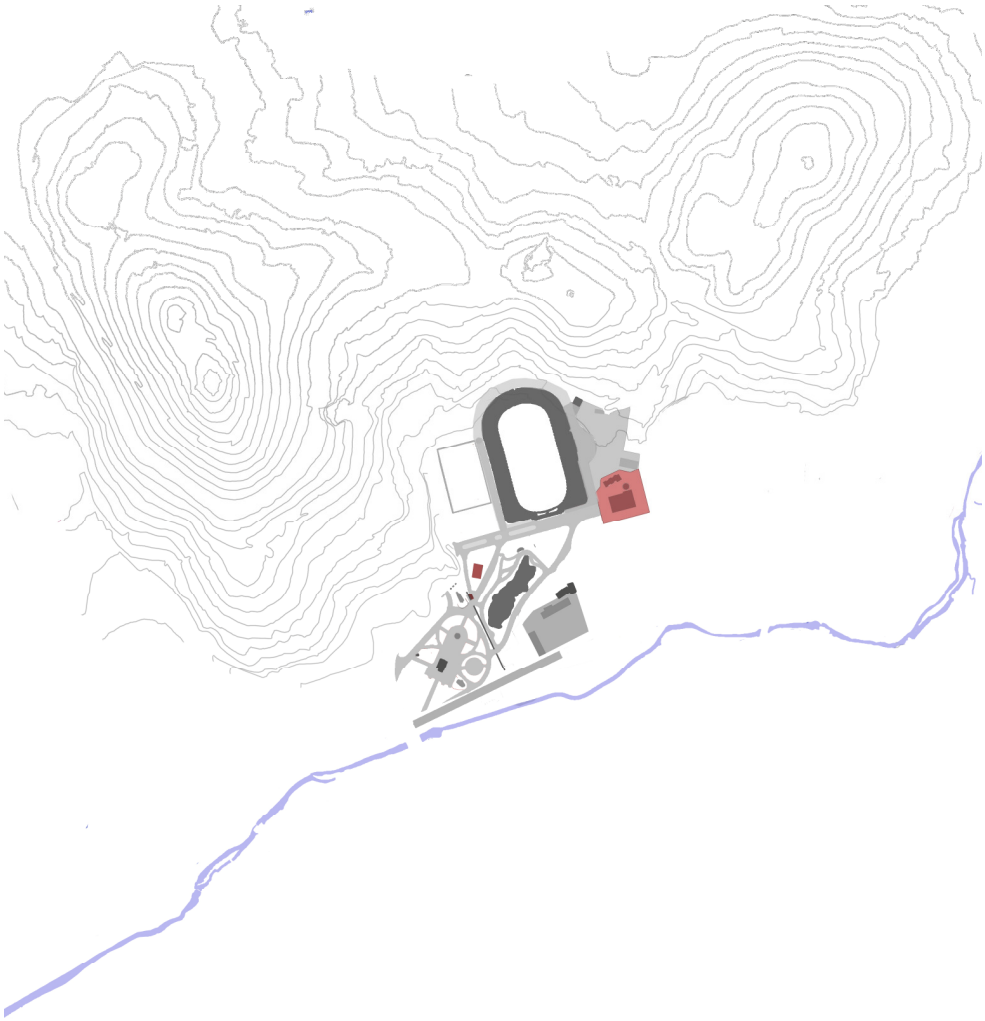
Nesta construção de meados do século XX, funciona, actualmente, a Videoteca Municipal, espaço internet, de visualização de filmes e de leitura de conteúdos especializados, este equipamento sociocultural gerido pela Câmara Municipal de Braga, com objectivos didácticos, pedagógicos e científicos, inclui Apoio às Escolas, de acordo como o programa traçado para apoio a professores e alunos e, ainda, uma exposição permanente sobre Internet e Novas Tecnologias. [21] Encontra-se aberta todo o ano, com 3 postos de trabalho fixos e uma média de ocupação diária de 30 pessoas.

SEDE SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS UNIDOS DO PARQUE DA PONTE. DÉCADA DE 50.

Em frente à Estufa Municipal, junto ao muro e ao *portão de baixo* é inaugurada a 16 de Julho de 1958, a Biblioteca Dr. Veiga de Macedo. Concluída durante o período construtivo de redinamização do Parque da Ponte, o projecto de *Feira Popular* dos anos 50, este pequeno edifício contém jornais e livros, complemento de um passeio descontraído no exterior ajardinado.

Segundo diversos artigos do Diário do Minho, o projecto não terá o êxito pretendido, a construção persiste, contudo, e é remodelada e inaugurada a 22 de Setembro de 1994 para constituir-se como sede social da Associação dos Unidos do Parque da Ponte.

Com a gestão do espaço a cargo desta associação, a sua utilização actual é restrita.



POSIÇÃO RELATIVA
DA PISCINA DA PONTE E DA
VIDEOTECA MUNICIPAL.
ESQUEMA

PAVILHÃO DR. FLÁVIO SÁ LEITE. DÉCADA DE 70.

Em finais da década de 70, consequência das vitorias conquistadas em diversas modalidades pelo Académico Basket Clube ,fundado em 29 de Dezembro de 1933, é construído entre a Avenida da Maratona e o campo de treinos do Sporting Clube de Braga, antigo Campo Júlio Lima, o Pavilhão Dr. Flávio Sá Leite.

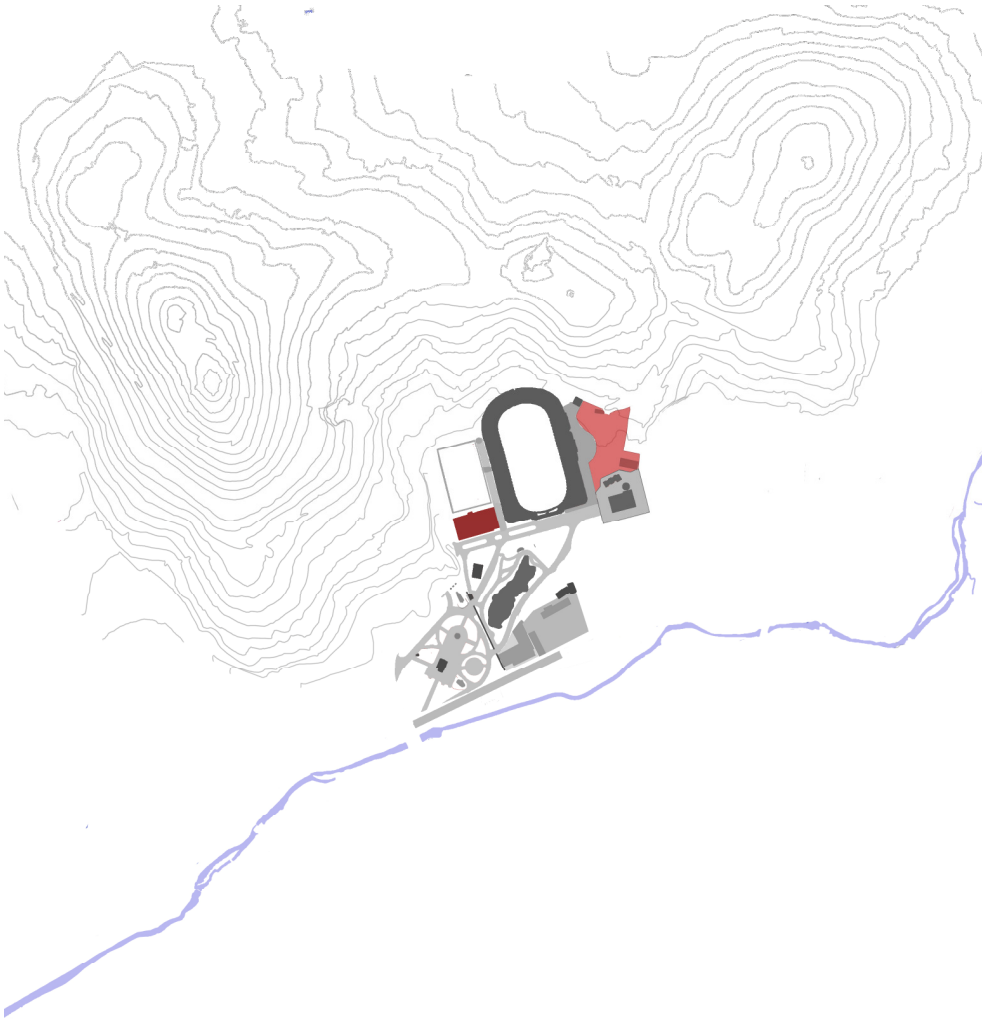
Com efeito, o ABC impôs-se pelos sucessos alcançados, a nível nacional, como entidade desportiva de valor reconhecido na cidade, que desde essa data soma ao futebol novos interesses desportivos. O estatuto alcançado, nomeadamente, pela equipa de hóquei em patins, primeiro, e de andebol, com a subida à primeira divisão, em finais de 1983, tornam, desde então, o clube e o pavilhão partes activas e determinantes na dinâmica e na cultura urbana.

Ainda que pontualmente remodelado pelo clube, este equipamento desportivo não responde às necessidades e às exigências contemporâneas de associados e jogadores. Lugar de momentos de glória para a cidade, com a conquista de inúmeros títulos nacionais em todos os escalões e a consolidação do clube bracarense como referência na formação de atletas de andebol em Portugal e na Europa [22] , este recinto continua, contudo, a ter utilização plena e considerável afluência regular.

PARQUE CAMPISMO DE BRAGA. DÉCADA DE 70.

A poente do Estádio 1º de Maio, com entrada pela estrada nacional, que liga a cidade a Guimarães, actual EN 101, é construído, no final da década de 70, o Parque de Campismo da cidade. Apesar da posição privilegiada, da proximidade ao centro urbano de Braga e de constituído na encosta do sistema Picoto-Gregória, não há registos de grande afluência a este espaço.

A construção do novo estádio municipal, e consequente decréscimo na actividade regular do Estádio 1º de Maio, a sua posição marginal no parque, sem influência directa nas suas dinâmicas, e as reduzidas taxas de ocupação média desmotivam a realização de obras de remodelação e conduzem ao actual estado de degradação e abandono. É, inclusivamente, alvo de ocupação descontrolada e apropriação indevida por parte de famílias de etnia cigana.



Posição relativa do
Pavilhão Dr. Flávio Sá Leite
E Parque de Campismo
esquema

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA. DÉCADA DE 80.

A decisão da Câmara Municipal de Braga de adquirir os terrenos necessários à construção de um espaço adequado à realização de certames, feiras e exposições e de abrir um concurso para o projecto, no ano de 1977, resulta do reconhecimento da necessidade de um recinto reservado às concentrações que, paulatinamente, se haviam tornado regulares nos terrenos do Parque da Ponte. Data de 1968, a primeira Exposição Agrícola e Industrial do Norte, decorrida nos terrenos anexos ao Estádio 1º de Maio, pelo S. João. Com as sucessivas reedições, as exigências crescentes e novos acontecimentos colectivos de impacto urbano e regional a terem lugar, a concretização de um edifício, de dimensões ajustadas às necessidades de espaço coberto e polivalente, capaz de acolher eventos culturais, sociais, recreativos e desportivos surge como resposta à necessidade urbana. A questão do lugar está esclarecida desde o momento da realização das primeiras reuniões: o Parque da Ponte, pela distância ao centro de Braga, pela disponibilidade de espaço livre, pela acessibilidade e situação da cidade em relação aos sistemas urbanos vizinhos e pelo sucesso dos eventos aí concretizados e renovados, é motivo e motor da empreitada e do progresso que, no final da década de 70, a cidade atrai e ambiciona.

Em 1981,é criada uma importante infra-estrutura técnica e humana, o Parque de Exposições de Braga como entidade participativa, tornando-se organizador-membro de duas organizações internacionais de feiras. A dimensão do projecto decorre precisamente do impacto desta *estrutura* e do papel único que detém na região. *"The dimensions of the Project, notably ambicious for a town so close to Oporto, is easier to understand considering that Braga is at the centre of one of thr most dynamic regions of the country."* [23]

Em Abril de 1987, no volume construído a nascente do estádio municipal, é inaugurada a *grande nave*, respectivos anexos , acessos e serviços administrativos, completando-se a primeira fase de construção do projecto da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne. O espaço livre coberto, de 54 x 114m , com bancadas retrácteis, constitui-se como recinto polivalente, adequado à utilização colectiva e pensado para ocupação rotativa dos diversos eventos. O Parque de Exposições de Braga fica concluído em 1990, com o fim da segunda fase de trabalhos, aquando da inauguração do *centro de congressos* e do *auditório* com capacidade para 1500 pessoas e respectivas salas de imprensa e de apoio, no topo norte do edifício.

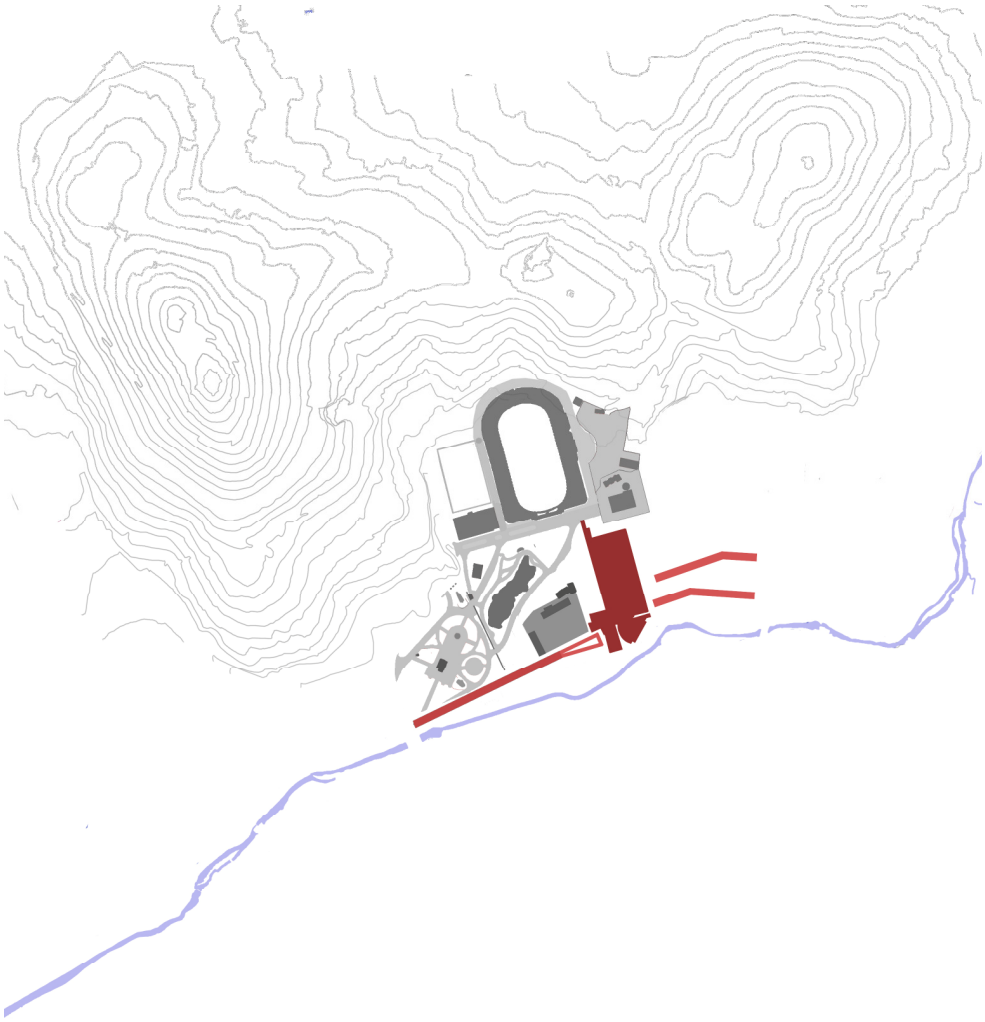
O diálogo entre estas duas lógicas de espaço, distintas em termos de dimensão, de uso, de escala, alia-se à intenção de criar um eixo nascente-poente, transversal ao volume, minimizador do efeito de barreira física que constitui no terreno, com os seus 13.050 m2 de área coberta. Da intenção de relação franca entre os espaços exteriores adjacentes, resulta a abertura de uma galeria, proporcional à imponência do edifício, coberta em ferro e vidro, reservada à entrada e distribuição do público.

Tendo em consideração a conquista de área pública a poente para o Parque da Ponte, e empenhado na ligação entre as diversas especificidades da envolvente e as diferenças de cota que a caracterizam34,o volume apresenta uma fachada aberta sobre o novo terreno adjacente.

Actualmente, trabalham diariamente, neste edifício, cerca de 30 pessoas.

Mantém-se como espaço de exposições e de feiras regulares, tendo-se, contudo, perdido no tempo o entusiasmo e a afluência de outrora, consequência mais da falha de adaptação aos novos ritmos urbanos, às novas necessidades dos cidadãos, do que da perda de validade do espaço propriamente dito ou da criação de outros equipamentos.

Concebido como espaço amplo e polivalente, o Parque de Exposições de Braga não tem acompanhado o desenvolvimento da cidade sobretudo desde finais do século XX, não tem potenciado as suas qualidades originais de equipamento público, não tem proposto modos de usufruir do espaço, novas opções de interesse para o homem contemporâneo.



Posição relativa do
Parque de Exposições
E Estruturas exteriores
de apoio à feira semanal
esquema

SERVIÇOS PRIVADOS. DÉCADA DE 90.

EDIFÍCIO-SEDE DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DO MINHO

A poente do Jardim de São João, a norte do lago artificial, ficou concluído no ano de 1992, o edifício-sede da Associação Industrial do Minho , projecto dos arquitectos Rafael e Artur Gaspar.

Com origem no Grémio das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas de Braga, esta associação empresarial, criada em 1975, conta cerca de 2000 empresas associadas, e presta um conjunto alargado de serviços, ao público.

Neste edifício de dois andares, trabalham, actualmente e a tempo inteiro, cerca de 50 pessoas, com uma afluência média diária de 30visitantes. Organizado em L, tem entrada principal pela Avenida Dr. Francisco Pires Gonçalves, define com o troço de muro vizinho, antiga delimitação nascente da Quinta da Mitra um pequeno pátio, adjacente ao espaço arborizado do Parque da Ponte, do qual está actualmente separado apenas por uma rede metálica. Deste modo, todas as disposições interiores, salas e escritórios, estão em contacto visual directo com a massa arbórea do parque.

IDITE-MINHO

Surgido da iniciativa conjunta da Universidade do Minho (UM), da Associação Industrial do Minho (AIMinho) e do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (INETI), o Instituto de Desenvolvimento e Inovação Tecnológica do Minho — IDITE-Minho é fundado em 1989.

Infra-estrutura tecnológica, interface entre aqueles centros científicos e empresas, o edifício-sede é construído em 1994, na margem sul do Rio Este, a norte do edifício da AIMInho, servido pela Avenida Dr. Francisco Pires Gonçalves.

Apesar da proximidade ao rio, a relação com este elemento biofísico é nula. Aliás, a definição do volume é nitidamente consequência da intenção de organizar-se a partir da entrada por essa via. O edifício-sede da IDITE-minho surge, assim, paralelo à Avenida Dr. Francisco Pires Gonçalves, cuja abertura implicou uma remodelação da topografia e a necessidade de aterro do novo volume para resolver a diferença de cotas entre a via e o rio.

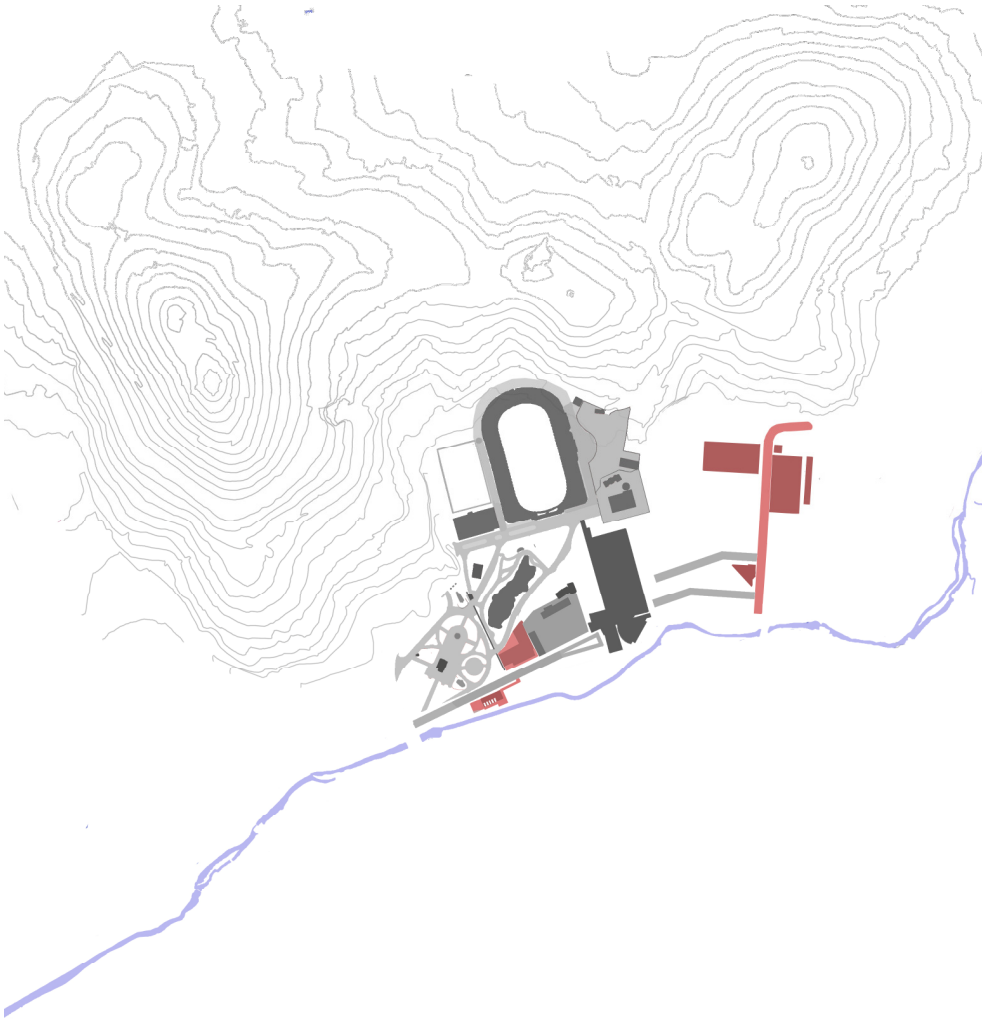
Neste edifício, trabalham diariamente cerca de 20 pessoas dedicadas a trabalho de escritório e à orientação de formandos.

DOIS RESTAURANTES.

Resultados de dois gestos distintos e concretizados a nascente e a poente do edifico do Parque de Exposições, funcionam actualmente o restaurante *La Castañuela*, com entrada pela Avenida Dr.Pires Gonçalves, e segunda planta ao nível do rio Este e o restaurante *O Expositor,* localizado entre as estruturas de apoio à feira semanal, de planta triangular desenvolve-se apenas no piso térreo.

CAMPOS DE JOGOS DA FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DE SÃO LÁZARO.

Acabaram de ser renovados no início de 2009 e constituídos em lugar de terrenos de jogos que o tempo confirmou necessários. Apoiados por um pequeno balneário e com entrada directa a partir da Rua Augusto Veloso são alvo de utilização regular por parte sobretudo dos jovens que, sobre estes espaços de relva sintética, despendem o seu tempo livre, praticando desporto.



Posição relativa
Dos Serviços e infraestruturas
esquema

6| DIAGNÓSTICO OPERATIVO

Ao identificar e caracterizar os componentes, através de uma análise interessada na compreensão da ordem dos acontecimentos urbanos que ditaram a sua construção e persistência neste espaço verde de uso público, reconhecemos a especificidade do Parque da Ponte e confirmámos a complexidade própria deste parque urbano.

Mesmo contendo respostas ainda válidas, veio perdendo paulatinamente a coerência como espaço verde uno, pontuado de equipamentos públicos; como parque da cidade de Braga, causa e efeito dos cidadãos o não entenderem nem usarem como tal.

Pretendendo recuperá-lo como parque urbano, impõe-se o diagnóstico do actual Parque da Ponte que permita identificar as suas falhas internas e as suas fragilidades na relação com o sistema urbano que ditam a necessidade de intervenção e que esta se propõe resolver.

Lugar da sedimentação de funções diversas segregadas pelo sistema urbano que o determina, o Parque da Ponte não é, actualmente, mais do que a soma das valências que encerra. Mais contentor do que ordenador, este lugar, de posição privilegiada na cidade, surge como momento urbano desconexo, incapaz de potenciar a sua complexidade e de gerar um diálogo coerente entre os seus componentes.



Esta constatação advém da compreensão da perda de valor simbólico e funcional do Parque da Ponte na memória e no quotidiano dos bracarenses, perceptível na utilização cada vez menos frequente deste espaço e dos seus equipamentos públicos. No sentido de fundamentar estas afirmações constitui-se um conjunto de desenhos interessados em esclarecer, baseado em parâmetros concretos considerados determinantes na disfunção do actual Parque da Ponte, a desordem interna que resulta na sua progressiva perda de sentido no sistema urbano. Demonstram-se seguidamente as características-problema da configuração e ordem actual do Parque da Ponte no que respeita:

a frequência e intensidade da utilização dos espaços exteriores e interiores — UTILIZAÇÃO;
a propriedade das parcelas que o definem — CADASTRO;
os fluxos pedonais e rodoviários — MOBILIDADE;
a gestão dos elementos geofísicos pré-existentes — BIOFÍSICO;
os programas dos diferentes espaços e construções — FUNÇÕES.

Analisando separadamente as questões que concorrem para a incoerência e ineficácia do actual Parque da Ponte [f.01] começam a demarcar-se os pontos fulcrais a resolver no sentido de contrariar a tendência de descuido e descrença no potencial deste microssistema urbano. É na resolução de cada uma destas *ordens de problemas* com o mesmo propósito que assenta a estratégia de devolução de um parque urbano uno e coeso à cidade de Braga.



Fotografia aérea do Estado ctual do Parque da Ponte
Fonte: Google Earth

UTILIZAÇÃO

AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES E EQUIPAMENTOS A QUE DÁ ACESSO
LOCAIS DE TRABALHO E DE VISITAS DIÁRIAS

INFRAESTRUTURAS DE APOIO À FEIRA
UTILIZADAS SOMENTE ÀS TERÇAS-FEIRAS

PISCINA
ABERTA SOMENTE NOS MESES DE VERÃO

ESTÁDIO 1º DE MAIO E PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA
DIARIAMENTE NÚMERO REDUZIDO DE POSTOS DE TRABALHO
OCASIONALMENTE LOCAIS DE EVENTOS REFERENCIÁVEIS E DE GRANDES AFLUÊNCIAS DE PÚBLICO

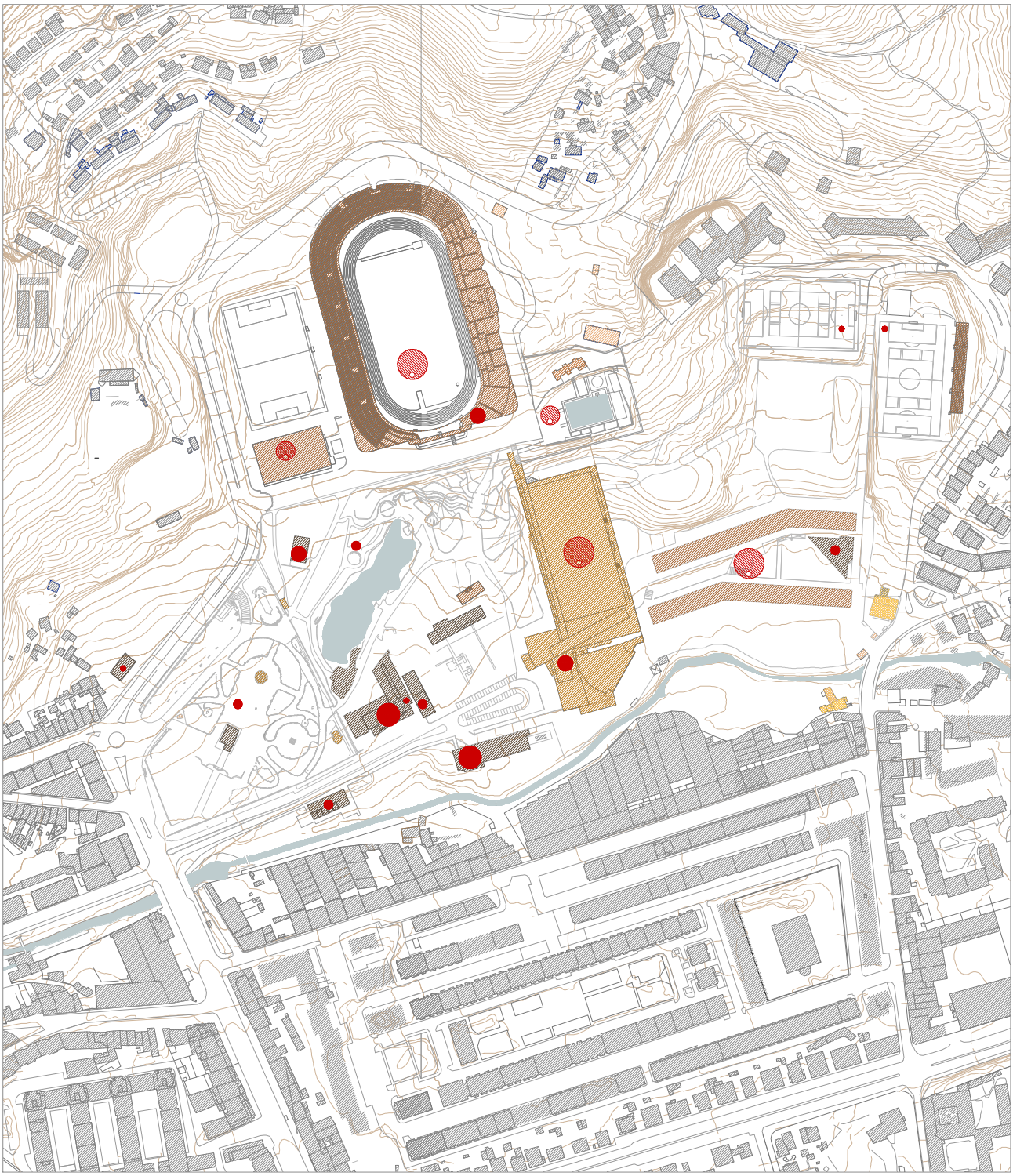
PAVILHÃO DR. FLÁVIO SÁ LEITE
LOTAÇÃO MÁXIMA EM DIAS DE JOGO DO ABC

CAMPOS DE JOGOS
UTILIZAÇAO LIVRE PELOS RESIDENTES

ATRAVESSAMENTOS PEDONAIS REGULARES A POENTE
EIXO NASCENTE— POENTE
EIXO NORTE — SUL

Com uma utilização efectiva reduzida à zona nascente compreende-se por um lado, como mais de metade da área de acesso público, *a priori* área de parque, não é utilizada, por outro, como a área utilizada é feita da soma de componentes que constituem respostas a desígnios específicos na cidade. Individualmente e justapostas no espaço estas actividades específicas são polarizadoras e alvos da deslocação dos cidadãos e constituem praticamente o único centro atractivo e activo do parque.

UTILIZAÇÃO ACTUAL PARQUE
DIAGRAMA



FREQUÊNCIA DE VISITAS

DIÁRIA
SEMANAL

ESTIVAL
OCASIONAL

NULA
ABANDONADO

NÚMERO DE VISITAS DIÁRIAS

<15 15 30 45 60 VARIÁVEL

0 10 50 100m

CADASTRO

PISCINA MUNICIPAL
FECHADA DURANTE TODO O ANO, EXCEPTO NOS MESES DE VERÃO
LIMITE OESTE DA AVENIDA DA MARATONA.
_IMPOSSIBILITA A PASSAGEM DA ENVOLVENTE DO ESTÁDIO PARA NOROESTE

PARQUE DE EXPOSIÇÕES
ACESSO CONTROLADO
LIMITE OESTE DA AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES.
_OBRIGA AO CONTORNO PARA DESLOCAÇÃO ATÉ À ZONA POENTE DO PARQUE.

FRANJA PRIVADA
VEDAÇÃO PARALELA AO CURSO DO RIO
_IMPOSSIBILITA O CONTACTO VISUAL E O ACESSO

Do modo como se constituiu, por acumulação de intenções diversas e sucessivas, a falta de unidade que caracteriza o actual Parque da Ponte resulta também da descontinuidade que as diferentes propriedades e permissões de acesso implicam. Com efeito, ainda que no parque os espaços exteriores sejam praticamente todos de uso publico, a organização espacial dos seus edifícios, quase sempre detentores de um perímetro próprio de acesso restrito, resulta em justaposição de parcelas.

CADASTRO | ESTADO ACTUAL
PLANTA



USO RESTRITO

PROPRIEDADE PÚBLICA
PROPRIEDADE PRIVADA
PROPRIEDADE PÚBLICA DE CONCESSÃO PRIVADA

USO PÚBLICO

PROPRIEDADE PÚBLICA DE GESTÃO PÚBLICA
PROPRIEDADE PRIVADA DE GESTÃO PÚBLICA

0 10 50 100m

MOBILIDADE

CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL

AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES
VIA ASFALTADA COM LUGARES DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO
LIMITE NORTE DO JARDIM DE SÃO JOÃO
_IMPEDE A RELAÇÃO COM O RIO ESTE

VIA DE ACESSO AO PORTÃO SUL DO JARDIM DO LAGO
CAMINHO ASFALTADO DE CIRCULAÇÃO E ESTACIONAMENTO PÚBLICO
_SECCIONA E DESQUALIFICA A PORÇÃO DE TERRENO ENTRE ESTA E A ESTRADA NACIONAL 101

ENVOLVENTE DAS INFRA-ESTRUTURAS DE APOIO À FEIRA SEMANAL
PLATAFORMAS NIVELADAS E ASFALTADAS DE CIRCULAÇÃO E ESTACIONAMENTO PÚBLICO
_SUPERFÍCIE IMPERMEÁVEL

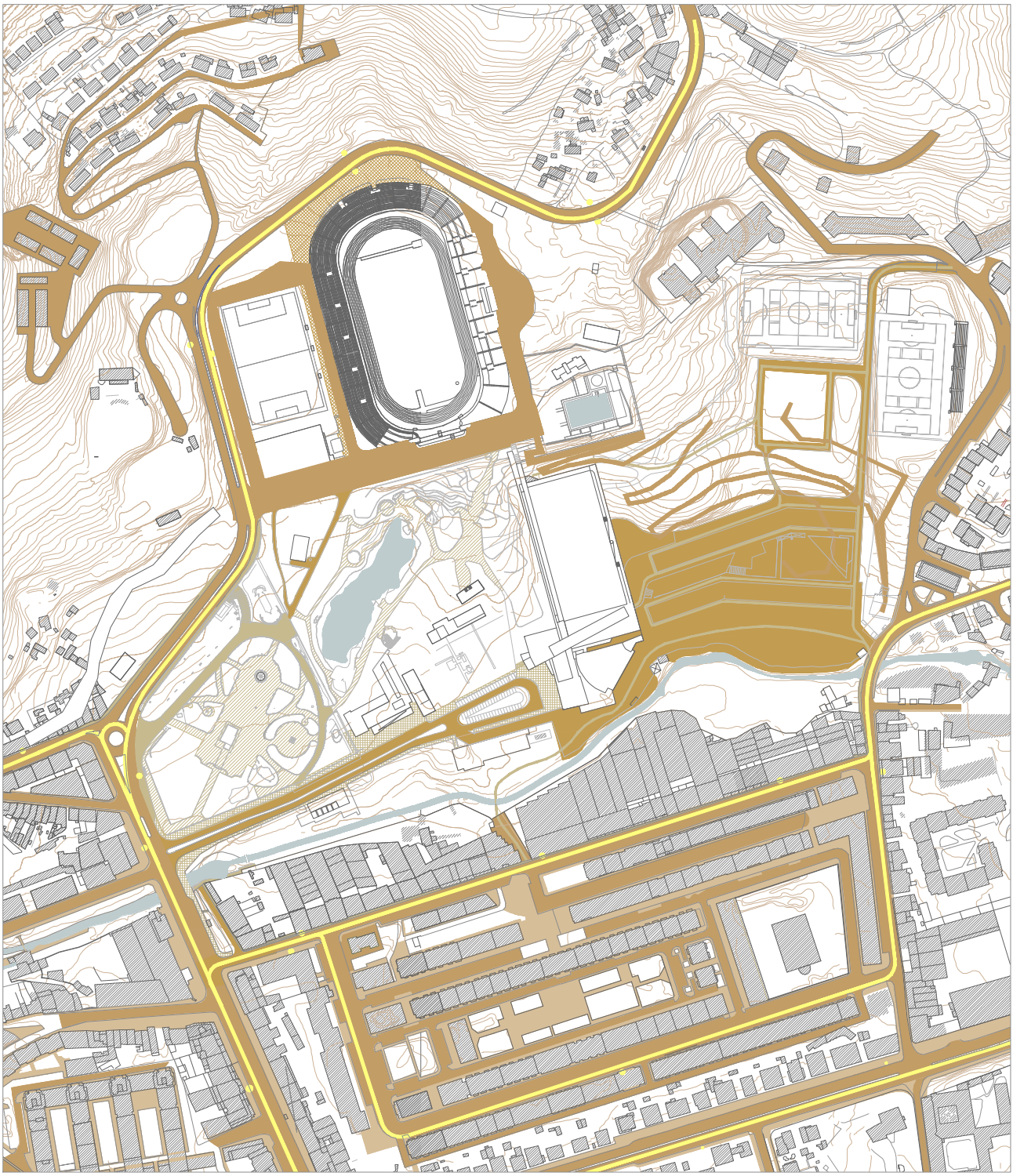
VIA PARALELA À RUA AUGUSTO VELOSO
ASFALTADA E RESPECTIVO MURO DE CONTENÇÃO
_SEPARA OS DOIS CAMPOS DE FUTEBOL A QUE DÁ ACESSO

FLUXOS PEDONAIS

PERCURSOS DESENHADOS NOS JARDINS DE SÃO JOÃO E DO LAGO
ACESSO AVENIDADA LIBERDADE—AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES
ACESSO AVENIDA DA LIBERDADE—LARGO DE DEZEMBRO— RIO ESTE
ATRAVESSAMENTO RUA CONSELHEIRO LOBATO— RIO ESTE— RUA AUGUSTO VELOSO

Da análise das circulações constantes no actual Parque da Ponte concluímos a sobreposição da lógica automóvel sobre a dos movimentos pedonais, resultado do desequilíbrio de programas polarizadores, e como, ao invés de ligar as partes, as circulações rodoviárias contribuem recortar o parque.

MOBILIDADE | ESTADO ACTUAL
PLANTA



ACESSOS PEDONAIS

TRILHO
PERMEÁVEL NÃO PAVIMENTADO
PERMEÁVEL PAVIMENTADO
IMPERMEÁVEL

ACESSOS RODOVIÁRIOS

REDE DE TRANSPORTES PÚBLICOS [TUB]
PERMEÁVEL PAVIMENTADO
ASFALTADO

PARAGEM TUB

0 10 50 100m

BIOFÍSICO

RELEVO
CORTE ABRUPTO [5-8M] ENTRE A AV. DR. PIRES GONÇALVES E O RIO ESTE
CORTE ABRUPTO MATERIALIZADO NOS MUROS DE CONTENÇÃO DOS CAMPOS DE FUTEBOL
CORTE ABRUPTO [7-10M] ENTRE A PISCINA MUNICIPAL E O TERRENO A NOROESTE

ÁGUA
CURSO DO RIO ESTE PRÉ-DETERMINADO NUMA ESPÉCIE DE "VALETA EM BETÃO "

FLORA

MARGENS DO RIO ESTE ENTRE A PONTE DE SÃO JOÃO E O PARQUE DE EXPOSIÇÕES
PÚBLICO
COBERTURA HERBÁCEA ESPONTÂNEA NAS ÁREAS NÃO IMPERMEABILIZADAS
REDUZIDA DENSIDADE ARBÓREA
PRINCIPAIS ESPÉCIES EXISTENTES: SALGUEIRO-CHORÃO. CHOUPOS. FREIXOS

MARGENS DO RIO ESTE ENTRE O PARQUE DE EXPOSIÇÕES E A PONTE DOS PELAMES
INACESSÍVEL
DENSIDADE ARBÓREA MÉDIA
PRINCIPAIS ESPÉCIES EXISTENTES: FREIXOS. CEDROS.SALGUEIROS.

FRANJA ADJACENTE À RUA AUGUSTO VELOSO
INACESSÍVEL
COBERTURA HERBÁCEA ESPONTÂNEA
REDUZIDA DENSIDADE ARBÓREA

REMINISCÊNCIAS DE SUPERFÍCIE NÃO IMPERMEABILIZADA
PÚBLICO
ESQUARTEJADA PELAS VIAS ASFALTADAS E CAMINHOS

LIMITE SUDOESTE DO PARQUE
PÚBLICO
ELEVADA DENSIDADE ARBÓREA
PRINCIPAIS ESPÉCIES EXISTENTES: PINHEIROS. CEDROS.

JARDIM DE SÃO JOÃO
PÚBLICO
COBERTURA HERBÁCEA RAREFEITA E DESCUIDADA
ELEVADA DENSIDADE ARBÓREA.
PRINCIPAL ESPÉCIE EXISTENTE: PLÁTANO BASTARDO.

JARDIM DO LAGO
PÚBLICO
RECENTEMENTE REDESENHADO
DENSIDADE ARBÓREA MÉDIA.
PRINCIPAIS ESPÉCIES EXISTENTES: PLÁTANOS. PINHEIROS. CEDROS.

Actualmente, *o espaço verde* do parque é o negativo dos espaços livres de construção e de vias de circulação impermeáveis e portanto não mais do que vegetação resistente às necessidades urbanas materializadas e acumuladas nesta área.

Exceptuam-se os jardins de São João e do Lago que por apresentarem desenhos de unidade, com uma ordem subjacente, subsistiram no parque.



NÍVEL DE INTERVENÇÃO HUMANA

NULA _ COBERTURA VEGETAL ESPONTÂNEA
PONDERADA_ TERRENO AGRÍCOLA
TOTAL_ ESPÉCIES VEGETAIS MANTIDAS OU INTRODUZIDAS_ TRATAMENTO URBANÍSTICO

0 10 50 100m

FUNÇÕES

CONCENTRAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS EM TORNO DA AV. DR. PIRES GONÇALVES
ÁREA DE AFLUÊNCIA DIÁRIA DE PÚBLICOS ESPECÍFICOS
MONOFUNCIONAL ESTA ZONA ESTABELECE PERÍODOS DE USO DESEQUILIBRADO ENTRE O DIA E A NOITE

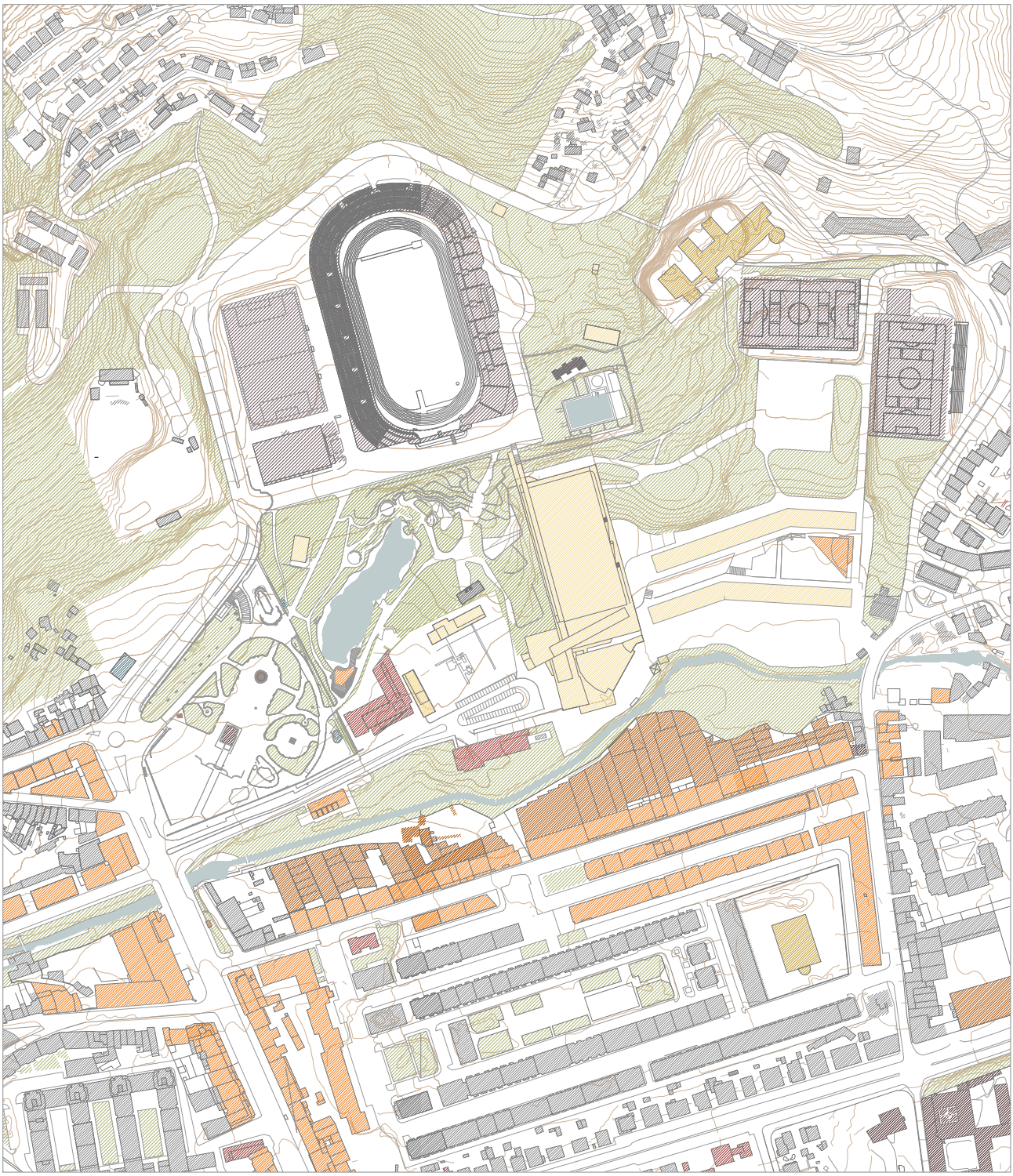
CONCENTRAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS POLARIZADO PELO ESTÁDIO 1º DE MAIO
CENTRALIDADE DO ESTÁDIO 1º DE MAIO COMO RECINTO AMPLO ADAPTADO À REALIZAÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS E DESPORTIVOS PARA MASSAS
MONOFUNCIONAL ESTA ZONA ESTABELECE PERÍODOS DE USO DESEQUILIBRADO ENTRE O DIA E A NOITE

DOIS CAMPOS DE FUTEBOL
ÁREA DESTINADA A JOVENS DAS FREGUESIAS LIMÍTROFES DO PARQUE

CENTRO DE ESTRUTURAS DEDICADAS A EXPOSIÇÕES
ÁREA DE AFLUÊNCIA NULA EXCEPÇÃO FEITAS ÀS TERÇAS-FEIRAS, DIA DE FEIRA AO AR LIVRE, E AOS RAROS VENTOS CULTURAIS ORGANIZADOS NO EDIFÍCIO DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES

Da observação dos usos constituídos no Parque da Ponte denota-se um desequilíbrio na distribuição de programas válidos actualmente que distingue duas zonas no parque. Esta segregação actual significa praticamente o abandono da zona a poente do edifício do Parque de Exposições e a sua desvinculação e não apreensão por parte dos cidadãos como área do parque.

FUNÇÕES | ESTADO ACTUAL
PLANTA



USOS

HABITAÇÃO
DESPORTO
RELIGIÃO

CULTURA
INDÚSTRIA
ESCOLAS

SERVIÇOS PRIVADOS
COMÉRCIO| RESTAURAÇÃO
EQUIPAMENTOS | SERVIÇOS PÚBLICOS

0 10 50 100m

7| O TODO PELA(S) PARTE(S)

Analisado o estado actual do Parque da Ponte importa compreender as diversas ordens de problemas intrínsecas a este (micro)sistema, quer no modo como os seus componentes interagem entre si, quer nas relações que estabelece com o sistema urbano que o envolve. Da extensão e da diversidade de questões que este momento urbano coloca, reconhecem-se subunidades resultantes da coexistência de determinados componentes, internos e do contexto urbano, que implicam um subconjunto de relações que se autonomizam no parque.

Desselar subsistemas permite apontar as potencialidades e falhas à escala particular; permite acumular os dados que o todo precisa considerar, como estrutura reguladora de todas as entradas, para seleccionar aquelas que serão indubitavelmente respondidas e as que serão moderadas tendo em vista uma unidade coerente.

Os esquemas e o levantamento fotográfico que em seguida se apresentam sintetizam o estado actual e, ao problematizar-se cada susbsistema, recolhem as ordenadas que motivarão e construirão a proposta de requalificação do parque.

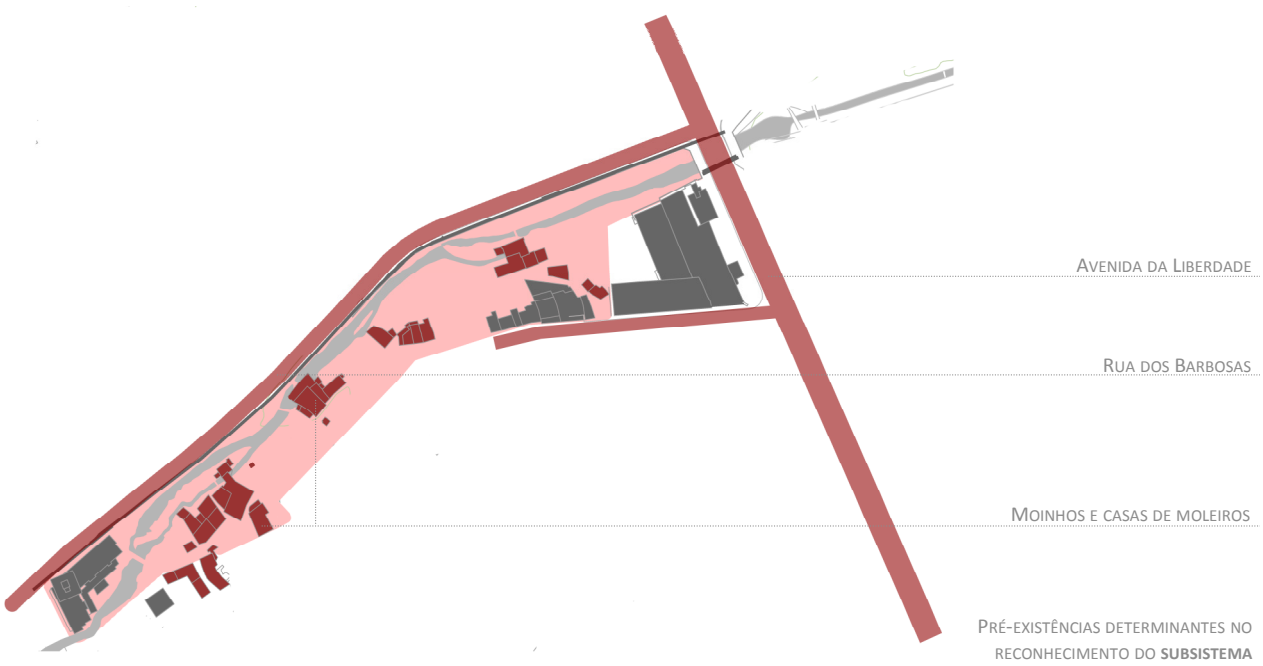
Legenda:

.1 subsistema " Os Galos"
.2 subsistema " Ponte de São João — Pavilhão de Exposições de Braga"
.3 subsistema " Pavilhão de Exposições de Braga — Ponte dos Peames"
.4 subsistema " Centro Poente"
.5 subsistema " Campo de Jogos"
.6 subsistema " Envolvente Estádio 1º de Maio"
.7 subsistema " Jardins "
.8 subsistema " Avenida Dr. Pires Gonçalves"
.9 subsistema " Largo da Devesa"

Identificação dos subsitemas que compõem o Parque da Ponte.
Esquema .


6
5
4
9
7
3
8
2
1

7.1| SUBSISTEMA "OS GALOS"



A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark



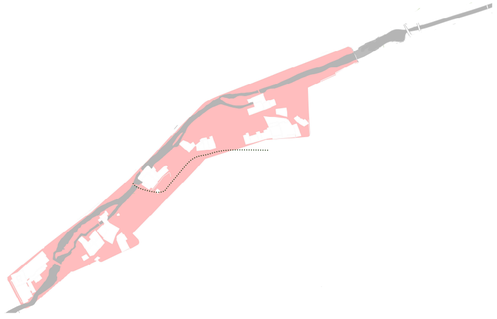

F.01 | F.02




F.03 | F.04

Especificidades| Potencialidades

- importante percentagem de cobertura vegetal [F.05 | F.02 | F.13]
- rearranjo recente das marginais do Rio Este junto à Ponte de São João [F.02 | F.10]
- atravessamentos pedonais [F.01 | F.08]





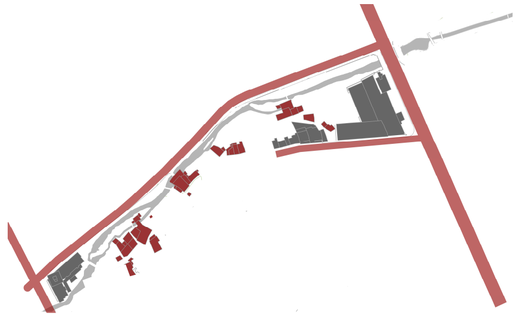

F.05 | F.06




F.07 | F.08

Problemas | Oportunidades

- Área isolada, consequência da impossibilidade de atravessamento sob a Ponte de São João [F.07 | F.10]
- duas escalas, duas tipologias construtivas [F.01 | F.03 | F.12]



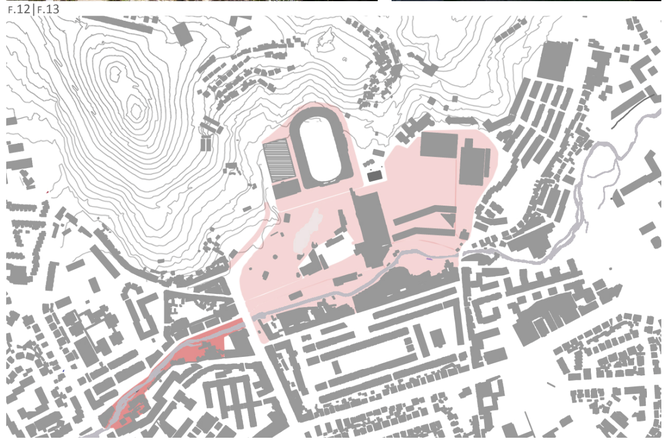




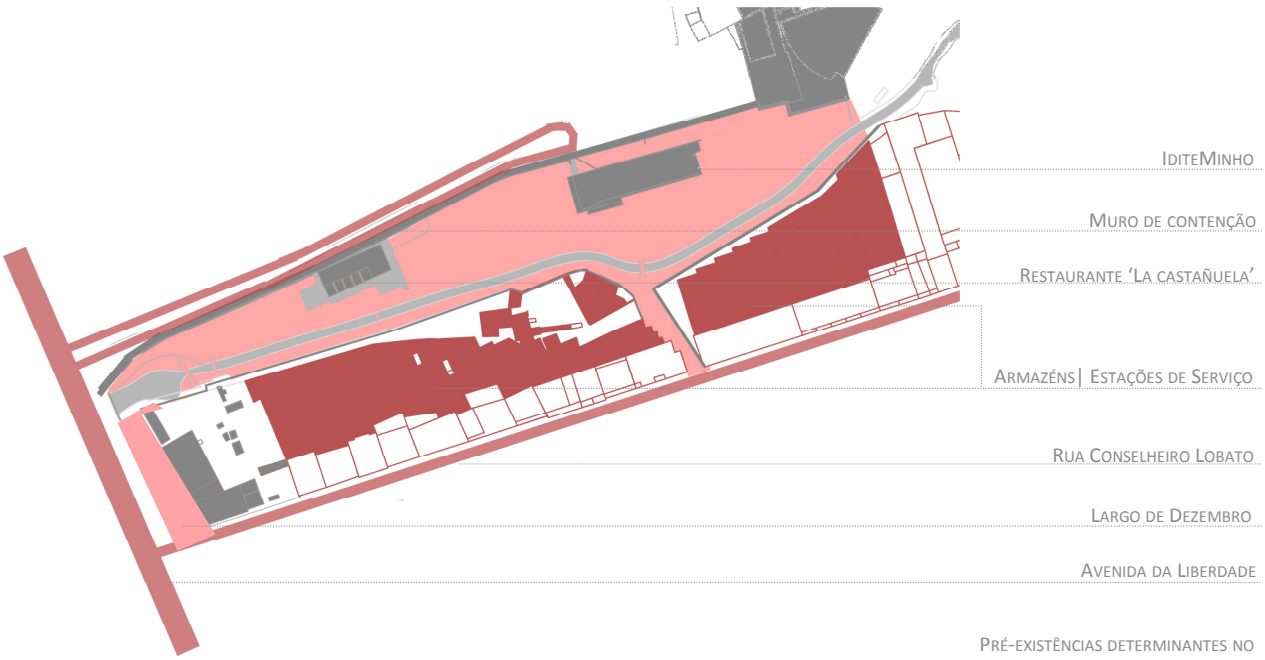
F.09 | F.10 | F.11




F.12 | F.13



7.2| SUBSISTEMA " PONTE DE SÃO JOÃO — PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA"



PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**




F.14|F.15

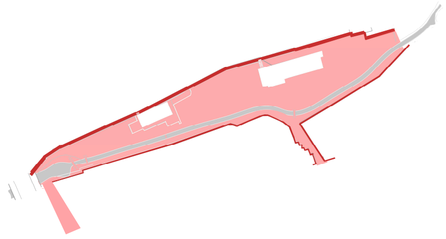




F.16|F.17|F.18

ESPECIFICIDADES| POTENCIALIDADES

- LIGAÇÃO À AVENIDA DA LIBERDADE ATRAVÉS DO LARGO DE DEZEMBRO [F.14|F.15|F.16]
- PERSISTÊNCIA DE ESPÉCIES ARBÓREAS E ARBUSTIVAS [F.25]
- FRESTA DE LIGAÇÃO PEDONAL À RUA CONSELHEIRO LOBATO [F.18|F.24]







F.19|F.20|F.21




F.22|F.23

PROBLEMAS | OPORTUNIDADES

- TRASEIRAS DOS ARMAZÉNS E ESTAÇÕES DE SERVIÇO [F.25|F.27]
- MURO DE SUPORTE DA AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES [F.19|F.20]
- DESEQUILÍBRIO DA ÁREA ENTRE AS MARGENS, QUE INVIABILIZA UMA DINÂMICA NATURAL DE ATRAVESSAMENTOS[F.18|F.27]

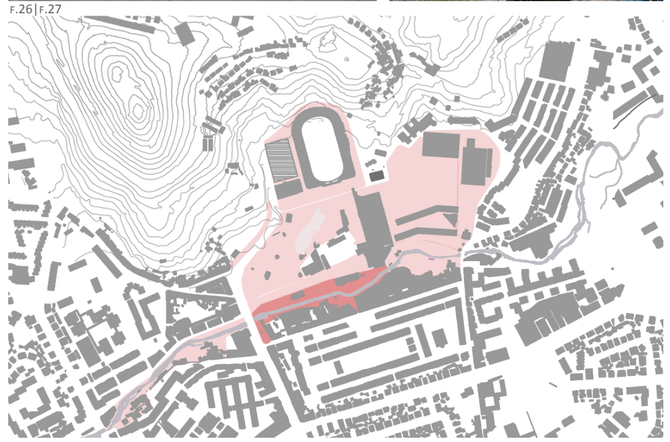




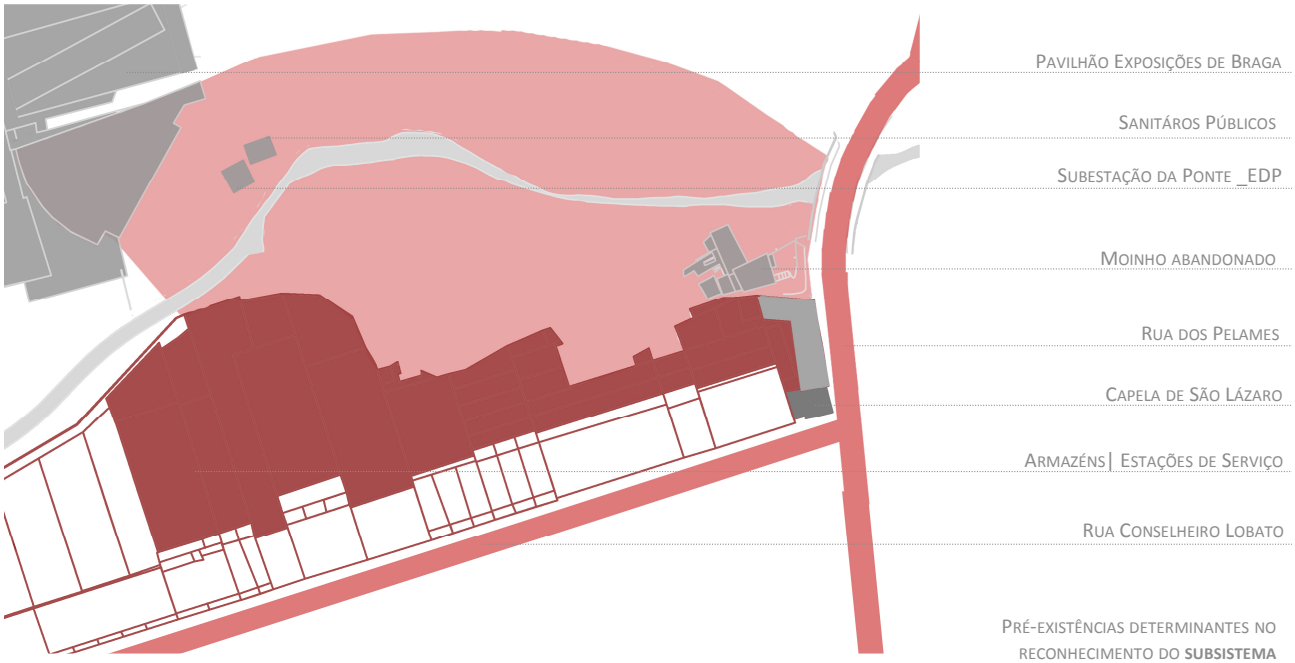

F.24|F.25



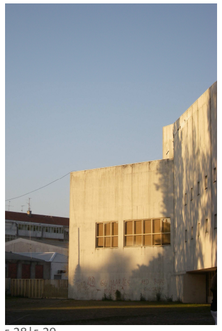

F.26|F.27



7.3| SUBSISTEMA " PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA — PONTE DOS PELAMES"



Pré-existências determinantes no reconhecimento do **SUBSISTEMA**




F.28|F.29

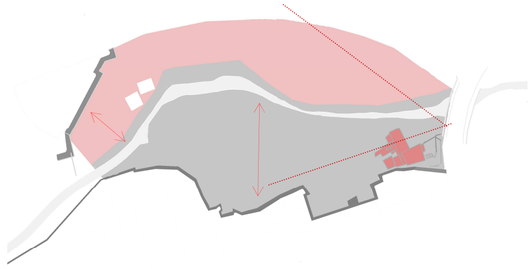




F.30|F.31|F.32

Especificidades| Potencialidades

- alargamento das margens do Rio Este, mesmo que actualmente descaracterizadas [F.30|F.36]
- existência de um moinho e casa sobre o rio junto à Ponte dos Pelames, apesar de abandonado, é reminiscência da relação com o rio, e remete para " os Galos" [F.36|F.37|F.38]
- contacto visual directo desde a Rua-ponte , a cota mais elevada [F.36|F.39]
- persistência de vegetação, ainda que inacessível e descontrolada [F.31|F.35|F.36]







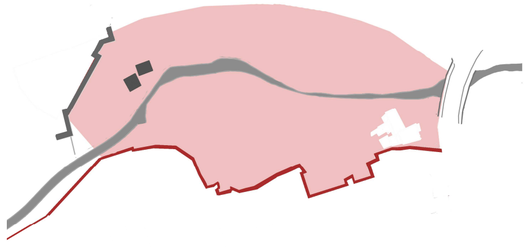
F.33|F.34|F.35




F.36|F.37

Problemas | Oportunidades

- relação com o rio anulada em virtude da existência de painéis..que impedem avançar ou contacto visual com o plano de agua próxima [F.30|F.31]
- plano descaracterizado — o das traseiras dos armazéns
- problemas acústicos resultantes da falha de protecção entre o tráfego rodoviário e a envolvente do rio Este proximidade à ponte dos Pelames
- dois volumes despropositados na localização-função: o dos sanitários públicos e da EDP [F.29|F.31]

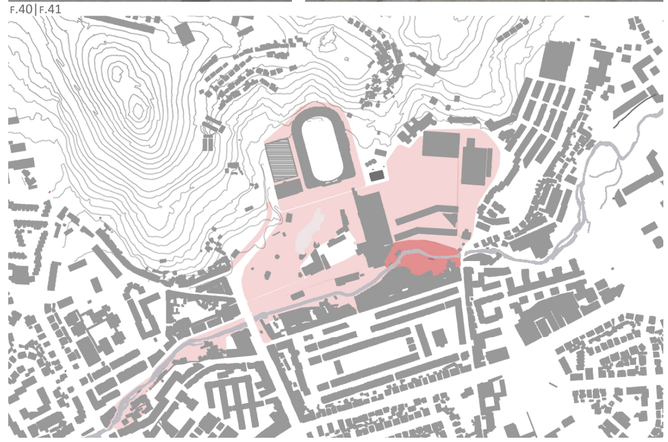




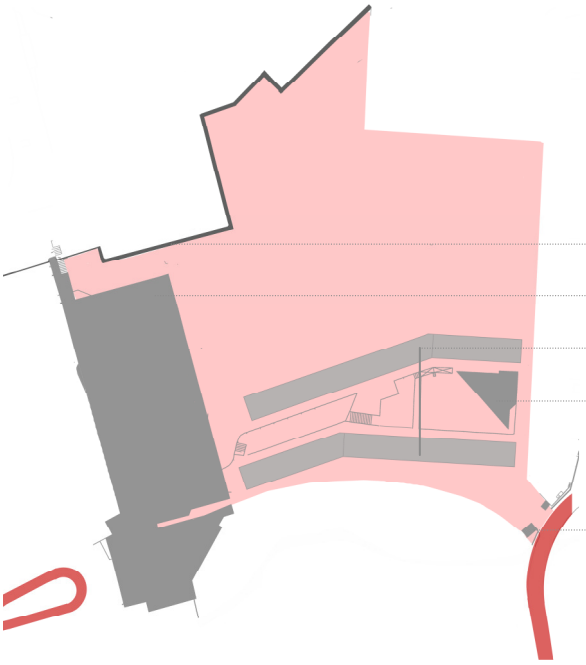

F.38|F.39




F.40|F.41



7.4| SUBSISTEMA " CENTRO POENTE"



MUROS DE SUPORTE

PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA [PEB]

ESTRUTURAS DE APOIO À FEIRA SEMANAL

RESTAURANTE 'O EXPOSITOR'

PEQUENAS CONSTRUÇÕES

PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**



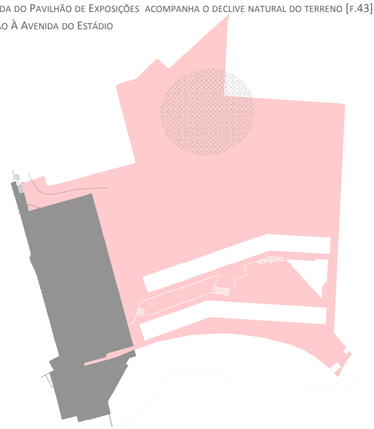




F.42|F.43|F.44

ESPECIFICIDADES| POTENCIALIDADES

- LIGAÇÃO À ZONA NASCENTE DO PARQUE ATRAVÉS DA GALERIA DO PEB [F. 42]
- ENTRADA A POENTE DESDE A PONTE DOS PELAMES [F.45]
- PERSISTÊNCIA DE ARBORIZAÇÃO, A SUL, REMINISCÊNCIAS DO SISTEMA PICOTO-GREGÓRIA , NEGLIGENCIADAS
- FACHADA DO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES ACOMPANHA O DECLIVE NATURAL DO TERRENO [F.43]
- LIGAÇÃO À AVENIDA DO ESTÁDIO



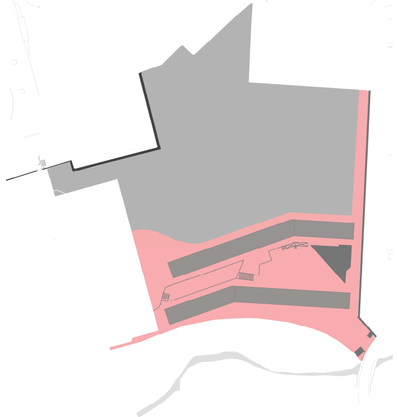




F.45|F.46

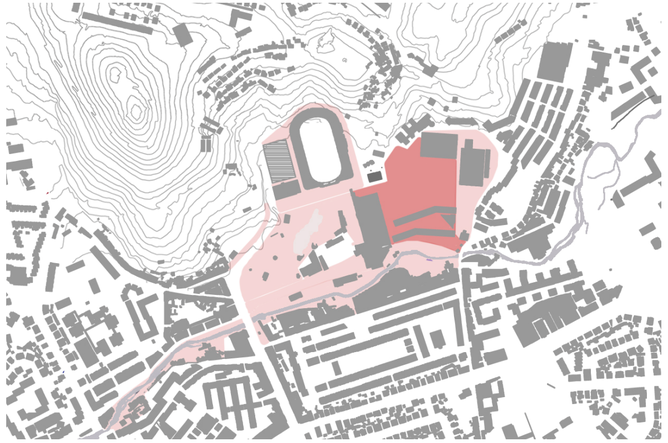
PROBLEMAS | OPORTUNIDADES

- DOIS EDIFÍCIOS PRATICAMENTE DESACTIVADOS QUE CONFORMAM A ENTRADA POENTE NO PARQUE [F.45]
- PLATAFORMAS IMPERMEÁVEIS, NIVELADAS QUE SECCIONAM O TERRENO E DESCARACTERIZAM O LUGAR [F.45|F.47]
- ESTRUTURAS COBERTAS E RESTAURANTE CONSTRUÍDAS SEM CONSIDERAR O POTENCIAL DO LUGAR [F.44]

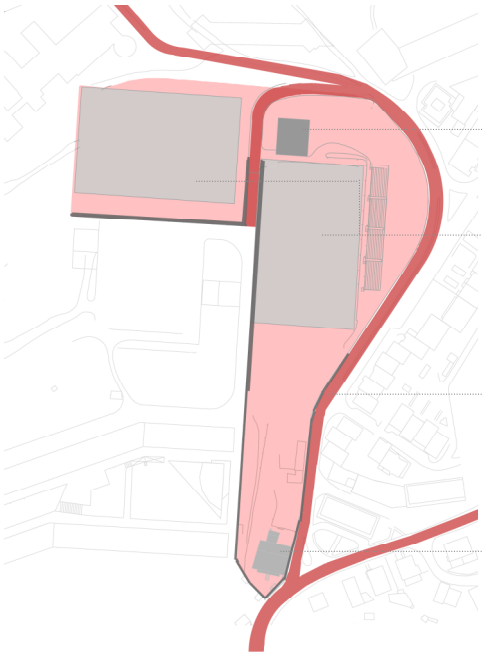




F.47



7.5| SUBSISTEMA " CAMPO DE JOGOS"



BALNEÁRIO

CAMPOS DE FUTEBOL DE SÃO LÁZARO

RUA AUGUSTO VELOSO

CASA ABANONADA DA ANTIGA QUINTA DA MITRA

PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**

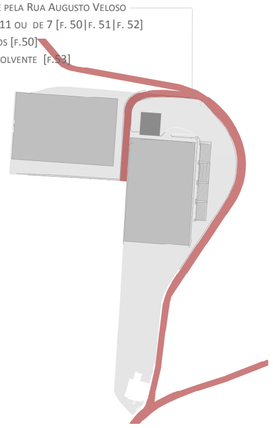




F.48|F.49

Especificidades| Potencialidades

- limite poente do Parque [F. 50]
- entradas no Parque a Norte pela Rua Augusto Veloso
- dois campos para futebol de 11 ou de 7 [F. 50|F. 51|F. 52]
- pequeno volume de balneários [F.50]
- vista privilegiada sobre a envolvente [F.53]



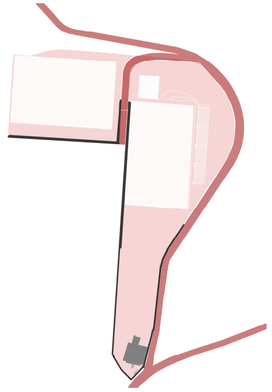




F.50|F.51

Problemas | Oportunidades

- casa abandonada [R/C+1] [F. 49]
- Área abandonada, delimitada pela Rua Augusto Veloso de pendente acentuada [F. 48]
- muros de suporte em betão armado com impacto negativo na interacção com a envolvente próxima [F. 48|F. 51]



F.48|F.49
F.50|F.51|F.52
F.53|F.54

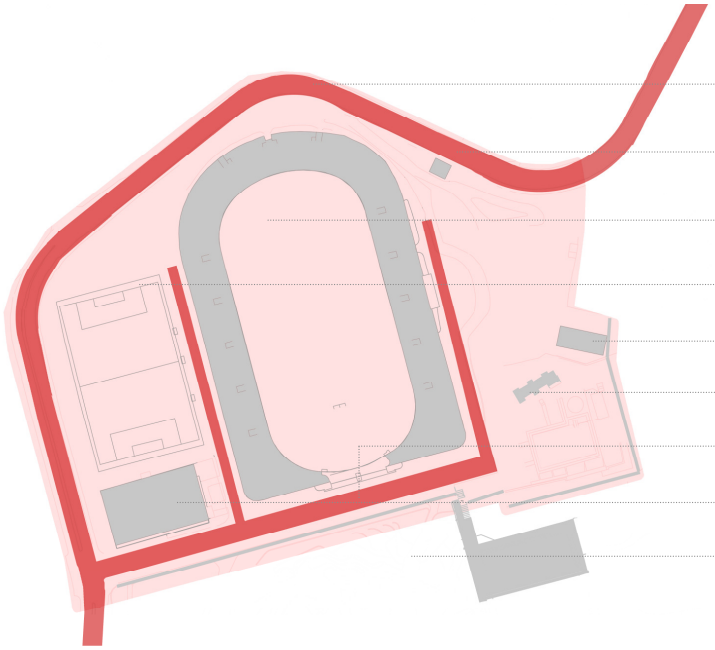




F.52|F.53



7.6| SUBSISTEMA " ENVOLVENTE ESTÁDIO 1º DE MAIO"



LIGAÇÃO A GUIMARÃES EN101

PORTA SUL

ESTÁDIO 1º DE MAIO

CAMPO DE TREINOS

PARQUE CAMPISMO

BALNEÁRIO PISCINA MUNICIPAL

AVENIDA DO ESTÁDIO

PAVILHÃO DR. FLÁVIO LEITE

JARDIM DE SAO JOAO

PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**



F.54

ESPECIFICIDADES| POTENCIALIDADES

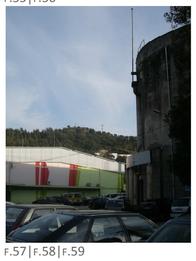
- ACESSO AO ESTÁDIO 1º DE MAIO, AO PAVILHÃO DR. FLÁVIO SÁ LEITE, AO PARQUE CAMPISMO E À PISCINA MUNICIPAL [F. 54]
- LUGARES DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO PARA OS DIVERSOS EQUIPAMENTOS [F. 54|F. 58]
- CONTACTO COM O ESPAÇO VERDE DO PARQUE — O JARDIM DE SÃO JOÃO [F. 54]
- PROXIMIDADE AO SISTEMA MONTANHOSO PICOTO– GREGÓRIA [F. 55| F. 56| F. 57| F. 60| F. 61]







F.55|F.56



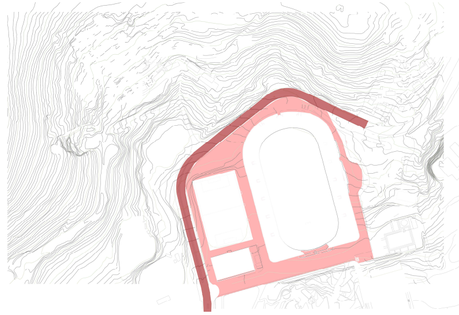




F.57|F.58|F.59

PROBLEMAS | OPORTUNIDADAS

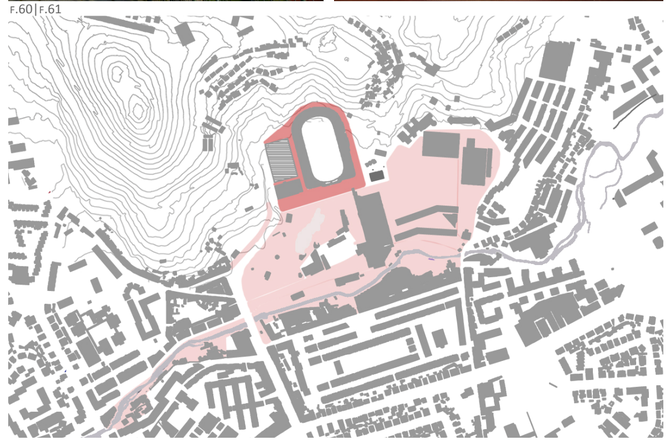
- ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO ENTRE OS EQUIPAMENTOS SEM INTENÇÃO DE CONJUNTO [F. 57| F. 59]
- ENTRADA SUL E PARQUE DE CAMPISMO ABANDONADOS [F. 58]
- ESTRADA NACIONAL 101, PRINCIPAL LIGAÇÃO RODOVIÁRIA À CIDADE DE GUIMARÃES, DELIMITA E ENCERRA ESTE ESPAÇO, AO INVÉS DE POTENCIAR UMA RELAÇÃO FRANCA COM A ELEVAÇÃO MONTANHOSA E AS SUAS QUALIDADES INTRÍNSECAS [F. 55]



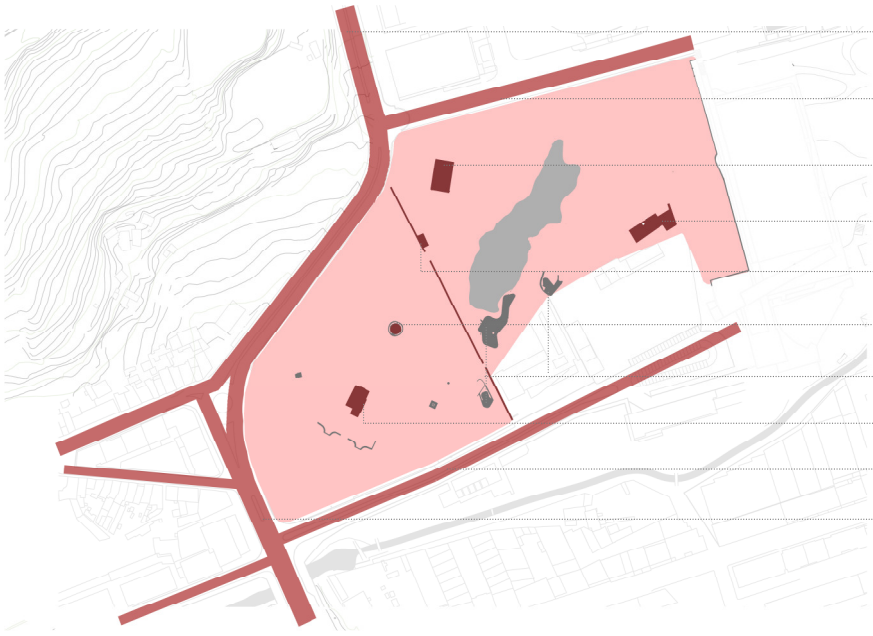




F.60|F.61



7.7| SUBSISTEMA " JARDINS "



ESTRADA NACIONAL 101

AVENIDA DO ESTÁDIO

VIDEOTECA MUNICIPAL

CASAS DA ANTIGA QUINTA DA MITRA

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO PARQUE

CORETO

NOVOS APOIOS DO JARDIM DE SÃO JOÃO

CAPELA DE SÃO JOÃO DA PONTE

AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES

AVENIDA DA LIBERDADE

PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**

130







f.62 f.63 f.64

A autonomia e a especificidade deste subsistema no Parque de São João da Ponte, ao contrário dos demais subsistemas apresentados nesta análise do lugar, coincide com a área do Plano de Pormenor do Parque da Ponte definida pela Câmara Municipal de Braga.

Divido em duas fases, este Plano Pormenor está actualmente em execução. A primeira fase, correspondente a área compreendida entre o PEB, a Avenida do Estádio, o muro da antiga Quinta da Mitra e as propriedades privadas, que se entende designar por Jardim do Lago, ficou recentemente concluída. No que respeita a segunda



Esquema Planimétrico da Situação actual com a 1ª fase do Plano Pormenor terminada no Verão 2009





f.65|f.66





f.67|f.68

fase de execução da proposta camarária, situada a nascente desta, delimitada pelo Estrada Nacional 101 e pela Avenida Dr. Pires Gonçalves, denominada Jardim de São João, ainda não se iniciaram os trabalhos.

Agendada para breve a segunda empreitada deste Plano Pormenor e tendo conhecimento do projecto de arquitectura e arranjo urbanístico projectado para o Jardim de São João, entende-se lógico analisar este subsistema com o Plano de Pormenor aplicado tomando em consideração as questões resultantes da conclusão do mesmo.



Esquema planimétrico dos Jardins do Lago e de São João logo que concluída a 2ª fase do Plano Pormenor





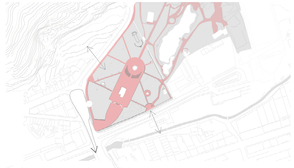
f.70



f.69 f.71

Especificidades| Potencialidades

- unidade na organização do espaço, resultado de um Plano Pormenor
- proximidade ao Rio Este e ao Monte Picoto [f. 74]
- composto por valências de características biofísicas, valores e tempos diversos [f. 68 | f.71]
- presença numerosa de diversas espécies de flora, autóctones e exóticas [f. 62|f. 67]
- paragem da rede de autocarros da cidade [f. 62]
- pontos notáveis com domínio visual sobre a cidade [f. 69]







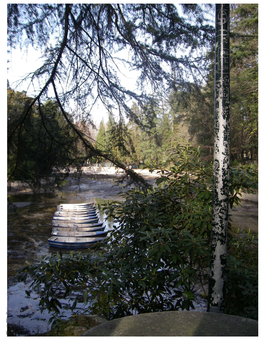
f.72|f.73

Problemas | Oportunidades

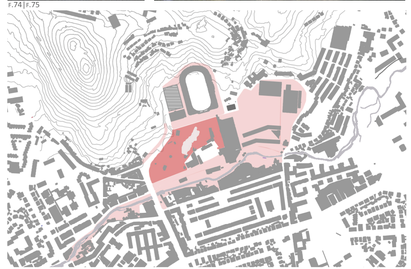
- isolado pelo sistema viário que o define
- isolado pelos muros de suporte de terras, Avenida Dr. Pires Gonçalves
- diminuta relação com os valores biofísicos envolventes [f. 71]



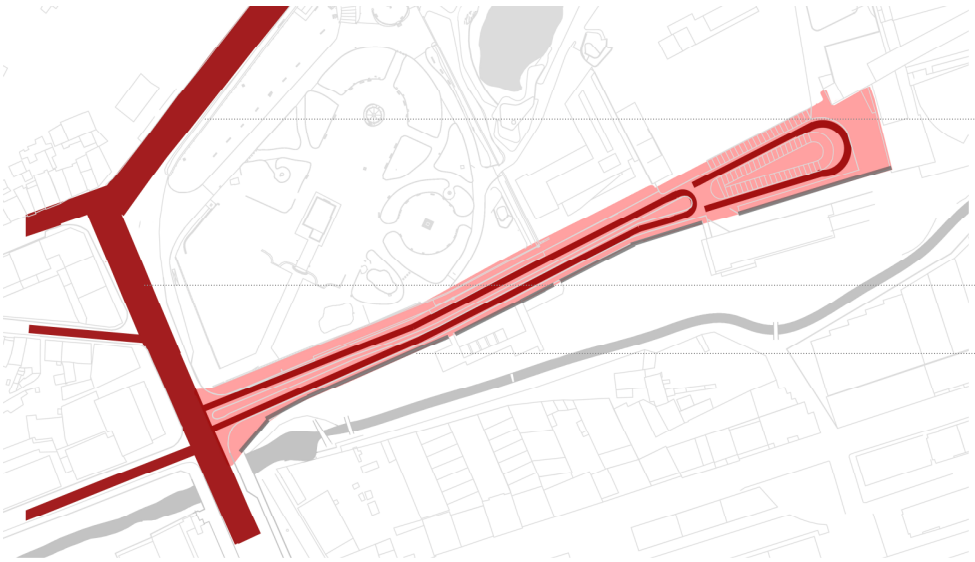




f.74|f.75



7.8| SUBSISTEMA " AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES"



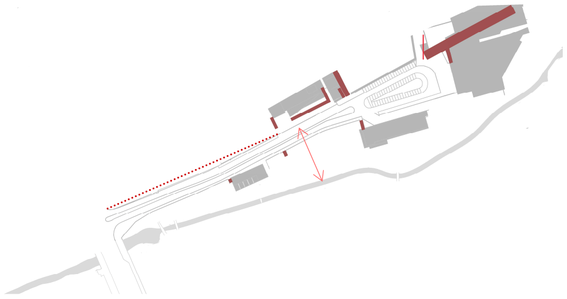
Pré-existências determinantes no reconhecimento do **subsistema**



F.76

ESPECIFICIDADES| POTENCIALIDADES

- PROXIMIDADE AO RIO E DOMÍNIO VISUAL [F. 80]
- LIMITE NORTE DO JARDIM DE SÃO JOÃO [F. 79| F. 80]
- ACESSO AO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES, AOS EDIFÍCIOS DA IDITEMINHO, DA AIMINHO, DO IAPMEI , DA LOJA DA EMPRESA E AO RESTAURANTE *LA CASTAÑUELA* [F. 76| F. 77| F. 78| F. 80]





F.77



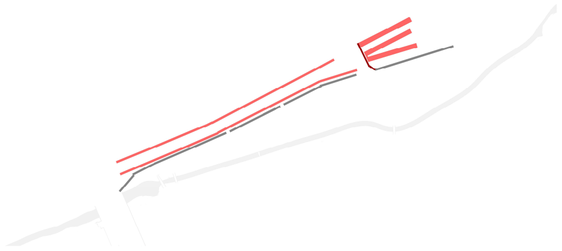
F.78



F.79

PROBLEMAS | OPORTUNIDADES

- MURO DE CONTENÇÃO, COM ALTURA VARIÁVEL, QUE INTERROMPE A RELAÇÃO [F. 80]
- LUGARES DE ESTACIONAMENTO PÚBLICO INSUFICIENTES PARA O NÚMERO DE PESSOAS QUE DIARIAMENTE TRABALHA E SE DIRIGE AOS DIVERSOS EQUIPAMENTOS (SERIAM NECESSÁRIOS 200 LUGARES E ACTUALMENTE EXISTEM CERCA DE 80) [F. 79]





F.80



7.9| SUBSISTEMA " LARGO DA DEVESA"



AVENIDA DO ESTÁDIO

ESTRADA NACIONAL 101

SEDE ARSENAL CLUBE DA DEVESA

JARDIM DE SÃO JOÃO

CONSTRUÇÕES DO SÉCULO XIX
[HABITAÇÃO E SERVIÇOS]

AVENIDA DA LIBERDADE

PRÉ-EXISTÊNCIAS DETERMINANTES NO RECONHECIMENTO DO **SUBSISTEMA**

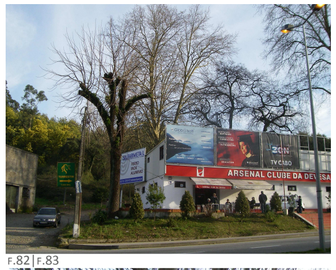


F.81

ESPECIFICIDADES| POTENCIALIDADES

- POSIÇÃO NO SISTEMA URBANO, EXTREMO SUL DA AVENIDA DA LIBERDADE
- PARTE DO MONTE PICOTO [F. 81]
- PROXIMIDADE AO JARDIM DE SÃO JOÃO [F. 83| F. 84]







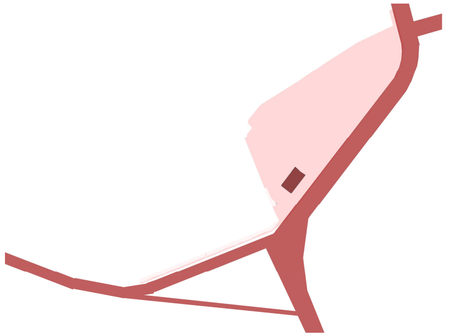
F.82|F.83

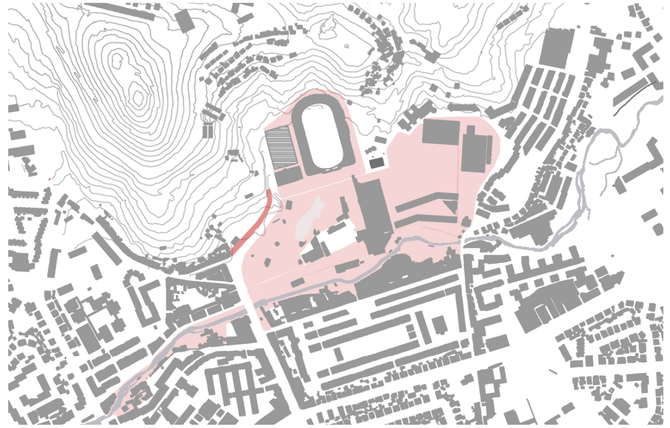


F.84

PROBLEMAS |OPORTUNIDADES

- ISOLADO PELO SISTEMA VIÁRIO [F. 82| F. 83]
- EDIFÍCIO-SEDE DO ARSENAL CLUBE DA DEFESA [F. 82]
- ESPAÇO TERRAPLANADO, CONTRARIANDO A TOPOGRAFIA DO MONTE PICOTO [F. 82]





8| PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

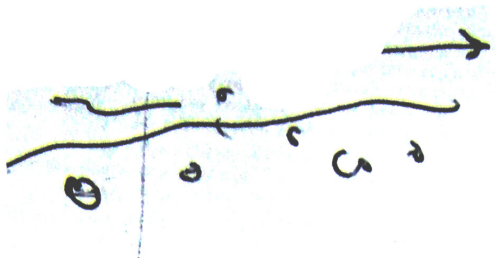
"Atenerze a identificar lo que caracteriza a un lugar, ya de por sí significa hacer una lectura singular y antecipar de hecho una forma de actuar. Es evidente que sus elementos constitutivos solo se revelan a los que se toman el tiempo suficiente para quedarse, a veces incluso para vivir en ellos[...]" [24]

Ao investigar-se cada subsistema em particular consolidaram-se progressivamente a variedade de ordens, de hierarquias, de factores que determinam o estado actual do Parque da Ponte. Mais, este diagnóstico feito a escalas diversas, apropriadas à especificidade de cada subsistema, caracterizou-os do ponto de vista das especificidades e dos problemas que os autonomizam no todo pelo que sistematiza as questões intrínsecas ao objecto de estudo.

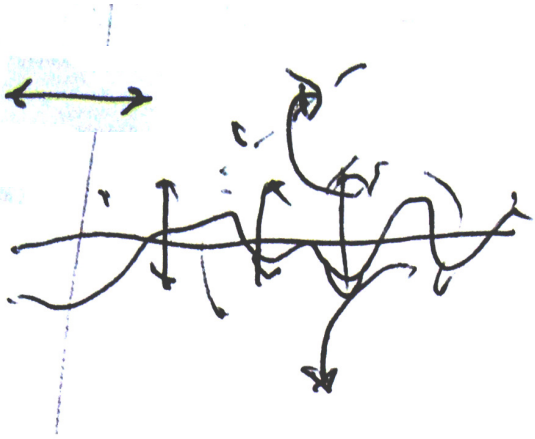
Se desde o primeiro momento sabíamos da ineficácia do Parque da Ponte na cidade de Braga, dissecar o objecto permitiu apreender os motivos concretos que ditam a incongruência do todo e a consequente desadequação no sistema urbano actual. No entanto, compreendemo-lo ao longo da problematização, anterior a este objecto particular, a validade e a pertinência do Parque da Ponte, como de outro microssistema urbano, não depende somente da justaposição de respostas eficazes aos diversos problemas que coloca.

Assim, dos dados apreendidos e das intenções de reajustes suscitadas pela problematização fraccionada do Parque da Ponte, importa seleccionar as variáveis fundamentais à intenção de unidade, as quais terão, necessariamente, de ser consideradas e incorporadas, e aquelas que se perdem por constituírem respostas particulares que perturbariam a coerência do todo.

Na sequência do reconhecimento do lugar e da análise exaustiva das partes tomam forma, a par das potencialidades e fragilidades de cada um, os papéis, distintos mas complementares, que precisam desempenhar de modo a reencontrar-se o equilíbrio do sistema e transformar o Parque da Ponte no parque da cidade.



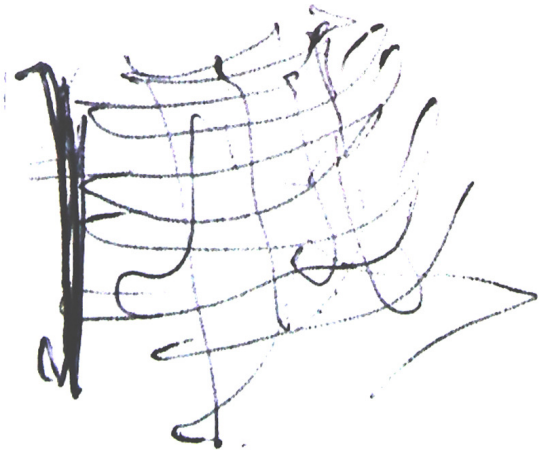
7.1
Aproveitar a relação directa com o rio
Prolongar os percursos transversais e ao longo do curso de água



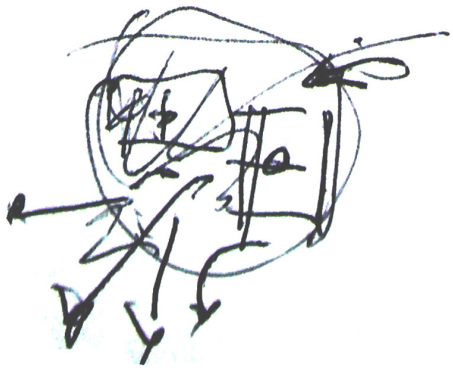
7.2
Desfrutar das margens do rio
Percorrer e interligar as margens com a envolvente construída



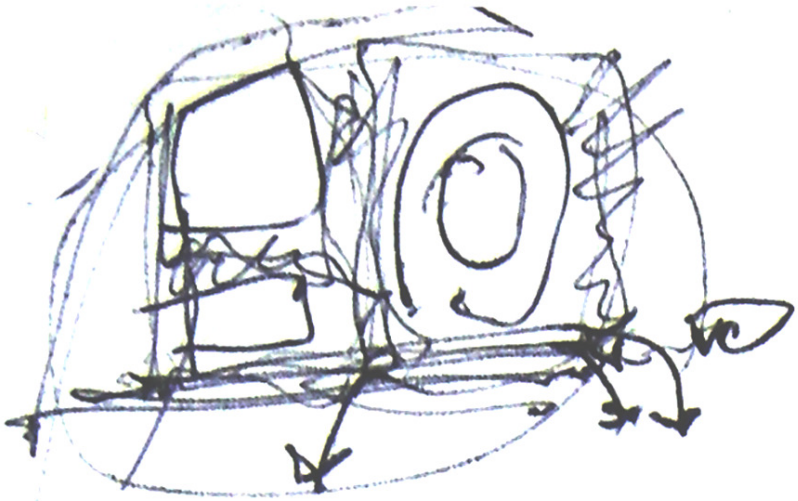
7.3
Conquistar o espaço disponível junto ao rio
Lugar da convergência de percursos
Parar e apreender a água, o sol e a flora



7.4
Retomar o declive primitivo do terreno
Sentir a pertença ao sistema picoto-gregória
Fruir da diferença de cotas



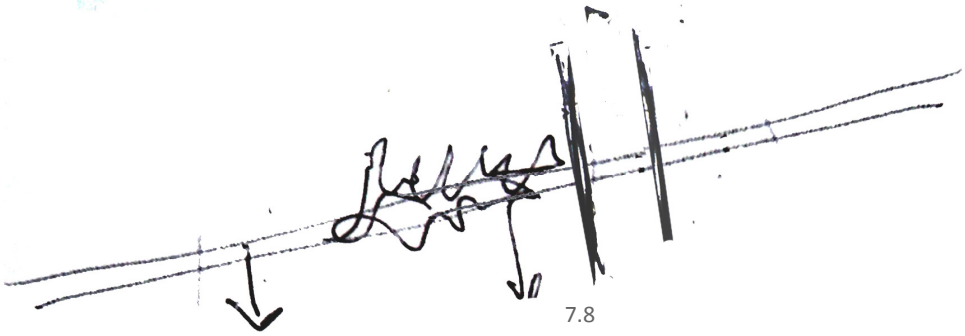
7.5
Completar e sublinhar o programa existente
Enquadrar decisivamente a prática de desporto na dinâmica do parque



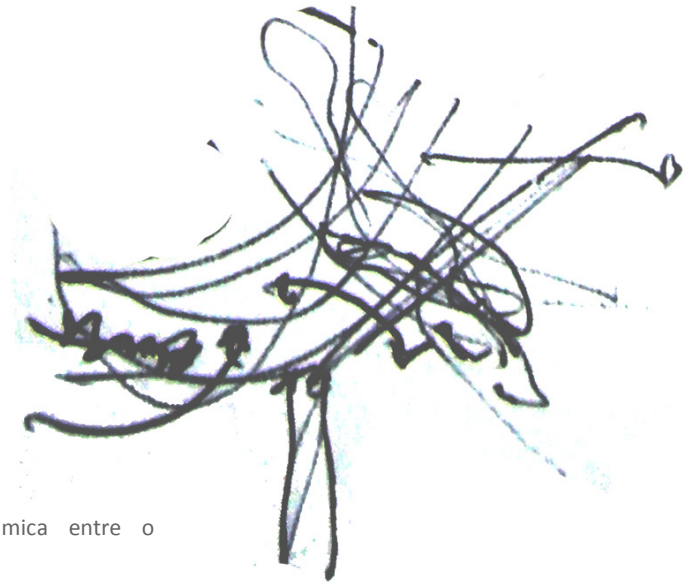
7.6
Reaver os espaços intersticiais
Revalidar os equipamentos disponíveis
Entrosar no circuitos do parque



7.7
Revelar à cidade as múltiplas opções
Gozar a capela, o lago, os apoios



7.8
Transformar a avenida em canal de atravessamento e de estar no parque
Artéria de impulsos quotidianos de trabalho e de lazer, prolongamento da vida urbana



7.9
Propiciar a parceria dinâmica entre o parque e o monte
Retomar a ligação pré-existente da encosta cuja pendente se suaviza

Fixam-se, nestes desenhos, os objectivos a alcançar para cada subsistema, maturados no decorrer da análise do todo, os quais, ainda que retratados isoladamente, denunciam a simultaneidade do raciocínio de projecto à escala particular e global. Autonomizar as partes não tem sido mais do que uma estratégia para compreender os motivos da desagregação que transparece do actual Parque da Ponte e lhe reduz o valor urbano.

Assim, as intenções enunciadas só aparentemente são restritas à parte a que dizem respeito pois subentendem prioridades de resolução que não podem ser resolvidas apenas numa das partes, pelo contrário precisam *atravessar* mais do que um subsistema para poderem funcionar como traços de ligação e então restituir-se a coerência do sistema Parque da Ponte.

Pretender e afirmar estas metas para cada subsistema, sabendo das necessidades cruciais do todo, advém da vontade primeira de compreender e conferir valor(es) e desígnio(s) específicos, que, conjuntamente, signifiquem a reformulação das relações no parque e com a cidade, que permitam ancorá-lo à malha e à vivência urbanas quotidianas.

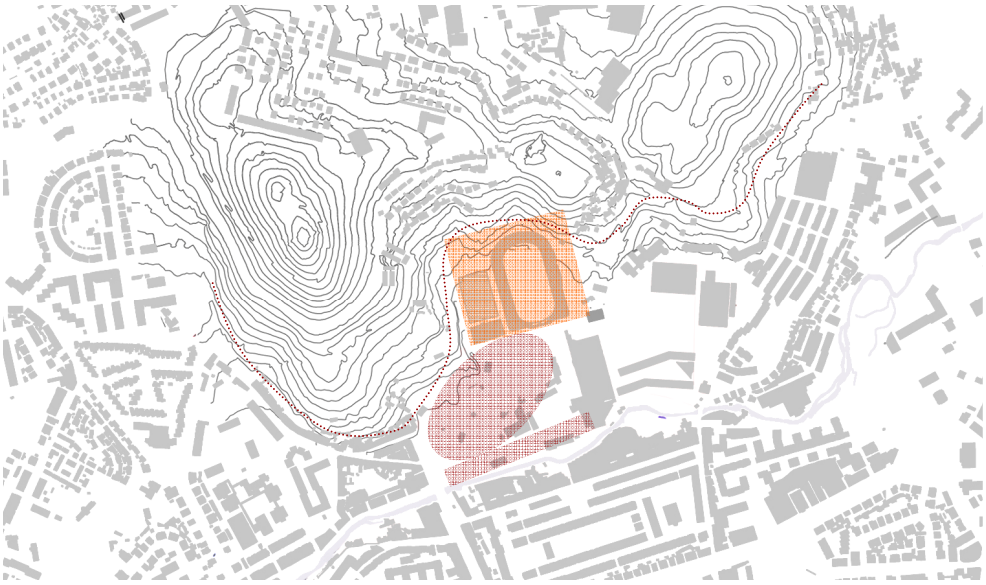
Com efeito, é a busca de uma solução global, ciente de todos os constituintes e interacções, e interessada em reorganizá-los eficazmente, que determina a escolha duma hierarquia de actuação. Uma entre diferentes estratégias válidas, a que se desenvolve adiante, prende-se com os propósitos pessoais intuídos no processo de reconhecimento do objecto.

Deste modo, o Parque da Ponte que se propõe concretizar assenta na sensibilidade a três temas-chave de projecto e na convicção de que estes se constituem como motivos pré-existentes inegáveis nos quais se pretende alicerçar a coerência interna da resolução urbana e urbanística do microsistema na cidade de Braga. Assim, distinguem-se como princípios fundamentais da recuperação e transformação do Parque da Ponte:

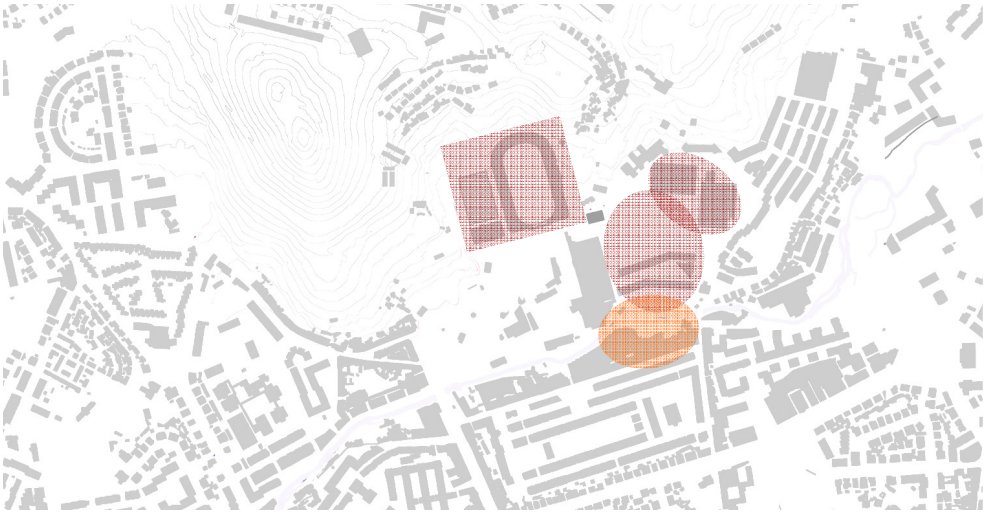
— o diálogo urbanidade–relevo, as diversas formas de avanço do construído sobre os elementos geofísicos consequência da constituição do parque no encontro do sistema montanhoso Picoto-Gregória como o rio Este;

— o desporto, programa predominante, presente desde a edificação das primeiras estruturas desportivas e paulatinamente complementadas;

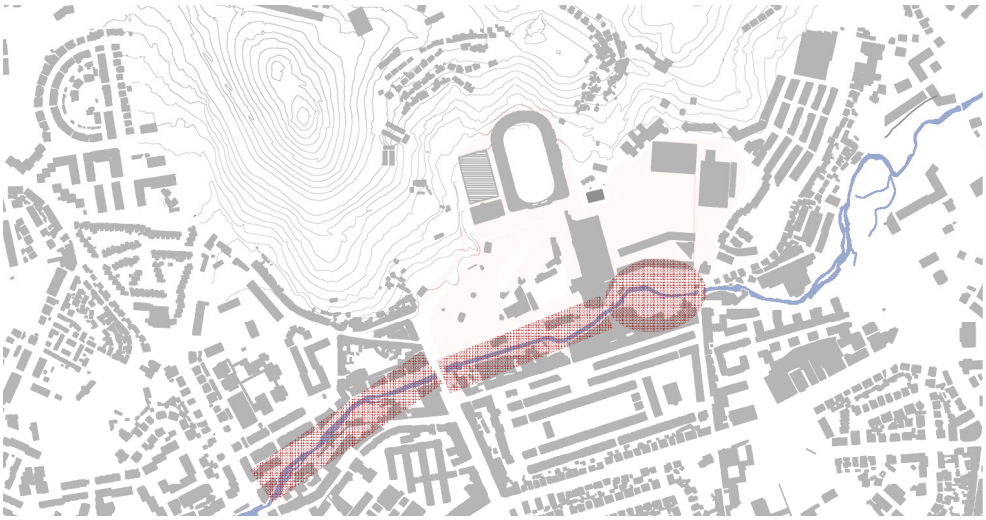
— o rio, incontornável pré-existência longilínea .



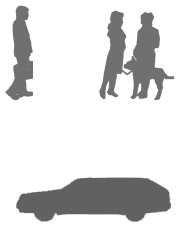
CIDADE.
COMUNICAR.
SUSCITAR.

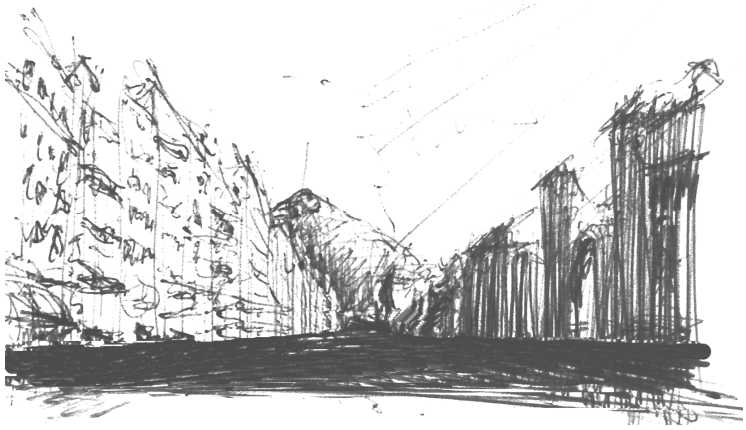


DESPORTO.
LIGAR.
PERCORRER.

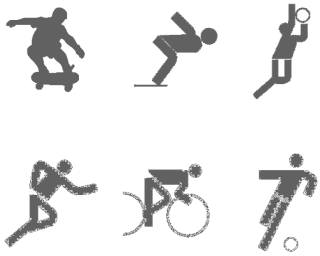


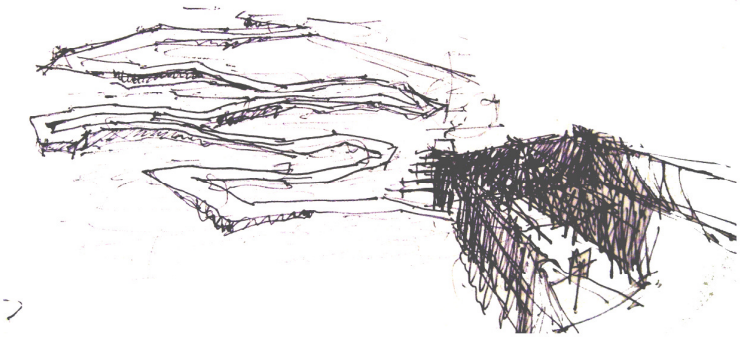
RIO.
TRANSPORTAR.
UNIR.



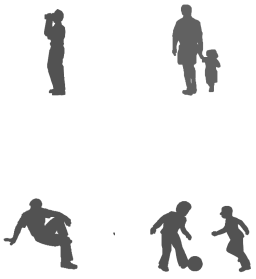


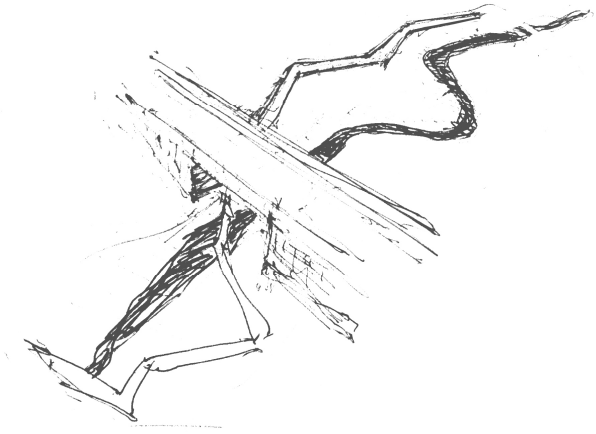
Extremo sul da Avenida da Liberdade





Circuito desportivo





Ao longo do rio Este

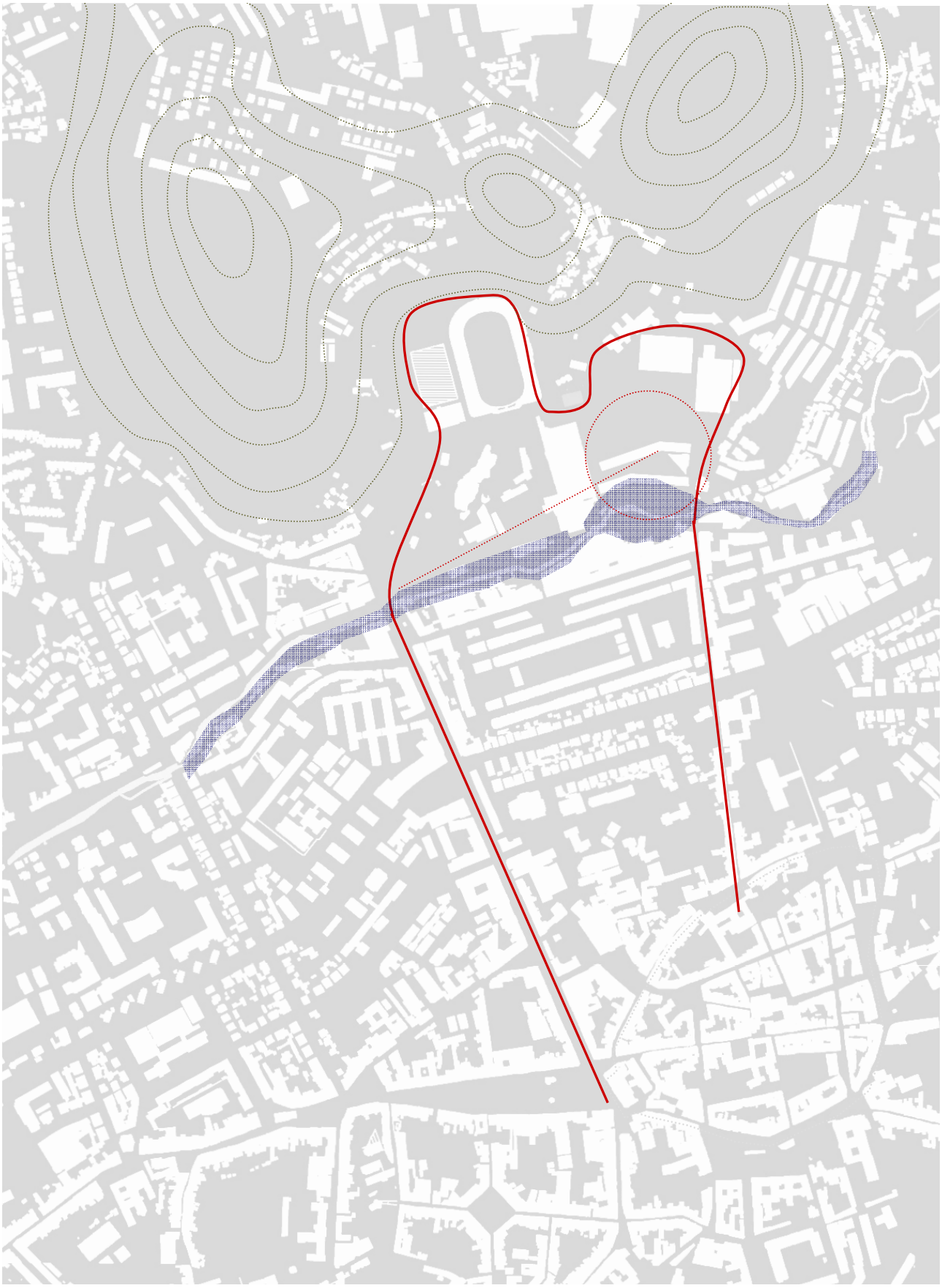
Buscar uma partilha justa entre os elementos de fauna e flora dos quais desfrutar e dos quais prescindir para a construção de espaços adequados às necessidades humanas e urbanas; meditar uma rede ponderada de percursos equilibrada capaz de aproveitar a topografia original e de interligar os equipamentos disponíveis; e explorar o rio como motivo de uma atmosfera própria é concorrer propositadamente na renovação e criação de interacções profícuas no sentido de reconquistar uma ordem interna e, consequentemente, o seu valor na estrutura urbana.

Ao apontar estas três premissas como determinantes na constituição do novo Parque da Ponte, esclarecem-se três momentos autónomos mas concorrentes na concepção do parque como microsistema ordenado que, dada a improbabilidade de concretizar-se numa empreitada única, podem corresponder a três fases de pesquisa e de execução.

Momentos-chave do todo, a coerência do novo Parque da Ponte depende da capacidade de resposta a cada um destes temas mas sobretudo do modo como coexistem e interagem entre si para resultarem num conjunto coerente e diversificado, num parque para a cidade de Braga.

Ponderar a sobreposição interactiva destas directivas é sintetizar as intenções mestras para o parque como um todo, como pedaço de cidade e enunciar o ponto de partida para uma reflexão de projecto sobre as combinações de resposta possíveis e válidas no cumprimento de tais demandas.

IDEOGRAMA– SÍNTESE
CARTA DE INTENÇÕES



9| PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

É a inexistência de interacções ponderadas, pensadas para o estabelecimento de um sistema de relações internas, eficaz em si mesmo e, simultaneamente, integrado nos subsistemas urbanos, que invalidam o Parque da Ponte como parque urbano e impedem que os componentes biofísicos e antrópicos configurem verde ordenado e significante na cidade.

Visar recuperar o Parque da Ponte para a estrutura urbana implica constituir um microssistema urbano pertinente entrosado n(d)as dinâmicas dos cidadãos e da cidade de Braga. O plano de intervenção, que em seguida se apresenta, pretende enunciar pistas na resolução e transformação da actual soma desconexa de respostas — válidas, obsoletas ou desajustadas –, que desconsidera o potencial e qualidades originais inequívocas do lugar em que se estabeleceram , num espaço verde ordenado, complementado por elementos e equipamentos necessários ao sistema urbano.

Tendo resultado num estudo prévio mais do num plano ou numa estratégia de intervenção apresentam-se , precedidas da respectiva memória descritiva, e pela seguinte ordem, as peças desenhadas que, processo e produto do trabalho desenvolvido, definem a proposta.

PLANTA DA PROPOSTA | ESCALA 1/1000 159
PLANTA DE SOBREPOSIÇÕES E ALTERAÇÕES | ESCALA 1/1000 160
PERFIL LONGITUDINAL 161
PERFIS TRANSVERSAIS 162

MEMÓRIA DESCRITIVA

Fluído e permeável, o rio Este é espaço contínuo de circulação e de estar, com marginais recobertas de vegetação herbácea e arbustiva, com circuitos, atravessamentos e lugares de paragem ao longo e sobre ele, complementados por uma densa massa de árvores de folha perene que minimiza o impacte visual das traseiras dos armazéns. Limite da margem direita, este *volume* contínuo de arborização é pano de fundo da intervenção e absorve as chegadas ao parque pela Avenida da Liberdade, pelo Largo de Dezembro, redesenhado como entrada preponderante no parque, e pela Rua Conselheiro Lobato, igualmente remodelada.

Seguindo o curso do rio, o alinhamento dos árvores, as interrupções de relva para a conformação de um percurso enxuto e a rotação da fachada do edifício do Parque de Exposições anunciam um novo ambiente. Do denso corredor arborizado transita-se para uma clareira, lugar de estar e de interacção privilegiada com o rio que se transforma em espelho de água. Neste espaço aberto e iluminado, abrem-se novas possibilidades de percurso, novas opções. Descobre-se a extensão de verde disponível, um plano relvado inclinado entre o Parque de Exposições, a nascente, e o novo *muro,* limite poente do parque, pontuada por árvores de copas e de cores distintas e vários caminhos para subir do plano de água à encosta de cedros e pinheiros entre o muro de granito, de suporte da piscina, e um pequeno volume paralelepipédico.

Atravessando um dos passadiços de madeira sobre o rio revela-se uma praça circular quase que de nível, enunciada por árvores caducifólias, definitivamente distintas das que fazem a encosta verde. Lugar intermédio, de partida e de chegada, nele ou dele escolhe-se por onde prosseguir no terreno, tomar um dos caminhos, mais ou menos íngreme, que conduz ao paralelepípedo solto do terreno, elemento construído singular, ou investigar o *muro* que nasce da encosta e a delimita.

Ao subir no terreno percebe-se que não é apenas muro, tem volume e abriga espaços para o material necessário à manutenção do parque, ao mesmo tempo que sustenta um percurso através de jardins temáticos, onde se sucedem diversas espécies de flora, de características específicas e distintas, onde se constatam e se compreendem ciclos de vida próprios a cada plantação.

Seguindo este caminho alcança-se um novo espaço especializado, uma área dedicada à prática de desporto e de actividades ao ar livre, consolidada na envolvente dos dois campos de futebol existentes. Acrescidos de novos campos apropriados à prática de basquetebol, ténis e ténis de mesa e outros exercícios lúdicos reintegram-se estes dois campos de futebol e respectivas bancadas, assumindo-os como componentes de um espaço de dinâmica própria no parque.

Continuando em direcção a nascente através do sistema de rampas que alcança a Avenida da Maratona, junto à Piscina Municipal, surge, complementar a este pólo informal, o complexo desportivo, polarizado pelo Estádio 1º de Maio e pelo novo Pavilhão Gimnodesportivo.

Momento intermédio neste circuito desportivo e no parque, destaca-se um edifício cujo envidraçado denuncia uma perspectiva excepcional. Lugar de paragem intencionada, apoiado por uma cafetaria, com espaço disponível para leitura ou a realização de eventos esporádicos, exposições informais de arte ou apresentação de livros.

Elevado e constantemente visível, remete para Norte, aponta outro ponto notável, o centro da cidade, fá-lo pertencer ao parque e situa, constantemente, o visitante na encosta e na estrutura urbana. Sobranceiro sobre o espaço verde, motiva a ascensão no terreno em ordem ao domínio visual possível na sua cobertura visitável, materializada como prolongamento da encosta. Deste ponto, o mais elevado do terreno, toma-se consciência do espaço verde disponível entre o sistema montanhoso Picoto-Gregória, que o faz plano inclinado, e o Rio Este, que se espraia na área livre. Confirma-se a praça como centro, como ponto aglutinador dos percursos e dos eixos determinantes do parque, quer do acesso poente com porta no antigo moinho junto à ponte dos Pelames, quer do eixo transversal que liga esta superfície verde à envolvente da ponte de São João, nitidamente mais urbana

Escolhendo transpor o Palácio de Exposições — transformado em pólo de atracção diária, museu e lugar de programas pedagógicos que fomentem o contacto e o interesse de diversos públicos com a arte — através da galeria existente no volume, transita-se para uma a nova área pedonal, antiga Avenida Dr. Pires Gonçalves, conseguida com a transposição do trânsito e do estacionamento automóvel para um plano subterrâneo.

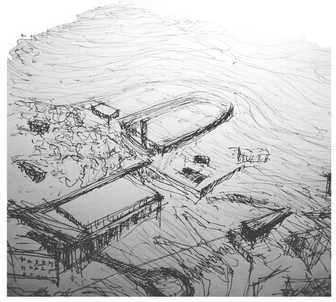
Espaço público alongado, lugar de chegada e de distribuição para os diversos equipamentos e serviços, que o delimitam, é plataforma de reunião e de circulação propositadamente mineral, impregnada de sinais da pertença ao parque e complementar à predominância vegetal. As copas das árvores, seu *limite* norte, denunciam o domínio visual sobre a envolvente do rio e a continuação do percurso para a cota inferior através de rampas e escadas que desmaterializam o muro de suporte e impelem a superar o importante desnível.

Os plátanos bastardos do Jardim de São João, cujo alinhamento reforça o eixo ponte— capela de São João, convidam a afastar-se da rua, a avançar nos jardins, ao mesmo tempo que enunciam o Monte Picoto e a possibilidade de investir no percurso ascendente.

Lugares de atmosfera distinta, momentos de densidade arbórea excepcional mantida e acumulada paulatinamente, reflexo da passagem do tempo e de momentos segregados, particulares da cidade, o Jardim do Lago e o Jardim de São João concentram espaços, construções, hierarquias de relações que o tempo consolidou como memórias urbanas, e que adaptados às exigências contemporâneas persistem válidas.

Pano de fundo desta massa vegetal, o edifício branco que sobressai no sopé do Monte Picoto, a sul da estrada nacional 101, mais oco que construído, aproveita os seus troncos, folhas e rochas para a fachada, sugerindo para além de atravessamentos visuais, novos percursos pedonais monte acima. Volume amarrado à envolvente edificada da rua de Santo Adrião, no extremo sudeste da avenida da Liberdade, estende-se para poente, desprende-se do terreno, eleva-se; torna-se percurso, espaço condutor, ao longo do qual aparecem vãos abrigados, com vista privilegiada para a envolvente única, e módulos de escritórios, de associações e de ateliers; motivadores de fluxos quotidianos, de um encontro dinâmico e profícuo do monte com a cidade.





PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

LEGENDA :

01 ENTRADA NORDESTE
02 ENTRADA NORTE
03 ENTRADA NOROESTE
04 BIBLIOTECA | SALAS OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES
05 ARRECADAÇÃO MATERIAL NECESSÁRIO À MANUTENÇÃO DO PARQUE
06 CIRCUITO DE JARDINS TEMÁTICOS
07 PLATAFORMA DESPORTOS
08 ENTRADA SUDOESTE
09 MIRADOURO| RESTAURANTE| BAR | | APOIO INFRAESTRUTURAS DESPORTIVAS
10 AVENIDA DO ESTÁDIO
11 PRAÇETA ABC
12 ENTRADA SUDOESTE
13 EDIFÍCIO PERCURSO | MÓDULOS DE ESCRITÓRIOS E SEDE DO CLUBE DA DEVESA
14 PRAÇETA DA DEVESA
15 JARDIM DE SÃO JOÃO
16 JARDIM DO LAGO
17 PRAÇA EMPREGAS
18 PRAÇA CIRCULAR
19 CIRCUITO DE MANUTENÇÃO | ENCOSTA RELVADA
20 LAGO| RIO ESTE
21 ENTRADA ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO

PERCURSOS EM BETÃO BETUMINOSO
MUROS DE CONTENÇÃO EM GRANITO

BLOCOS DE GRANITO DE DIMENSÕES VARIÁVEIS

PAVIMENTO MISTO
BAIXO EM GRANITO

PASSADIÇOS EM MADEIRA| JUNTA ABERTA
ESTRUTURA EM AÇO

RELVADO

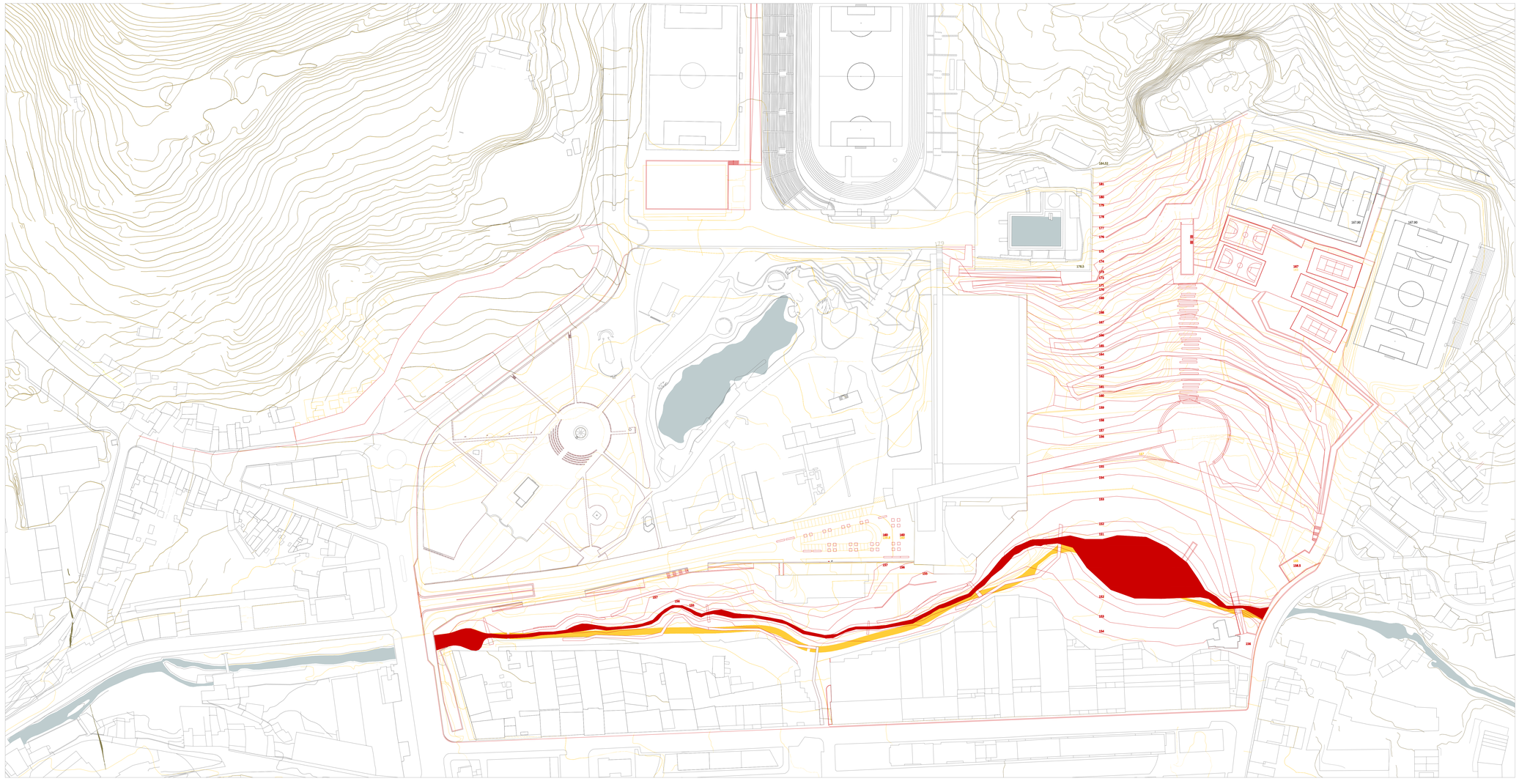
ESPÉCIES HERBÁCEAS/ARBUSTIVAS SELECCIONADAS

PAVIMENTO DURO| JUNTA ABERTA

BETÃO BETUMINOSO
GUIAS E CONTRAGUIAS EM GRANITO

PLANTA DA PROPOSTA ESC. 1/1000

0 2 10 20m

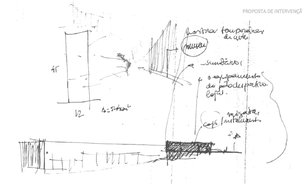


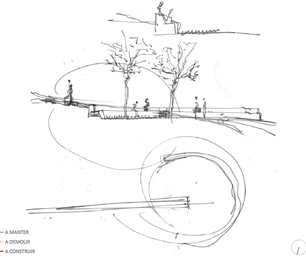






PROPOSTA DE INTERVENÇÃO





A MANTER
A DEMOLIR
A CONSTRUIR

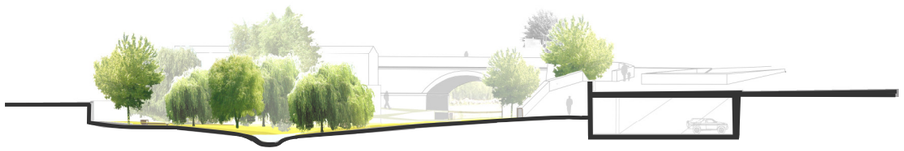
PLANTA DE ALTERAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES (VERMELHOS E AMARELOS) ESC. 1/1000

0 2 10 30m

A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark



PERFIL TRANSVERSAL ESC. 1/1000



SECÇÃO RIO ESC. 1/1000



PERFIL LONGITUDINAL ESC. 1/1000

Pensada no sentido de dar resposta aos problemas diagnosticados, a proposta apresentada compreende um conjunto de intenções que, subjacentes e cruciais à nova ordem interna, precisam ser explicitadas e decompostas.

Colocando a esta *solução* as mesmas questões, fundamentais à compreensão da disfunção interna do Parque da Ponte actual, contrapõem-se as respostas com vista a demonstrar a pertinência das transformações maturadas ao longo do processo de trabalho e necessárias à concretização desta intervenção interessada em garantir um novo sistema de relações internas e urbanas.

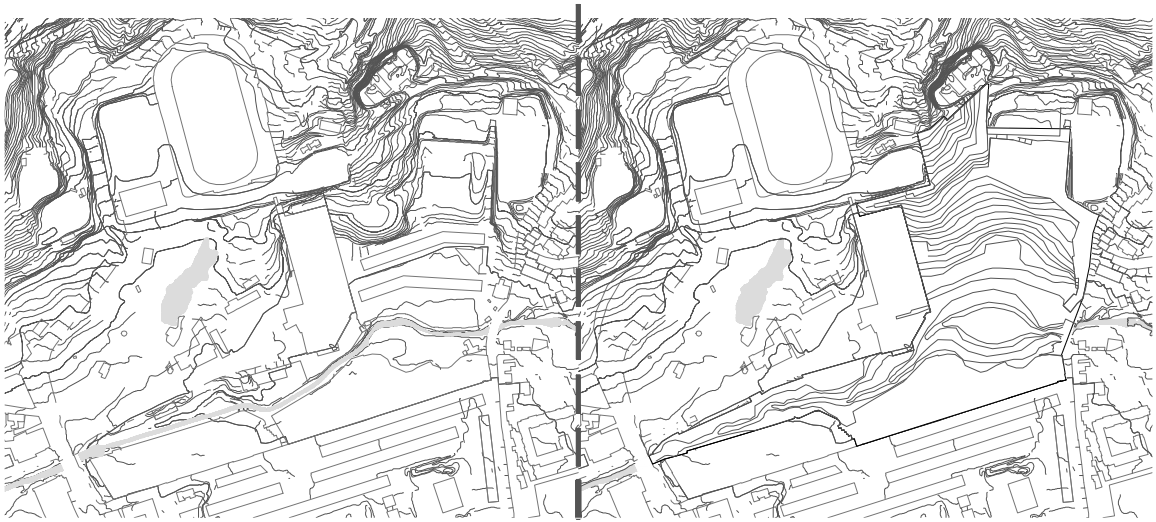
RIO
ACTUAL | PROPOSTO

ARBORIZAÇÃO
ACTUAL | PROPOSTO

TOPOGRAFIA
ACTUAL | PROPOSTO



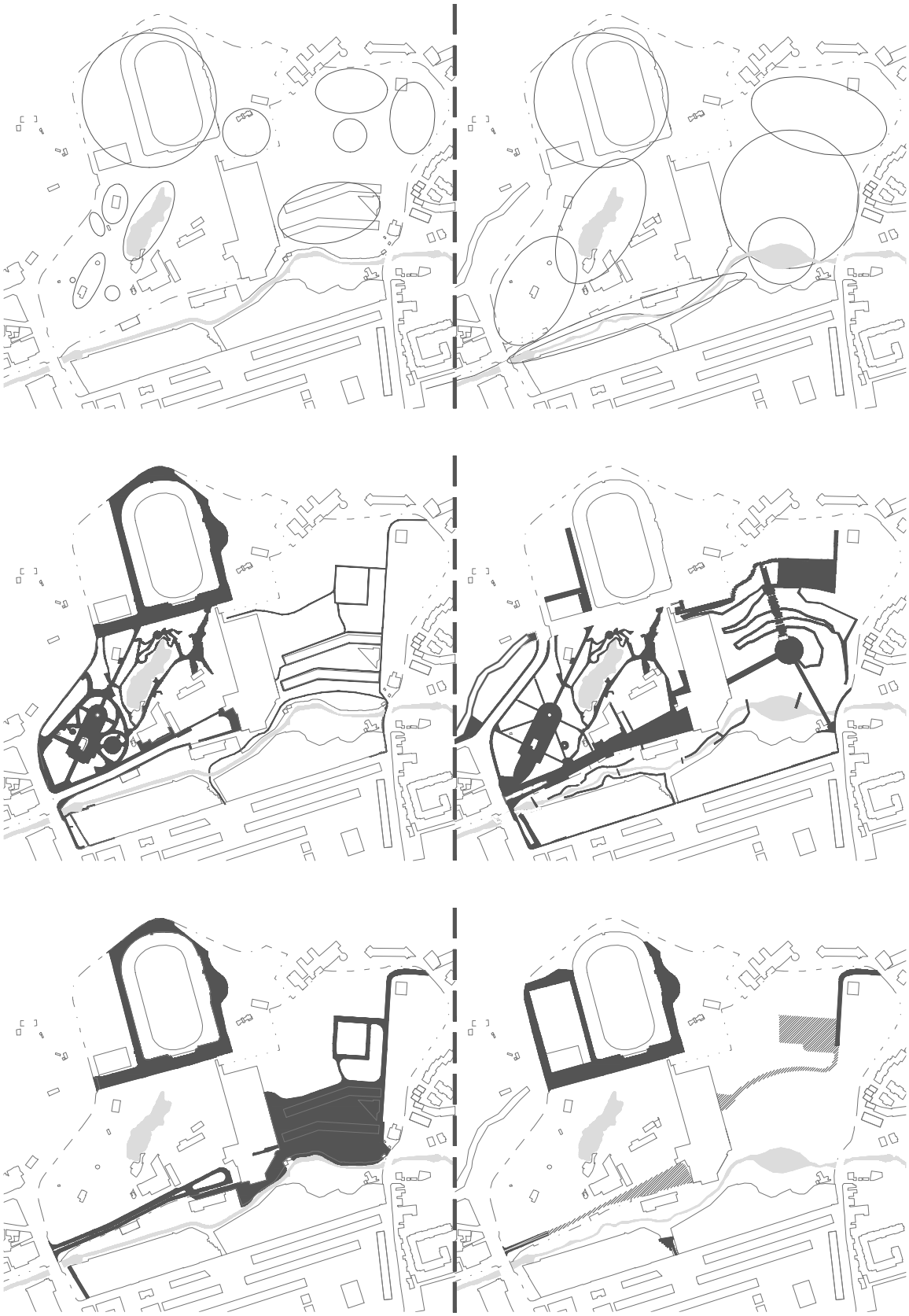




ESPAÇOS
ACTUAL | PROPOSTO

PERCURSOS
ACTUAL | PROPOSTO

RODOVIÁRIO
ACTUAL | PROPOSTO



CADASTRO | PROPOSTA

C. 01 **NOVO LIMITE DE PROPRIEDADE DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES**
SUPRESSÃO DO PORTÃO E DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO ADJACENTES À FACHADA NASCENTE DO EDIFÍCIO
_RECUPERAR A CIRCULAÇÃO PÚBLICA
_PROLONGAR E QUALIFICAR A ENVOLVENTE DESTE EQUIPAMENTO

C.02 **NOVO ESTATUTO DA GALERIA DO EDIFÍCIO DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES**
ABERTURA À CIRCULAÇÃO DO PÚBLICO QUOTIDIANAMENTE DURANTE O PERÍODO DIURNO
_POTENCIAR O ATRAVESSAMENTO NASCENTE-POENTE

C.03 **AQUISIÇÃO DO MOINHO E TERRENOS PRIVADOS LOCALIZADOS A NOROESTE**
O MOINHO É NESTE TROÇO A ÚNICA REMISNESCÊNCIA DE INTERACÇÃO DIRECTA COM O RIO
EDIFICIO EM RUÍNAS E TERRENOS, SEM USO, À MERCÊ DE MAIS CONSTRUÇÃO DESCONTROLADA E ILEGAL
_ PROTEGER A ENVOLVENTE DO RIO E O MOINHO
_ CONCRETIZAR UM LUGAR DE RELAÇÃO EFECTIVA COM O RIO
_ QUALIFICAR A PORTA DE ENTRADA POENTE DO PARQUE

C.04 **ALARGAMENTO DA VIA PERPENDICULAR À RUA CONSELHEIRO LOBATO**
CEDÊNCIA DE TERRENO PRIVADO ADJACENTE
_ QUALIFICAR A PRÉ-EXISTENTE ENTRADA NO PARQUE
_ TORNAR O PARQUE E O RIO PARTE DO QUOTIDIANO DOS CIDADÃOS

C.05 **AQUISIÇÃO DA FRANJA PRIVADA ADJACENTE À RUA AUGUSTO VELOSO**
SEM USO EFECTIVO— CONSTRUÇÕES EM RUÍNAS E TERRENO ABANDONADO
DISTANCIA OS CAMPOS DE FUTEBOL DA RESTANTE ÁREA PÚBLICA DE PARQUE
_DEFINIR UM LIMITE POENTE INTENCIONADO DO PARQUE
_GANHO DE ESPAÇO DE USO PÚBLICO

Em ordem a um novo Parque da Ponte uno e coerente, importa uma dinâmica feita de múltiplas opções e um espaço fluido que permita um usufruto contínuo e diversificado do espaço e dos seus equipamentos. Reconhecidos os hiatos de acesso privado ou restrito que colocam em risco a intenção de redefinir percursos múltiplos e complementares que tirem proveito de toda a extensão do parque, traçámos as directivas de intervenção fundamentais ao cumprimento de tais objectivos.

PLANTA PROPOSTA



USO RESTRITO

PROPRIEDADE PÚBLICA
PROPRIEDADE PRIVADA
PROPRIEDADE PÚBLICA DE CONCESSÃO PRIVADA

USO PÚBLICO

PROPRIEDADE PÚBLICA DE GESTÃO PÚBLICA
PROPRIEDADE PRIVADA DE GESTÃO PÚBLICA
PROPRIEDADE PÚBLICA DE CONCESSÃO PRIVADA

0 10 50 100m

MOBILIDADE | PROPOSTA

CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL

M. 01 AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES
SUPRESSSÃO DO TRÂNSITO E DO ESTACIONAMENTO AUTOMÓVEL
CONSTRUÇÃO DE PARQUE SUBTERRÂNEO
_TRANSFORMÁ-LA EM ÁREA DE CIRCULAÇÃO PEDONAL E DE ESTAR ENTRE O MONTE PICOTO E O RIO ESTE
_TORNÁ-LA EIXO DE PENTRAÇAO NO PARQUE, JUNTO À AVENIDA DA LIBERDADE
_PROLONGAR O PARQUE ATÉ AO RIO ESTE

M.02 A POENTE DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES
SUBSTITUIÇÃO DAS PLATAFORMAS IMPERMEÁVEIS
REMODELAÇÃO DO TERRENO
_REENCONTRAR O DESNÍVEL, CARACTERÍSTICA ORIGINAL E SINGULAR DO LUGAR
_CRIAR UMA ÁREA AMPLA DE COBERTURA E PREDOMINÂNCIA VERDE NO PARQUE

M.03 VIA PARALELA À RUA AUGUSTO VELOSO
REDUÇÃO DA SUA EXTENSÃO E RESPECTIVO MURO DE SUPORTE
_ANULAR A SUA PRESENÇA NO PARQUE
_MANTER O ACESSO AOS CAMPOS DE JOGOS
_PERMITIR A ENTRADA NO PARQUE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO

CIRCULAÇÃO PEDONAL

M.04 NOVOS PERCURSOS PEDONAIS CRIADOS JUNTO DO RIO ESTE
_DESPERTAR NOS CIDADÃOS A VONTADE DE USUFRUIR DO RIO
_INTERACÇÃO CONSTANTE DESDE A ZONA DOS GALOS ATÉ À PONTE DOS PELAMES

M.05 RELOCALIZAÇÃO DA ENTRADA POENTE, JUNTO À PONTE DOS PELAMES
RECUPERAÇÃO DO MOINHO ABANDONADO— *PORTA* DE ENTRADA
_EFECTIVAR UM ACESSO PARA PEÕES, BICICLETAS E OCASIONALMENTE AUTOMÓVEIS
_NOVA POSSIBILIDADE DE ACESSO FRANCO AO PARQUE

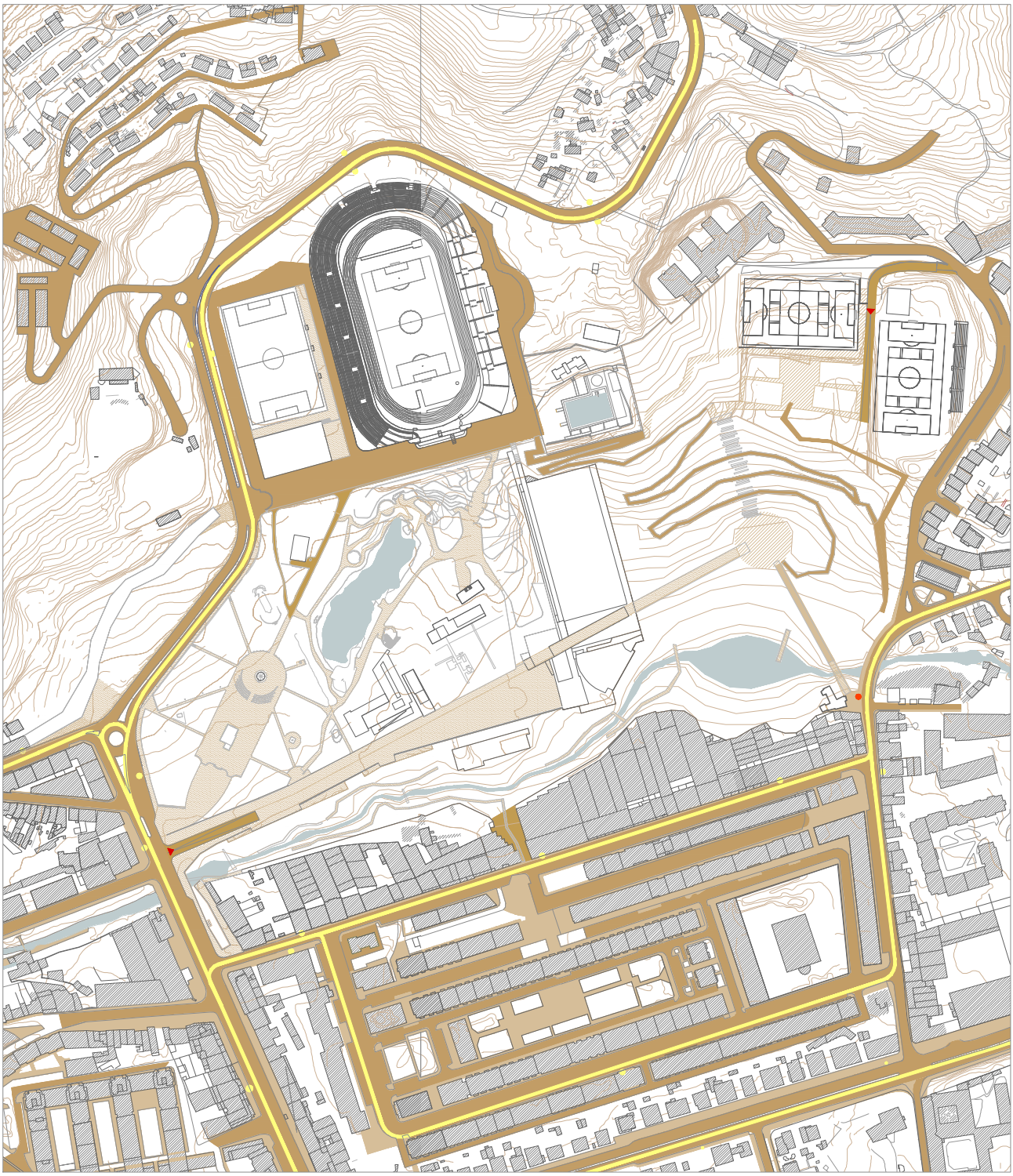
M.06 NOVA REDE DE PERCURSOS PEDONAIS A POENTE
_DINAMIZAR A SUPERFÍCIE VERDE INCLINADA
_SUGERIR ATRAVESSAMENTOS E LIGAÇÕES

M.07 NOVO PERCURSO DE JARDINS TEMÁTICOS
CIRCUITO CONTÍNUO À COTA SUPERIOR
NOVO LIMITE POENTE
_FOMENTAR O INTERESSE E O CONTACTO PELAS VÁRIAS ESPÉCIES DE FLORA
_ALCANÇAR O PONTO MAIS ELEVADO DO TERRENO

M.08 NOVO PERCURSO TRANSVERSAL A SUL
PONTO MAIS ELEVADO DO TERRENO
CHEGADA AO NOVO EDIFÍCIO
_APROVEITAR DOMÍNIO VISUAL SOBRE A CIDADE

Da análise das circulações constantes no actual Parque da Ponte concluímos a sobreposição da lógica automóvel sobre a dos movimentos pedonais e como, ao invés de ligar as partes, as circulações rodoviárias contribuem maioritariamente para a fragmentação do parque. Assim, a par de um novo conjunto de opções de circulação pedonal e de espaços contínuos propomos reduzir as vias de circulação rodoviária às estritamente necessárias .

PLANTA PROPOSTA



ACESSOS PEDONAIS

PERMEÁVEL NÃO PAVIMENTADO
PERMEÁVEL PAVIMENTADO
IMPERMEÁVEL

ACESSOS RODOVIÁRIOS

REDE DE TRANSPORTES PÚBLICOS [TUB]
PERMEÁVEL PAVIMENTADO
ASFALTADO

PARAGEM TUB
NOVA PARAGEM TUB
ENTRADA ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO

0 10 50 100m

A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark

PERCURSOS | PROPOSTA

P. 01 AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES
_ CIRCULAÇAO DE PESSOAS, DE BICICLETAS E DE VIATURAS DE SERVIÇO
_ PAVIMENTO DURO

P.02 ACESSO LARGO DE DEZEMBRO
_ CIRCULAÇAO DE PESSOAS, DE BICICLETAS
_ PAVIMENTO DURO— LAJEADO E MICROCUBODE GRANITO

P.03 PERCURSOS NAS MARGENS DO RIO ESTE
_ IMPACTE VISUAL MÍNIMO— ADOSSADO AO TERRENO
_ PERMEÁVEL
_ PAVIMENTO E PASSADIÇOS EM MADEIRA

P.04 PRAÇA CENTRO
_ TERRAPLANADO
_ PERMEÁVEL
_ SOLO COMPACTADO DELIMITADO POR BANCO EM GRANITO

P.05 PERCURSOS ENCOSTA — CIRCUITO DE MANUTENÇÃO
_ IMPACTE VISUAL MÍNIMO— ADOSSADO AO TERRENO
_ CIRCULÇÃO DE PESSOAS E DE BICICLETAS
_ BETÃO DETUMINOSO

P.06 _ IMPACTE VISUAL MÍNIMO— ADOSSADO AO TERRENO
_ AVANÇO RÁPIDO NO TERRENO
_ BLOCOS DE BETÃO PRÉ-FABRICADOS

P.07 LIGAÇÃO NASCENTE--POENTE
_ IMPACTE VISUAL MÍNIMO
_ PLACAS [SOBRAS] DE GRANITO

P.08 PRAÇA DESPORTO
_ PLATAFORMAS NIVELADAS DE ACESSO AOS TERRENOS DE JOGO
_ PAVIMENTO DURO

P.09 PERCURSO JARDINS TEMÁTICOS
_ CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, DE CARRINHOS DE BEBÉ E DE BICICLETAS
_ BETÃO BETUMINOSO

P.10 PORTA DE ENTRADA SUL
_ LAJEADO DE GRANITO

Redinamizar o Parque da Ponte envolve necessariamente pensar uma rede de percursos, ponderada em função das necessidades actuais, com pausas e lugares de estar concretos. Nesse sentido, a escolha dos pavimentos, tal como a dos componentes edificados, precisa corroborar as intenções de ligação, de desenho e de uso dos diferentes espaços.

EXEMPLOS DE MATERIAIS



P.01 | GRANITO+BETÃO BETUMINOSO



P.07 | LAJEADO DE GRANITO



P.05 | P.09 | BETÃO BETUMINOSO



P.01 | LAJEADO DE GRANITO JUNTA ABERTA



P.03 | PASSADIÇO EM MADEIRA



P.04 | PAVIMENTO ARENOSO+BANCO EM GRANITO

0 10 50 100m

PORMENORES-TIPO | PROPOSTA

AVENIDA DR. FRANCISCO PIRES GONÇALVES
MOMENTO DE TRANSIÇÃO ENTRE OS JARDINS, A ESTRADA NACIONAL, O RIO

_POSSIBILITAR A TRANSPOSIÇÃO DA DIFERENÇA DE COTAS ENTRE ESTA PLATAFORMA E A COTA INFERIOR JUNTO AO RIO ESTE

_ACESSO AO PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO COM CAPACIDADE PARA 200 LUGARES ADEQUADA ÀS NÚMERO EFECTIVO DE UTILIZADORES DOS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS DOPARQUE

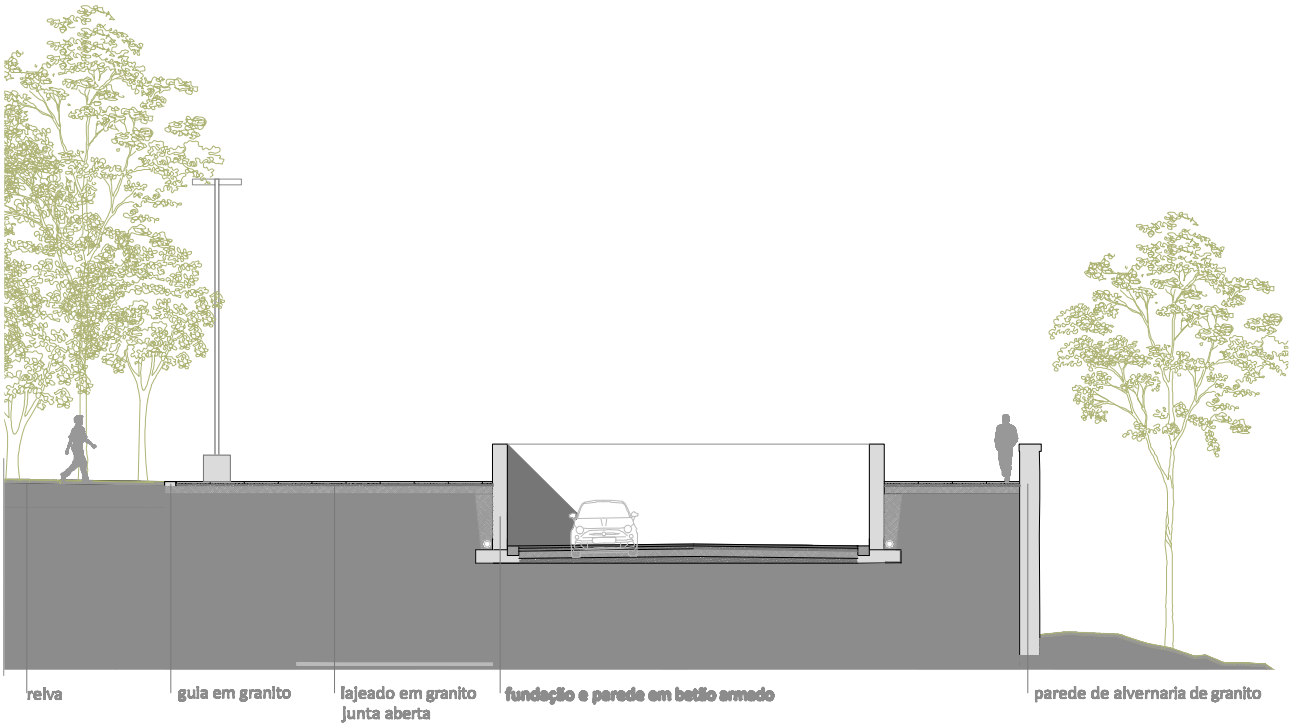
PORMENOR TIPO
AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES
CORTE E PLANTA
ESCALA 1/200

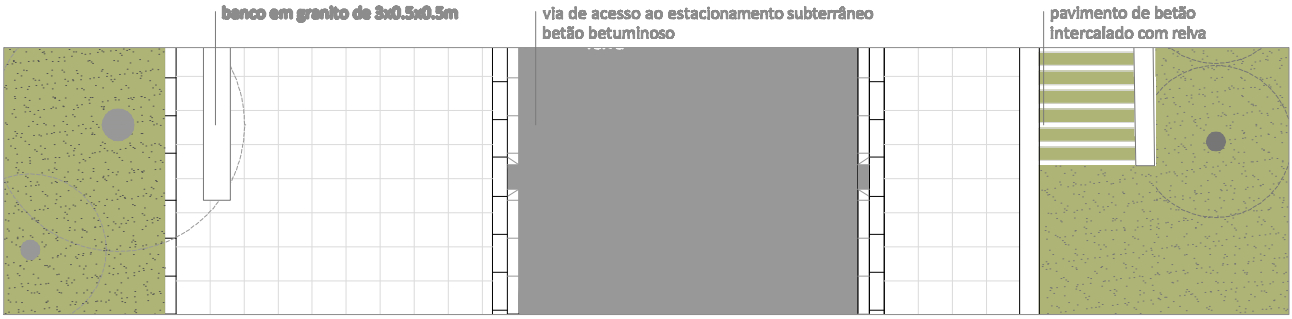
PRAÇA CENTRO
PONTO DE COVERGÊNCIA DOS PERCURSOS

_ PRAÇA ESTRUTURADORA DA INTERVENÇÃO
_ LUGAR DE ESTAR E DE ESCOLHA

Apesar de não se pretender mais do que um estúdio prévio, capaz de apontar e alertar para uma intervenção sobre o Parque da Ponte em ordem a uma resolução urbana e urbanística, em alguns pontos determinantes do parque, momentos-chave da sua transformação, aprofundaram–se algumas questões concretas e acabou por avançar-se na escala do desenho, donde estes pormenores-tipo. Porém, estes apresentam-se , como o restante estudo, no sentido de indicar caminhos e não como desenhos de execução.

PERFIL TERRENO
- PRAÇA CENTRO
ESCALA 1/200


relva
guia em granito
lajeado em granito
junta aberta
fundação e parede em betão armado
parede de alvernaria de granito


banco em granito de 3x0.5x0.5m
via de acesso ao estacionamento subterrâneo
betão betuminoso
pavimento de betão
intercalado com relva


pavimento arenoso
banco em granito
blocos de betão pré-fabricados

BIOFÍSICO | PROPOSTA

B. 01 **ÁGUA**

REDESENHAR O CURSO DO RIO ESTE
SUPRIMIR O BETÃO QUE O ENCAMINHA
_REEQUILIBRAR AS MARGENS
_FOMENTAR INTERACÇÃO DIRECTA DOS CIDADÃOS COM O RIO

B.02 **RELEVO**

RETOMAR A POENTE O DESNÍVEL ORIGINAL DO TERRENO
_INTEGRAR NO PARQUE O SISTEMA PICOTO-GREGÓRIA
_GANHAR ÁREA PERMEÁVEL
_ABSORVER OS DESNÍVEIS ENTRE OS DIVERSOS ESPAÇOS

FLORA

B.03 **RECUPERAR O CORREDOR ECOLÓGICO DO RIO ESTE**
_RECUPERAR A PREDOMINÂNCIA VEGETAL
_QUALIFICAR A ENVOLVENTE DO RIO

B.04 **CONFORMAR UM NOVO ESPAÇO VERDE**
_OFERECER MÚLTIPLAS OPÇÕES DE ESTAR, DE CIRCULAR
_CENTRO DO PARQUE
_NOVO ESPAÇO DE ESTAR, DE INTERACÇÃO, DE CONTACTO COM ELEMENTOS BIOFÍSICOS

B.05 **CRIAÇÃO DE UM PERCURSO ENTRE JARDINS TEMÁTICOS**
ESPÉCIES VEGETAIS AUTÓCTONES E ALÓCTONES
_PROVOCAR O CONTACTO E O INTERESSE DO PÚBLICO PELA FLORA
_ VISITAS CULTURAIS, PEDAGÓGICAS

Da intenção de recuperar a predominância da componente vegetal e de reintegrar os elementos que fazem a singularidade do lugar resulta a proposta de um novo espaço verde urbano contínuo capaz de determinar nos cidadãos uma nova percepção e tipo de utilização do Parque da Ponte.

PLANTA PROPOSTA



NÍVEL DE INTERVENÇÃO HUMANA

NULA _ COBERTURA VEGETAL ESPONTÂNEA
PONDERADA_ TERRENO AGRÍCOLA
TOTAL_ ESPÉCIES VEGETAIS MANTIDAS OU INTRODUZIDAS_ TRATAMENTO URBANÍSTICO

0 10 50 100m

ARBORIZAÇÃO |PROPOSTA

PLANTAÇÃO E MANUTENÇÃO DAS ESPÉCIES DE FOLHA CADUCA

NOVA ENVOLVENTE DO RIO

_INCREMENTAR A DENSIDADE ARBÓREA NOMEADAMENTE EM ESPÉCIES RIPÍCULAS

NA PRAÇA CENTRO POENTE

_ LUGAR DE ESTAR MARCADO PELAS ESTAÇÕES DO ANO

_ SOMBRA NO VERÃO E SOL NO INVERNO

PLANTAÇÃO E MANUTENÇÃO DAS ESPÉCIES DE FOLHA PERSISTENTE

MASSA ARBÓREA DE DELIMITAÇÃO DA ENVOLVENTE DO RIO

_COMPLEMENTAR A NOVA AVENIDA DR. PIRES GONÇALVES

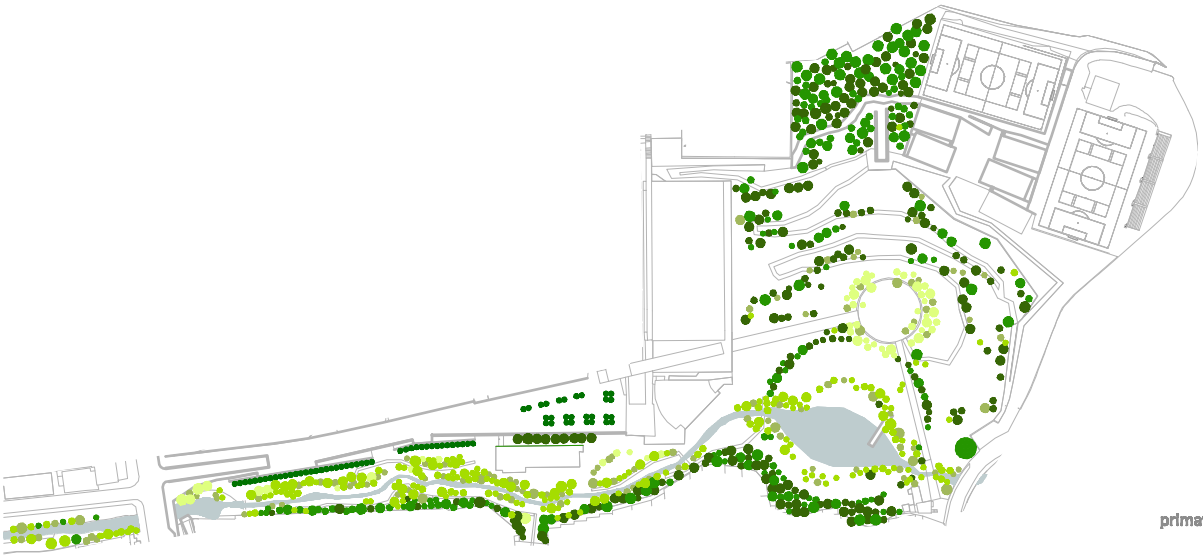
_ATENUAR O IMPACTE VISUAL DAS TRASEIRAS DESQUALIFICADAS

PRESENÇA PONTUAL DE ELEMENTOS VERTICAIS NA NOVA SUPERFÍCIE RELVADA A POENTE

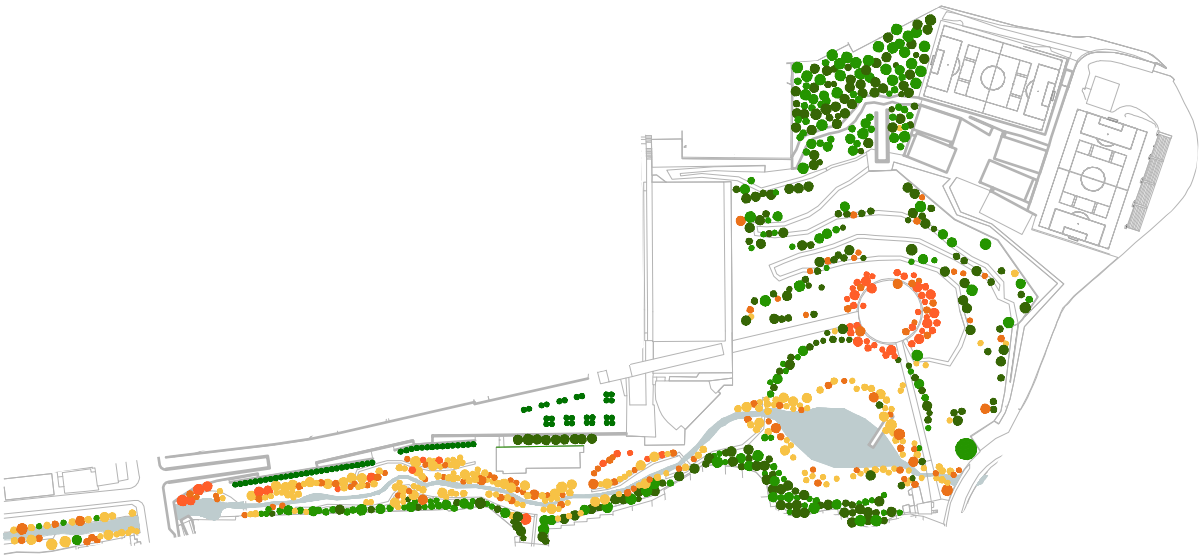
_ EQUILIBRO LUZ E SOMBRA

A vontade de recuperar espaço verde de interacção com espécies biofísicas motiva um plano ponderado da arborização a manter e dos indivíduos a introduzir no sentido de contrariar a percentagem de terreno impermeável e de conformar um espaço uno e sensível aos ciclos de vida destes elementos.

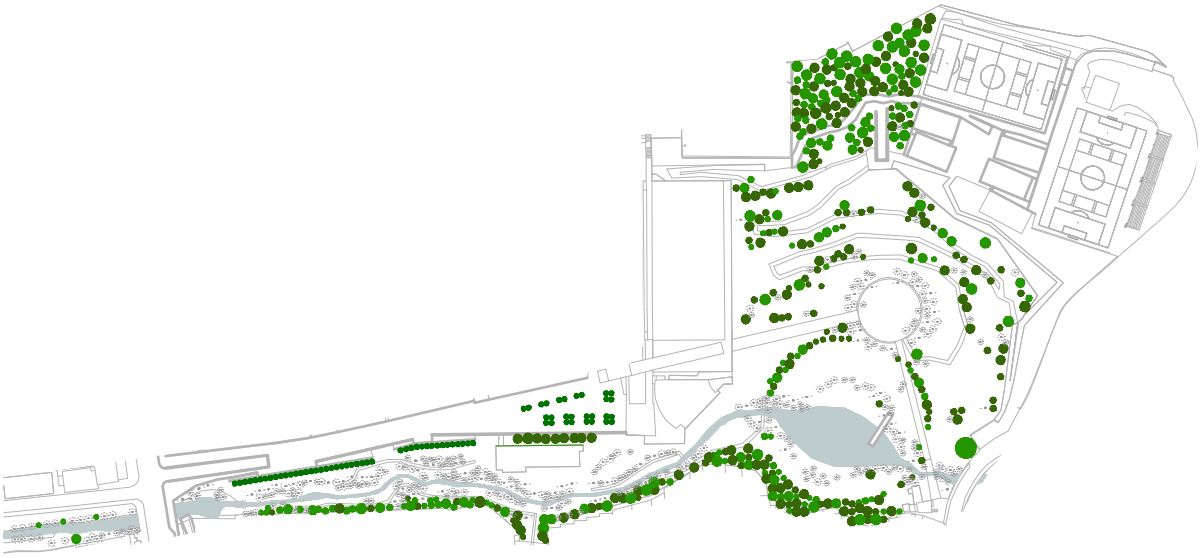
ESQUEMA ARBORIZAÇÃO
SEGUNDO AS ESTAÇÕES DO ANO



primavera | verão



outono



Inverno

FUNÇÕES | PROPOSTA

F. 01 **REAJUSTE PROGRAMÁTICO DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES**
_ TORNÁ-LO MUSEU , ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, COM POSSIBILIDADE, A POENTE, DE USUFRUIR DO ESPAÇO EXTERIOR

F.02 **CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRENOS DEDICADOS À PRÁTICA DESPORTIVA**
_ COMPLEMENTA OS DOIS CAMPOS DE FUTEBOL EXISTENTES E EM FUNCIONAMENTO

F.03 **CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO DE DOIS PISOS E COBERTURA VISITÁVEL**
_ TERRAÇO SOBRE O PARQUE E SOBRE A CIDADE
_ CAFÉ E ESPAÇO DE LEITURA, DE REALIZAÇÃO DE EXPOSIÇÕES TEMPORAIS INFORMAIS OU APRESENTAÇÕES DE LIVROS

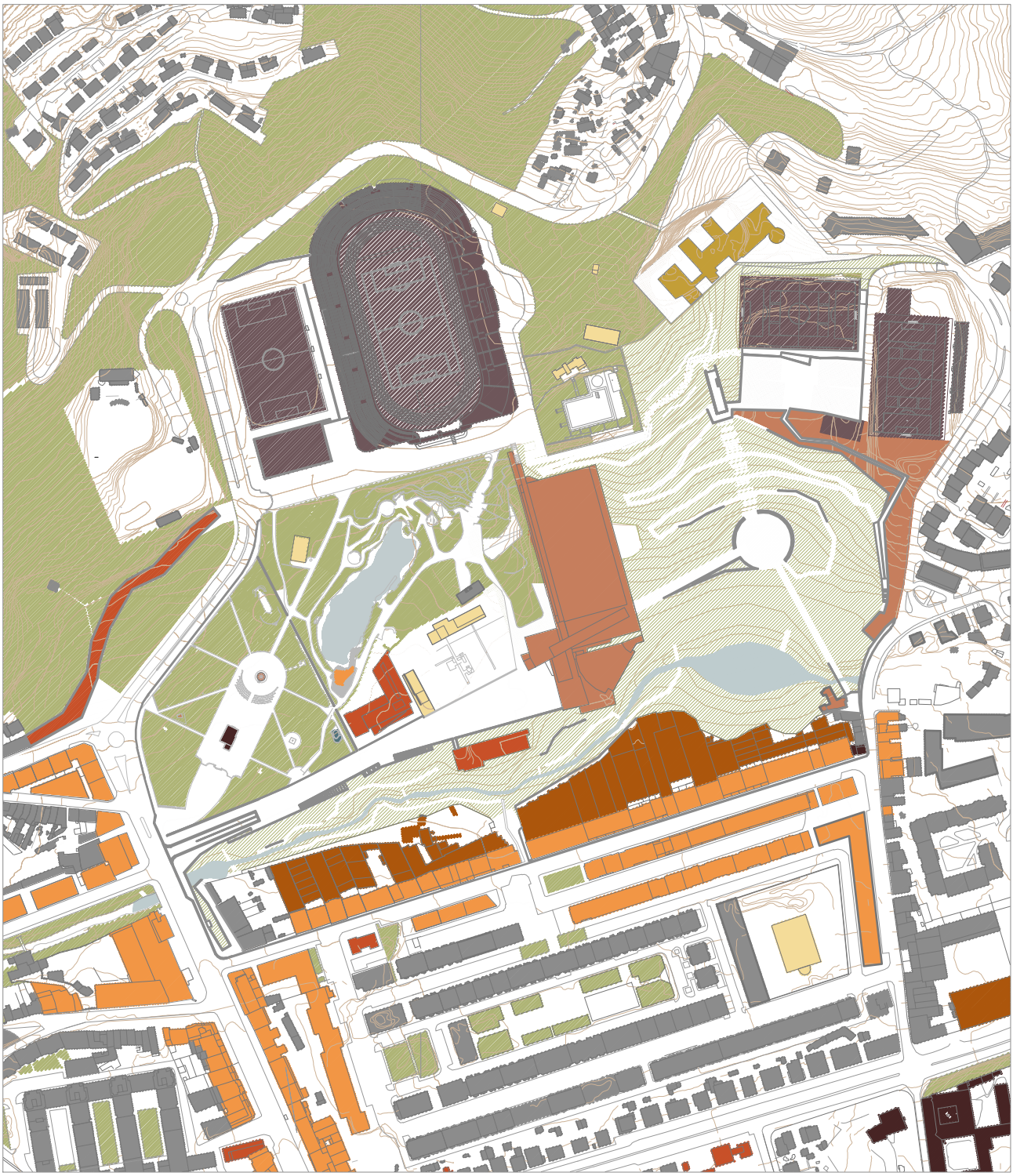
F.04 **DESENHO E PLANTAÇÃO DE UMA FRANJA DE JARDINS TEMÁTICOS**
_ PERCURSO CULTURAL, PEDAGÓGICO E, POSSIVELMENTE, DE INVESTIGAÇÃO
_ EDIFÍCIO DE ARRECADAÇÃO DO MATERIAL DE MANUTENÇÃO DO PARQUE

F.05 **RECUPERAÇÃO DO ANTIGO MOINHO JUNTO À PONTE DOS PELAMES**
_ PORTA DE ENTRADA NO PARQUE
_ BASE DA SEGURANÇA DO PARQUE
_ VENDA DE BILHETES PARA EVENTOS CULTURAIS E RECREATIVOS
_ LUGAR DE OFICINAS ESPORÁDICAS DE CONTACTO COM A FLORA E A FAUNA

F.06 **ADAPTAÇÃO ÀS NOVAS NECESSIDADES URBANAS DOS EQUIPAMENTOS DA ZONA NASCENTE**
_ RECUPERAR O PARQUE DE CAMPISMO E O PAVILHÃO DO ABC
_ USOS ALTERNATIVOS NO ESTÁDIO 1º DE MAIO E NO CAMPO DE TREINOS

Pensar um espaço verde qualificado e potenciador de espaços de relação dos cidadãos com elementos biofísicos introduzidos ou pré-existentes, compreendemo-lo no decorrer da investigação teórica, não valida parque urbano nas cidades contemporâneas. No sentido de contrariar a segregação funcional que diagnosticámos, insistimos na criação de novos usos geradores de fluxos regulares capazes de originar uma nova dinâmica e capaz, inclusivamente, de incorporar as forças pré-existentes.

PLANTA PROPOSTA



FUNÇÕES

HABITAÇÃO
DESPORTO
RELIGIÃO

CULTURA
INDÚSTRIA
ESCOLAS

SERVIÇOS PRIVADOS
COMÉRCIO| RESTAURAÇÃO
EQUIPAMENTOS | SERVIÇOS PÚBLICOS

0 10 50 100m

Se com o avanço da investigação teórico-prática consolidámos como premissa fundamental, da validade e da pertença do parque à estrutura e à dinâmica urbanas, a de constituir-se como sistema de relações ordenado, regulador da coexistência dos seus componentes e da participação de cada um nos subsistemas que determinam cidade, precisamos conferir a pertinência da intervenção proposta confirmando as interacções que implica e como afecta o equilíbrio do sistema urbano.

Seguidamente, apresentam-se as imagens permanentemente tidas em mente durante o processo de trabalho: as plantas do subsistema espaços verdes urbanos. A planta da situação actual que se pretende transformar e a do resultado da reflexão e da proposta de intervenção em ordem a um novo parque urbano eficaz e consciente do potencial único dada a proximidade ao centro da cidade de Braga.





0 20 100 200m

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, 1816-1884, *Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias..,* Braga : Barbosa & Xavier, 2006.p.449

[2] Ritter, Joachim, *Paysage : fonction de esthétique dans la société moderne : accompagné de L'ascension du mont Ventoux, de Pétraque et La promenade, de Schiller*. Besançon : Les Éd. de L'Imprimeur, cop. 1997. *p. 59*

[3] Oliveira, Eduardo Pires de*, Braga pittoresca ou a verdadeira cyntra do norte : duas litografias de Braga de 1858*. Braga : Universidade do Minho, 2006.p.131-139

[4] Costa, Luís, *Para a história de Braga,* Braga : APPACDM, 1995. p.9

[5] *Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Dicionario Geográfico. Memorias Paroquiais corrigidas pelo Padre Luis Cardoso. Memória 57.* 26 Maio 1758

[6] Alcino Soutinho no concurso de ideias para a construção de uma unidade hoteleira no Monte Picoto in *Câmara Municipal de Braga, Monte picoto: cinco ideias. Braga : C.M., 1982. p. 10*

[7] Gonçalo Byrne no concurso de ideias para a construção de uma unidade hoteleira no Monte Picoto in *Câmara Municipal de Braga, Monte picoto: cinco ideias. Braga : C.M., 1982. p. 40*

[8] ibidem

[9] Oliveira, Eduardo Pires de - *O S. João : breve antologia histórica.* Braga : Soares dos Reis, 1983

[10] Costa, Luís - *Braga : roteiro histórico e monumental : extra-muros.* Braga : APPACDM Distrital, 1998

[11] Oliveira, Eduardo Pires de, *Braga pittoresca ou a verdadeira cyntra do norte : duas litografias de Braga de 1858,* Braga : Universidade do Minho, 2006.

[12] Rio, João Pereira do - *Memorias do Parque de S. João da Ponte.* Braga : [s.n.], 1925.

[13] Citação de um documento de Janeiro de 1882 *transcrita em Oliveira, Eduardo Pires de - Arte religiosa e artistas em Braga e sua região (1870-1920).* Braga : APPACDM, 1999. p.127

[14] Pimentel, Diogo P.F.S. *Memorias do Bom Jesus ou Breve noticia de Braga. 4ª ed. Lisboa.* Lallemert Freres,1883. p. 144

[15] Citação de um documento de Maio de 1915 transcrita em Oliveira, Eduardo Pires de - *Arte religiosa e artistas em Braga e sua região (1870-1920).* Braga : APPACDM, 1999. p.128-129

[16] *Cidade e democracia : 30 anos de transformação urbana em Portugal : 30 años de transformación urbana en Portugal.* Lisboa : Argumentum, 2006.p.146

[17] Notícia da edição de 30 de Junho de1923 do jornal Diario do Minho transcrita em Oliveira, Eduardo Pires de - O Parque da Ponte—breve introdução histórica, 2004.

[18] Notícia da edição de 21 de Junho de 1927 do jornal Correio do Minho transcrita em Oliveira, Eduardo Pires de - OParque da Ponte—breve introdução histórica, 2004.

[19] Editorial do dia 20 de Setembro de 1925 do jornal *Diário do Minho* transcrita em Oliveira, Eduardo Pires de - o Parque da Ponte—breve introdução histórica, 2004.

[20] Segundo o artigo de Março de 1009 do jornal Público.

[20] Informações retiradas do programa definido pela Câmara Municipal em Regulamento Videoteca Municipal disponível na página web http://www.cm-braga.pt/wps/wcm/connect/24b88e004020f0389338d35197f99830/0301_RegVideoteca.pdf?MOD=AJPERES acedida em 27 de Julho de 2009.

[22] Segundo o site do clube *http://www.abcdebraga.com* acedido em 27 de Julho de 2009.

[23] AAVV, Lotus International, n. º 63, Março 1989. p.62.

[24] Roche, François, *Materias, un inventario de tecnología primaria in AAVV, 2G, n.º 3, Landscape Architecture,* 1997/III. p. 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito estratégico, definido *a priori,* da escolha de um estudo teórico e de um objecto prático, simultâneos e construídos um para o outro, revelou-se directiva segura no desenvolvimento de um trabalho coerente e consequente. Interdependentes, estes dois momentos complementam-se e concorrem no mesmo objectivo, a compreensão do que é parque urbano, do que o implica e do que implica na cidade.

Sem encerrar a problematização e sem a pretensão de afirmar respondidas todas as questões, este ensaio permitiu ordenar as premissas de um novo modo de pensar, de posicionar-se face à realidade urbana. Como perspectivado, conseguiu aflorar-se a complexidade dos fenómenos inerentes ao organismo vivo que é a cidade. Compreendeu-se como o parque pertencente à estrutura urbana encerra uma série de relações, implica interacções e sobretudo (inter) dependências com os demais constituintes, determinando-a.

Do aprofundamento do binómio parque—cidade, percebemos igualmente como cada peça urbana, e não exclusivamente o parque, envolve implicações directas no sistema a que pertence pelo que jamais pode ser entendida ou resolvida desconsiderando o contexto que a dita e que , por sua vez, influencia.

Esta problematização permanentemente concretizada a duas escalas, do parque e da urbe, reitera o interesse que motivou este tema, este caminho. Assim, mais do que fechar um percurso, tomaram forma premissas que importa continuar a investigar já que cresceu a vontade, a necessidade de pensar, de conhecer a cidade contemporânea para fazer arquitectura.

No que respeita o parque urbano e as elações da reflexão sobre o tema escolhido, este trabalho permitiu aprofundar a necessidade humana, só aparentemente paradoxal, de construir uma esfera adequada às suas exigências — artificial, humanizada, produzida porque totalmente gerida e resultado da sua actuação sobre a superfície terrestre disponível — e de manter e cultivar possibilidades diversas de reencontrar os significados do território e das formas de vida anterior à sua existência.

De entre as múltiplas concretizações humanas, o parque é, actualmente, espaço verde urbano privilegiado, de estar e de ser pertencente à estrutura urbana de que o cidadão depende; lugar de características singulares no contexto urbanizado, onde consciente da sua condição de modelador do território procura relacionar-se com os elementos que não consegue produzir buscando as sensações que as suas produções não conseguem igualar.

Produto humano como qualquer outra resposta à exigência da cidade, o parque pela presença, concentração e organização de elementos vegetais, com crescimento e desenvolvimento próprios, ainda que controlados e manipulados com objectivos pré-determinados, é o lugar onde o cidadão pretende distanciar-se dos ritmos do trabalho e do quotidiano urbanos e metódicos sem, no entanto, afastar-se das suas referências, perder as suas referências de ser humano.

Momento privilegiado de posicionar-se face ao que o rodeia, de desprender-se das invariantes diárias, mesmo que repleto de sinais e de símbolos da urbe dos quais o indivíduo precisa constantemente, o parque é lugar onde reencontra a sua relação primitiva com a superfície terrestre, de entender o seu lugar no mundo e nos ciclos de vida independentes das obrigações que cumpre voluntariamente.

À necessidade primordial, quase inconsciente mas persistente, de contactar com flora e fauna, o homem contemporâneo, acrescenta o desígnio de pausa nas suas rotinas e de reequilíbrio físico e mental e a necessidade de produtos seus, urbanos, respostas às suas exigências de seres pensantes e construtores.

Então, o parque urbano precisa concentrar componentes biofísicos, organismos com ciclos de vida próprios, independentes da existência humana, e controlar e potenciar, racionalmente o seu crescimento na estrutura urbana somando componentes urbanos, planeados e construídos para aprrender e conviver com os primeiros, dos quais depende.

Com a escolha de um objecto e de um contexto perfeitamente definidos ancorou-se a problematização sobre o parque como microssistema urbano e verificaram-se as questões de pertença à cidade que lhe estão subjacentes. Mais, compreendeu-se a importância de constitui-lo estrutura de relações, ordenada e ordenadora, responsável por um impacte concreto e definido por um tipo de utilização e um carácter específicos.

Concretamente, um parque urbano eficaz precisa pertencer aos vários subsistemas urbanos e sobretudo, internamente, da conjugação e do diálogo eficaz de espaços de vocações distintas, especializados e complementares, capazes de constituírem-se objectivos de uma deslocação, de uma experiência.

O cidadão actual espera do parque inscrito na malha urbana, mais do que desprender-se dela, ao reintegrar os elementos que primitivamente caracterizaram a superfície terrestre,um momento complementar de todas as respostas que consegue produzir e de que dispõe na cidade.

Fundamentar uma proposta de intervenção para o Parque da Ponte em Braga de modo que possa ser convertido em momento urbano inscrito e participante na dinâmica urbana e no quotidiano dos bracarenses corresponde à síntese dos conhecimentos assimilados ao longo da investigação. Apreendida a especificidade deste objecto e os motivos da falha como microssistema da cidade, a proposta pretendeu reencontrar um espaço uno e coerente entre a diversidade de momentos e de significados que, paulatinamente, foram construídos no lugar entre o Monte Picoto e o Rio Este, entre a Ponte de São João e a dos Pelames, e que, sucessivamente, puseram em causa o espaço primordial de uso público, de estar e de passeio.

Motivo e motor da problematização sobre o conceito, a proposta de intervenção sobre o Parque da Ponte reflecte um raciocínio ponderado sobre as fragilidades e potencialidades intrínsecas ao objecto mas sobretudo a resolução das exigências contemporâneas decorrentes da demanda humana e primordial, individual e colectiva, de *reconciliação* com os elementos da superfície terrestre no contexto urbano.

Ensaiar um parque urbano pertinente e eficaz é compreender e aliar esse desígnio, quase inconsciente e intemporal, à imprescindibilidade de dar resposta a motivos e interesses calculados, pré-determinados intrínsecos ao comportamento humano contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV, 2G, n.º 3, Landscape Architecture, 1997/III. p. 8.

AAVV, Arquitectura e Vida, n.º51, Agosto 2004.

AAVV, Lotus International n.º 88, Setembro 1996

AAVV, Lotus International, n. º 63, Março 1989

AAVV, On site - Landscape Architecture Europe, Landscape Architecture Europe Foundation(LAE) , Basel: Birkhäuser Verlag AG, 2009

AAVV, The architecture of landscape : 1940-1960. Philadelphia : PENN, cop. 2002.

ASPA – Parque de S.João da Ponte ou um museu a céu descoberto. Visita guiada. Braga, ASPA, 1984.

Baljon, Lodewijk - Parks : green urban spaces in european cities : grüne freiräume in europas städten. München : Callwey, 2002.Edition Topos.

Belmiro Pinto da Silva, J., Gomes, P. - Braga: os tempos e o lugar... . Paços de Ferreira : Anégia, 1998

Bollnow, O. Friedrich - Hombre y espacio. Barcelona : Labor Ed., 1969

Câmara Municipal de Braga— Monte Picoto : cinco ideias. Braga : C.M., 1982.

Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos Porto 2006 - Parques urbanos e metropolitanos : manual de boas práticas : manual of good practice. Porto : Câmara Municipal, 2006

Cortesi, Isotta, Il parco pubblico : paesaggi 1985-2000 - Milano : Federico Motta, 2000.

Costa, Luís - Braga : roteiro histórico e monumental: extra-muros. Braga : APPACDM Distrital, 1998

Costa, Luís - Braga : roteiro monumental e histórico do centro cívico . Braga: C.M., 1985

Costa, Luís - Para a história de Braga. Braga : APPACDM, 1995.

Dictionaire de l'urbanisme et de l'aménagement / publié sous la direction de Pierre Merlin et Françoise Choay ; coordination génerale de Pierre Merlin. - 1ere. ed.. - Paris : Presses Universitaires de France, 1988

Domingues, Álvaro - Cidade e democracia : 30 anos de transformação urbana em Portugal : 30 años de transformación urbana en Portugal. Lisboa : Argumentum, 2006

Feio, Alberto - Coisas memoráveis de Braga e outros textos. Braga: Biblioteca Pública : Univ. do Minho, 1984

Gausa, Manuel - Diccionario Metapolis arquitectura avanzada. Barcelona : ACTAR, 2001

Kaplan, R. - With people in mind: design and management of everyday nature, 1998

Kienast, Dieter - Parks und Friedhöfe. Basel : Birkhäuser, 2002.

Laborit, Henri - O homem e a cidade. Mem Martins : Publicações Europa-América, 1990

Le Dantec, J.P. - Jardins et paysages: une anthologie. Paris: Éditions de la Villette, 2003

Manso, Álvaro - Espaços exteriores urbanos sustentáveis : guia de concepção ambiental. [Lisboa] : MES, [2000?]

McHarg, Ian - Proyectar com la naturaleza, Gustavo Gili,2000 (1ºediçao inglesa 1967)

Oliveira, Eduardo Pires de - A Freguesia de S. José de S. Lázaro (1747-1797). Braga, Junta de Freguesia de S. Lázaro, 1999

Oliveira, Eduardo Pires de - A Freguesia de S. Vítor. Braga, Junta de Freguesia de S. Vítor, 1999

Oliveira, Eduardo Pires de - Arte religiosa e artistas em Braga e sua região (1870-1920). Braga : APPACDM, 1999

Oliveira, Eduardo Pires de - As alterações toponímicas (1380-1980) .Braga: ASPA, 1982

Oliveira, Eduardo Pires de - Braga pittoresca ou a verdadeira cyntra do norte : duas litografias de Braga de 1858, Braga: Universidade do Minho, 2006.- Separata de forum, Braga, 39, Janeiro-Junho 2006

Oliveira, Eduardo Pires de - Estudos de arqueologia de Braga e Minho Braga : APPACDM, 1998

Oliveira, Eduardo Pires de - Estudos sobre Braga e Minho nos séculos XVII e XVIII : história e arte. Braga : APPACDM Distrital de Braga, 1996

Oliveira, Eduardo Pires de - O S. João : breve antologia histórica. Braga : Soares dos Reis, 1983

Oliveira, Eduardo Pires de - Para o estudo da imagem de Braga, o postal ilustrado. Braga: ASPA, 1979

Oliveira, Eduardo Pires de - Riscar, em Braga, no século XVIII e outros ensaios. Braga : ed. APPACDM, 2001

Oliveira, Eduardo Pires de, - Estudos sobre o século XVIII em Braga: história e arte - Braga : APPACDM Distrital de Braga, 1993

Oliveira, Eduardo Pires de, Moura, Eduardo Souto - Braga : evolução da estrutura urbana - Braga : C.M., 1982. Catálogo de uma exposição

Oliveira, Eduardo Pires de; Moura, Eduardo Souto; Lopes, João - Estudos Bracarenses. 3 Braga

Oliveira, Eduardo Pires de; Nunes, Henrique Barreto - Antiga Braga: fotografias : [exposição] Museu dos Biscainhos 21 Junho - 2 Julho 1978 / ASPA ; catálogo

Palomo, Pedro J. Salvador - La Planificación Verde en Las Ciudades , Gustavo Gili, Barcelona, 2003

Pardal, Sidónio -Parque da cidade do Porto=Porto city park : ideia e paisagem=idea and landscape . Porto : Câmara Municipal, 2006.

Portas, Nuno - A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica. Lisboa : Livros Horizonte, [1969], 3ª edição 2007

Rémy, Jean - A cidade : rumo a uma nova definição?. Porto : Afrontamento, 1997.(1ª edição 1992)

Rio, João Pereira do - Memorias do Parque de S. João da Ponte. Braga: [s.n.], 1925.

Rocha, Manuel Joaquim Moreira da - Arquitectura civil e religiosa de Braga nos séculos XVII e XVIII: os homens e as obras. Braga : [s.n.], 1994. (Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão)

Smith, Robert Chester - Três estudos bracarenses. Braga : Livraria Cruz, 1972.

Wilson , Edward O. - La creación: Salvemos la vida en la Tierra. Buenos Aires. Katz: 2006.

Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, 1816-1884, Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias... ,Braga : Barbosa & Xavier, 2006.

REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

http://patrimoniodebraga.blogspot.com/ [23julho2009]

http://beatonuno.blogs.sapo.pt/ [17fevereiro2009]

http://bragamonumental.blogs.sapo.pt/arquivo/826362.html [27julho2009]

http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/AE0F06F0-A06F-4C0D-B469-230960E04B30/1720/Glossario.pdf [17junho2009]

http://www.correiodominho.pt/noticias.php?id=851 [27julho2009]

http://www.scbraga.pt/scbraga.php?tipo=clube&id=6 [27julho2009]

http://www.abcdebraga.com. [27julho2009]

FONTES

Câmara Municipal de Braga
Cartografia em suporte digital da cidade de Braga

Arquitecto Fernando Jorge | Eduardo Pires de Oliveira
Extracto adaptado de estudo para Plano Pormenor para o Parque da Ponte. Setembro 2004